

# CLÁSSICOS DA GALIZA





# Poesias Completas

Coleção “Clássicos da Galiza”

Volume 7

POESIAS COMPLETAS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

[www.aglp.net](http://www.aglp.net)

© Edições da Galiza, 2011

Roselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

[polifona@polifona.com](mailto:polifona@polifona.com)

[www.polifona.com](http://www.polifona.com)

Adaptação e notas: Ramon Reimunde

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: Ângelo Brea, Fernando Corredoira e Carlos Durão.

Adaptação, fotografias, introdução, frases e glossário: Ramon Reimunde

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-8-3

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

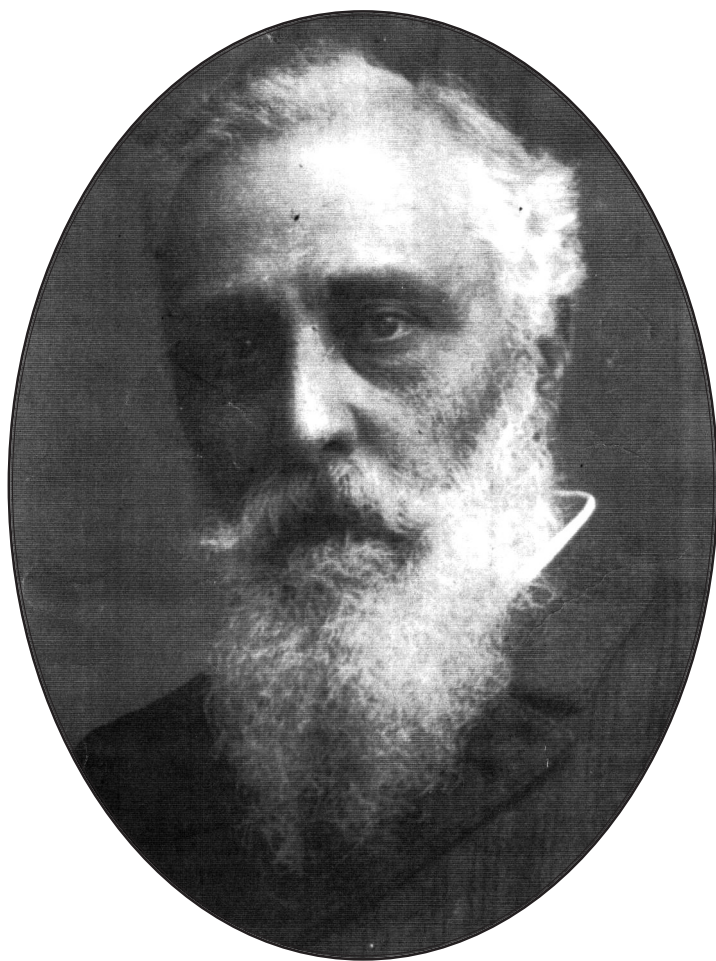
# Poesias Completas

Manuel Leiras Pulpeiro



## ÍNDICE

PRELÚDIO	9
INTRODUÇÃO	13
FRASES CARACTERÍSTICAS MINDONIENSES	
USADAS POR LEIRAS	33
GLOSSÁRIO [DE PALAVRAS MINDONIENSES]	37
 <i><b>POESIAS COMPLETAS:</b></i>	 <b>49</b>
EDIÇÃO 1911	51
EDIÇÃO 1970	117
EDIÇÃO 1998	139
EDIÇÃO 1930 (QUADRAS)	143
EDIÇÃO 1930 (TRÍADAS)	149
EDIÇÃO Nós 1930 (POESIAS)	155
 BIBLIOGRAFIA	 283





## PRELÚDIO

Este volume recolhe o conjunto da produção lírica de Manuel Leiras Pulpeiro (Mondonhedo 1854-1912), a da sua própria autoria e aquela outra que ouviu dos lábios dos seus pacientes e vizinhos da cidade de Mondonhedo e das terras banhadas “Mar ao Norte” pelo Cantábrico.

Contemporâneo dos “filhos” de Charles Baudelaire, Leiras nasceu pouco depois que Mallarmé e Verlaine, no mesmo ano que Arthur Rimbaud (1854), e, embora não tenha com eles paralelismos estéticos, sim leva consigo a etiqueta de poeta maldito. Os seus “pecados” foram múltiplos e variados: num ambiente em que ainda vigorava a estrutura social em estamentos -a marca do Antigo Regime-, namorou-se duma plebeia e casou -só civilmente- com ela; em plena capital da província eclesiástica mindoniense, com poder absoluto da mitra diocesana, defendeu o Estado laico e pediu que à sua morte fosse enterrado fora dos limites do cemitério católico; declarou-se republicano em plena efervescência da monarquia de Afonso XII e manteve-se firme nas suas ideias tanto durante a regência da viúva Maria Cristina de Áustria quanto nos primeiros anos do reinado de Afonso XIII. Por se isto não fosse suficiente para receber a desqualificação de rebelde e imoral, ainda protagonizou uma maior ousadia: numa Galiza subalterna, nação sem sistema político próprio, exerceu de galego e escreveu literatura no idioma popular, o mesmo que falavam as massas iletradas.

Do ponto de vista da estética, a poesia de Leiras está distante de Simbolismo e Decadentismo dos seus coetâneos, mas o nosso autor poderia assumir como próprios aqueles versos com que o mestre francês qualifica a sua vida como “uma tenebrosa tormenta // atravessada por vezes por sóis deslumbrantes. // Com os seus tronos e chuvas descarregou violenta e arrastou da minha horta as flores mais fragrantas”. No panorama literário galego, Leiras é da mesma idade que o menor dos três grandes do Rexurdimento, Manuel Curros Henriques (1851-1908), porém a sua obra está mais relacionada com a de Valentim Lamas (1849-1906) e os epígonos oitocentistas. Ao estilo dos integrantes da Escola Formalis-

ta (Eugénio Carré Aldao, Florêncio Vaamonde Lores, Manuel Lugris Freire, Aurélio Ribalta, Evaristo Martelo, Francisco Tettamancy...) renuncia às inovações do Modernismo chegado das Américas -que alguns galegos imitavam escrevendo em castelhano- e mantém-se fiel à tradição da lírica popular galega. É continuador da literatura costumista que exalta a paisagem e a natureza como emblema patriótico à vez que faz reflexão de tom melancólico condimentado com pingas de humorismo popular. Noutras palavras: no trânsito entre os séculos XIX e XX, Manuel Leiras escreve com o estilo dos Precursores (Anhom; Pintos...) da parte central do século (1828-1863).

Em qualquer caso, esta preferência pelos conteúdos locais não impede uma leitura profunda e emotiva às pessoas que desconheçam o nosso país. Além dos poemas centrados em Mondonhede e no seu âmbito geográfico mais imediato ("Um galo", "Cunquinha deleitosa"...), que talvez interessem a um público mais restrito, a generalidade da poesia contida neste volume é significativa na Galiza inteira e, muita dela, também no espaço dos países lusófonos, que saíram da raiz galega. De alcance universal é o erotismo presente em diversos poemas, como universal é a situação de precariedade económica a que se alude noutros, a necessidade de "Pão e paz" ou a evidência da morte como equilíbrio ("Assim é") após uma vida marcada pelas desigualdades. Contudo, a voz de Leiras é essencialmente popular (no sentido que lhe dava Ramon O. Pedraio ao se referir a "o saber do povo"); corresponde a um povo inteiro, não a uma classe ou segmento. A sua é a épica galega, a voz que se alça resistente aos abusos externos; a das pessoas humildes que confiam na aplicação da Razão à gestão política como mecanismo superador dos obstáculos. Mas também há reflexão crítica nos seus versos, não faltam as referências ao ódio pelo próprio e à carência de autoestima dos povos submetidos.

Na altura em que se cumpre o primeiro centenário da morte do Poeta da Marinha mindoniense, a Academia Galega da Língua Portuguesa faz justiça ao lhe tributar merecida homenagem com a presente edição realizada pelo máximo especialista na sua vida e obra poética. Ramon

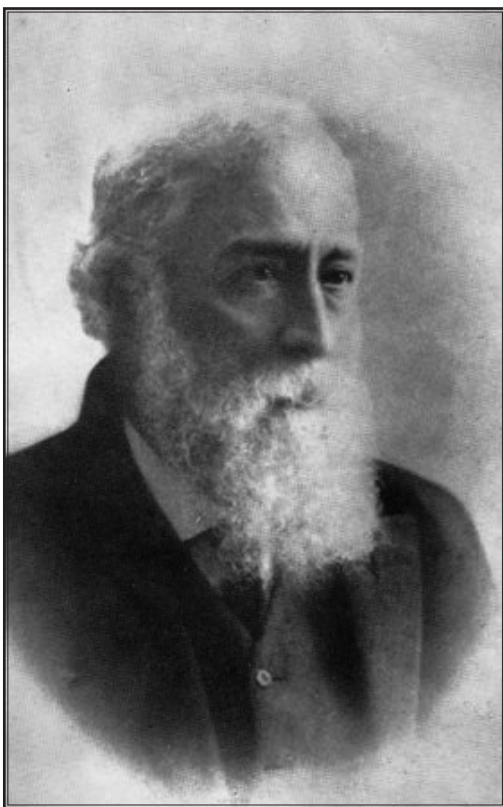
Reimunde Noreinha (Foz; 1949), académico numerário e Catedrático de Língua e Literatura, é autor da obra fundamental para a recuperação da obra lírica de Leiras após décadas de silêncio obrigado -Poesia completa de Leiras Pulpeiro (Sotelo Blanco; 1984)- e em qualidade de editor -tanto na perspectiva filológica quanto na bibliográfica- resgatou e deu a conhecer os Costumes antigos de Galiza (1999), um genial trabalho de carácter etnográfico realizado pelo galeno de Mondonhedo durante o primeiro decénio do século XX.

Conhecedor da poesia de Leiras desde a infância -porque a tinha na biblioteca familiar do Dr. Atilano Basanta, que praticava a Medicina de jeito altruísta, e porque na sua casa se falava assiduamente daquele outro “médico dos pobres”-, Reimunde Noreinha deixou-se seduzir pela figura progressista do investigado e conseguiu um objetivo duplo: fazer uma versão diáfana para o grande público; e conservar a essência dos versos originais. As numerosas notas a rodapé que acompanham todos e cada um dos poemas são utilíssimas para entendermos as particularidades lexicais e morfológicas da fala mindoniense; e o glossário facilita notavelmente a aproximação entre a obra de Leiras e as pessoas que desconhecem a cultura tradicional, quer por serem jovens quer por viverem em contextos culturais afastados do nosso.

Manuel Leiras Pulpeiro -poeta, compilador de lírica popular, médico forense, ensaísta e, por cima de tudo, cidadão exemplar sempre reivindicando perante as hierarquias as melhoras para o povo mais humilde- era bem merecedor de uma edição como esta. Por fim o seu humanismo e a sua obra singela estão ao alcance de milhões de pessoas de todo o mundo e podem atingir dimensão universal.

**Pfr. Bernardo Penabade**

(Cervo, 17, maio 2012)



## INTRODUÇÃO

### *1.1. A vida e a figura de Leiras Pulpeiro*

Manuel Leiras Pulpeiro (1854-1912) nasceu, viveu e morreu na velha cidade levítica e senhorial de Mondonhedo, antiga capital de província até 1833; centro irradiador do poder eclesiástico e de feiras das São Lucas que reuniam multidões; berço de artistas, artesãos, músicos, políticos e escritores que criaram algumas das melhores obras do nosso país; imersa na quietude e paz natural do seu vale e vivendo conforme à cultura cívica experimentada durante os longos séculos da sua história.

Da vida de Leiras em Mondonhedo temos uma informação abundante, mesmo rica em minúsculas anedotas vilegas que os cronistas locais e a tradição oral nos transmitiram. Mas dessa vida provinciana e nem sempre tranquila, sabemos uma pequena parte, tendo que saltar muitos anos sem dados duma vida intensa de profissional da Medicina, de militante político republicano e de poeta.

Parece oportuno compilar um resumo da sua biografia mediante o sincretismo das diferentes versões que os seus biógrafos e editores têm realizado, contrastando essas informações e escolhendo as mais fiáveis e interessantes para fixarmos a sua figura e as datas relevantes da sua vida<sup>1</sup>, de que faremos a seguir um resumo breve, fornecendo em notas de rodapé a informação da fonte de que partimos, para o caso de que o leitor interessado queira verificar ou ampliar essas notícias.

Leiras nasceu na casa número 28 da rua de Pacheco<sup>2</sup> também conhecida como Rua da Ronda; tal como aparece na certidão de baptizado, no dia 25 de outubro de 1854, e era filho de Vicente Leiras Mon, médico cirurgião natural de Lindim, e de Matilde Pulpeiro, de Riba d'Eu e domiciliada em Cangas de Foz. Entre os anos 1865 e 1868 cursou no Seminário

---

<sup>1</sup> Consideramos que as melhores informações sobre a vida e obra de Leiras Pulpeiro correspondem aos autores Lence-Santar, Reimunde Noreña, Alonso Montero, Franco Grande, e Traperó Pardo, sendo também de préstimo os estudos e comentários de Iglesia Alvariño, Carvalho Calero, Otero Pedrayo e Vilar Ponte.

<sup>2</sup> Segundo a Biografia de Manuel Leiras Pulpeiro por Eduardo Lence Santar in *Poesia Galega Completa* de M.L.P., edição de Ramón Reimunde, Sotelo Blanco, edic. Barcelona, 1984.

de Santa Catarina de Mondonhedo os cursos de Latim e Humanidades, incorporando-se depois no prestigioso Instituto de Segunda Enseñanza de Tápia de Casariego, recém fundado e de cunho laico, onde obtém em 17 de junho de 1870 o grau de Bacharel.

Durante os seus primeiros dezasseis anos tinha estudado nos estabelecimentos de maior prestígio académico da sua terra natal, iniciando os estudos universitários de Medicina em Santiago de Compostela com bom aproveitamento. Em 1874 desloca-se para Valhadolid, para finalmente licenciar-se em Madrid na Universidade Central e Faculdade de Medicina em 22 de dezembro de 1877. Nesta época toma contato com a revista ourensã *O Tio Marcos* e manifesta publicamente o seu galeguismo e a vontade de colaborar nela com “trabalhos”. No ano seguinte apresentará o seu título ao Concelho de Mondonhedo, com que já exercerá a sua profissão sanitária e humanitária como um profissional ativo e excelente durante toda a sua vida, com diversas funções, como a de médico legista e da Sociedade de Obreiros, deixando-nos testemunho disso em 1910 com a publicação dos *"Apuntes para la geografia médica del distrito municipal de Mondoñedo"* em colaboração com Pastor Taladrid. Anos antes, em 1894, descobrem-se as águas medicinais da Recadeira e o nosso doutor naturalista será um dos que as tome e recomende. Ali está o “dólmen” que ele cantará depois e do que pintaria uma aguarela a ele dedicada um dos nossos melhores pintores: Artur Souto.

Sendo desde jovem afeiçoado à pintura, pintou diferentes quadros notáveis, entre os quais, uma paisagem nevada<sup>3</sup>. A sua sensibilidade artística e o entusiasmo pela música levaram-no a fazer parte desde outubro de 1881 da Sociedade Coral Pacheco, da qual foi vogal. Neste orfeão dirigido pelo violinista Henrique Parga, Leiras cantou como tenor.

A vida de Leiras nestes anos ainda moços, dos quais temos alguma prova fotográfica mercê da generosidade da sua família, no Mondonhedo finissecular que o rodeava, foi a dum médico novo que se estabelecia na sua cidade natal para constituir um lar e criar uns filhos.

---

<sup>3</sup> De que conservamos cópia, por ser um quadro de diminuto tamanho conservado pela sua filha menor Josefina Leiras Andia, de 93 anos, vizinha da Crunha.



No ano 1884 publica o seu primeiro poema conhecido “E mais non llo digo”<sup>4</sup> no semanário *O Tio Marcos da Portela* de Lamas Carvajal, e escreve o poema “Caridade” referido ás vítimas do terramoto em Granada nessa data.

Convencido republicano desde a juventude, assistiu em junho de 1887 à assembleia do Partido Republicano Federal que teve lugar em Lugo, onde se aprovou o «Proyecto de Constitución para el Estado Gallico». Neste ano formou-se a Biblioteca do Casino de Mondonhede por iniciativa sua adquirindo pelo seu conselho quase todas as obras da “Biblioteca Gallega”.

Em agosto de 1888 celebra o casamento civil com Maria Milagre Andia Villar, de vinte e cinco anos, com quem já tinha dous filhos: Alfredo (1883) e Juliano (1886). Isto tem repercussão nos jornais e produz escândalo.

Nestes anos em que lhe vão nascendo mais seis filhos, além de ganhar prestígio como médico, começa a colaborar no semanário satírico *El Farol* de Mondonhede, assina um chamamento eleitoral com Moreno Bárcia na Corunha em 1891, mantém correspondência com Pi i Margall e Salmerón, assiste a um banquete para festejar o aniversário da proclamação da República em Mondonhede com trinta e cinco republicanos (1892) e pertence ao *Consejo Federal de la Región Gallega*.

Do ano 1895 é o seu poema mais longo: “Unha festa como hai moitas”, uma joia costumista e anticlerical que alporçou o Bispado mindoniense, continuou com a publicação escassa de poemas avulsos como já fizera com o titulado “Moitos”<sup>5</sup>, uma elegia ao músico João Montes (1899), e os poemas “Pousadoiro”(1903), “Quen chama” e “Danse ao pé dos toxos bravos” em 1904, atingindo uma notória fama de vate local e inconformista, bem como de cultivador autêntico do idioma galego, que conduzem a que em 1905 seja nomeado académico da recém criada Real Academia Gallega presidida por Manuel Murguía, rejeitando o posto

---

<sup>4</sup> Citado na cronologia e estudos de datação in *Poesia Completa* texto estabelecido por Xesús Alonso Montero, Ed. Sálvora, Santiago de Compostela, 1983.

<sup>5</sup> Galicia, Revista regional, de maio de 1887, Andrés Martínez, editor. A Corunha.



o próprio Leiras com grande modéstia. Conservamos desse ano um breve poema em castelhano num postal a Pepe Basanta, o que indica que também cultivava esta língua já utilizada nos primeiros tempos poéticos, como no poema referido a Pablo Iglesias ou, antes bem, a Pi i Margall. Mas Leiras continuou o seu trabalho anónimo de médico e recolector de composições populares, prestando muito pouca atenção à fama que já tinha como poeta, só incentivada pelas publicações que forçadamente lhe iam fazendo os amigos: Em 1912 o poema “A Pascual Veiga” com motivo da honra ao insigne músico mindoniense e em 1910 o poema “Un galo no Coto”, premiado nos Jogos Florais organizados pela sociedade «La Oliva» de Vigo.

Em 1911 deu a lume *Cantares Gallegos*, o seu único livro publicado, de sessenta e seis páginas em quarto maior. Nele recolhia 244 composições de estilo popular, em modesta edição da antiga e ainda existente imprensa H. Mancebo, de Mondonhedo.

Pouco antes de morrer, enviou Leiras à Real Academia Gallega uma interessante coleção de cento e sete cantares (108) e cento e setenta e dous adágios populares, – que veriam a luz nos números 70 e 71 do Boletim desta instituição –, assim como um vocabulário da zona mindoniense.<sup>6</sup>

Nos seus últimos anos, publicou Leiras diversas poesias em jornais locais, e deixou várias inéditas, que mais tarde seriam dadas a conhecer nas suas *Obras Completas* póstumas publicadas na editora Nós em 1930. Pouco antes de morrer, afetado pela diabete que padecia, rompeu muitas delas e vários trabalhos em prosa galega, segundo ele mesmo afirmou porque não mereciam o honor de serem conservadas. Os

---

<sup>6</sup> Estes trabalhos foram publicados aparentemente na sua totalidade por Franco Grande in *Obra Completa*, ed. Galaxia, Vigo, 1970. Não coincidem os números citados por Lence com o editado por Franco.

A informação que se segue está tomada diretamente de Eduardo Lence Santar, cronista fiável e amigo pessoal de Leiras, quem se amostra muito orgulhoso de conhecer em primeira-mão estes detalhes e muito honrado com a amizade de Leiras. in Op. Cit. “Biografía” ed. de Ramón Reimunde.

D. Eduardo Lence Santar, erudito local de longas barbas, deixou muitos documentos manuscritos no seu arquivo, sendo muito admirado polo escritor mindoniense Xe Freyre. O arquivo foi herdado pola familia Barxa e a casa polo mais pobre de Mondonhedo.

trabalhos em prosa, “uns seis ou oito” eram pitorescas glosas de contos populares a jeito de chistes, alguns deles de subida cor verde. Entre as poesias rotas figuravam as tituladas “Un Cacique” e parte de “A Costeira” sobre a pesca da sardinha em trainheira no mar da Marinha.

Escrevia os seus versos em papéis já usados como envelopes e impressos, de forma descuidada e rápida, com muitas emendas de leitura dificultosa, que indicavam a sua meticulosidade e a precariedade económica do tempo que lhe calhou viver. Noutros poemas passados a limpo pela sua própria mão, pode observar-se uma letra clara e uma escrita muito ordenada e estética.

Às oito da manhã do dia oito de dezembro de 1912 teve um ataque cerebral, ficando em estado grave até às quatro da madrugada do dia seguinte. Não se sabe o que pensaria o médico durante as vinte horas que sobreviveu e em que não perdeu a consciência<sup>7</sup>.

Leiras morreu em Mondonhedo em nove de novembro de 1912, celebrando-se o seu enterramento civil dous dias depois com uma grandiosa manifestação de dó e muitas mostras de afeto popular, como noticiam todos os jornais da época. Foi sepultado em terra no mesmo lugar onde hoje se levanta o seu mausoléu, no recinto reservado para os que morriam fora da religião católica, por expresso desejo do defunto especificado na cláusula segunda do testamento (“2a - Que mi entierro sea civil”), não constando documentalmente que se aplicasse o Direito Eclesiástico pelo casamento civil e renúncia aos sacramentos, que também implicava o enterro fora de sagrado, mantendo a hierarquia eclesiástica um discreto e respeitoso silêncio, só atenuado pela proibição aos meninos de Coro da Sé de assistirem ao enterramento.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Segundo a versão sincera da sua única filha sobrevivente em 1998, Josefina, então uma criança, que lembra que o seu pai a chama ao leito de morte para despedir-se com um beijo.

<sup>8</sup> Em papéis oficiais da Igreja só consta uma nota concisa e respeitosa que diz o seguinte, escrito ao lado da ata de nascimento :

“El día 9 de Noviembre de 1912 murió fuera de N.S. Iglesia D. Manuel L.P. de 58 años, casado civilmente con Doña María Andía Villar, médico y natural de esta ciudad en donde vivía y falleció. Su cadáver fue sepultado en el cementerio civil.”

Rubricado com letra de D. Francisco Otero Caramés. Fol. 276 libro 28. Vide cópia.

A principal batalha de escritor popular e político republicano, assim como o seu esforçado trabalho de médico rural, por que lutou na sua vida modesta e discreta de províncias, foi ganha depois da sua morte pela sua atrativa figura e pela sua importante obra poética e linguística. Foi objeto de publicações póstumas, duma homenagem em 1921 quando se inaugura o seu mausoléu no cemitério civil de Mondonhede, também compartilhando com outros mindonienses ilustres em 1930 outra homenagem, no ano da publicação das suas *Obras Completas*, que voltam a ser divulgadas em 1970 por Xosé Luís Franco Grande, o seu primeiro crítico e estudioso, até que no ano 1983 a RAG dedica o Dia das Letras Galegas a dom Manuel Leiras Pulpeiro, com o que passa a ser um autor muito conhecido pelos galegos cultos, objeto de análise e comentário em muitos artigos jornalísticos de grande difusão, palestras académicas, vídeos, e reedição da sua Poesia Completa por especialistas leirasianos. Estava concluído o esquecimento do poeta rebelde e anticlerical, do poeta popular e maldito, e todos podiam ter acesso à sua obra e conhecer o mais enxebre da fala mindoniense na sua época finissecular do XIX.

Leiras Pulpeiro foi, como nos diz Lence, homem de estatura regular, moreno, forte, de mãos grandes, olhos pequenos e vivos, pómulos salientes, testa ampla, cabelo e barba longos e completamente brancos.... uma figura física inesquecível para um enxebre poeta oitocentista e um antigo médico provinciano.

Quanto ao seu carácter pessoal, estava Leiras dotado dum grande sentido do humor e de não pouca graça para contar como ninguém contos galegos, conversas e costumes labregos, imitando o estilo da gente rural, com poucas palavras e muitas insinuações. Em matérias políticas e religiosas era intransigente, sendo às vezes *túçaro* e pouco comunicativo com aqueles que não tratava com intimidade e diante das injustiças. Apesar de que fazia alarde de estar livre de preconceitos, era supersticioso. Era também discreto e muito modesto. Sensível, emocionava-se com frequência quando falava dos filhos ausentes na Argentina, quando via passarem carros com emigrantes ou quando tinha notícia de alguma pessoa pobre ou enferma, enchendo-se-lhe os olhos de báguas. E báguas

nos olhos viam-se-lhe sempre que ouvia tocar a “Alvorada de Veiga”, “Negra Sombra” de Montes e outras composições musicais galegas. Leiras, todo coração e picaresca, emocionava-se lendo os seus poemas longos e sorria com os seus *Cantares Galegos*. As suas próprias filhas recordam-no como um homem sério, mas também às vezes chistoso e engenhoso, embora elas o conhecessem na última época quando já estava enfermo de diabetes, frequentemente deprimido e triste, conhecedor como médico do seu próximo fim e preocupado com o futuro dos seus.<sup>9</sup>

Foi a curta vida dum homem do século XIX que a dedicou com intensidade ao estudo juvenil, a exercer precariamente a medicina nas terras de Mondonhede com grande dedicação e acerto, que casou por amor com uma mulher humilde com quem teve oito filhos, que passou os seus apuros económicos para criá-los, militando politicamente no republicanismo federal, enfrentando-se aos poderes conservadores, entre eles o eclesiástico, da sua levítica e tradicional cidade natal, casando pelo civil, observando a fala galega rural e reproduzindo os ditos e coplas populares, publicando poemas denunciadores das injustiças que falavam com naturalidade dos costumes populares, que participou na vida cultural e política da sua cidade, e que morreu ainda novo nos alvares do século XX, sendo enterrado no cemitério civil e constituindo-se num mito e figura admirada, primeiro pelos seus vizinhos pela tradição oral e depois por todo o país após a difusão da sua figura e o conhecimento da sua obra poética e linguística.

Como bem resume o lema que figura no seu mausoléu mindonienense, foi um homem que: “AMOU A VERDADE E PRATICOU O BEM”.

Outros aspetos muito interessantes da sua rica personalidade humana podem ser tirados da sua obra com uma leitura atenta e objetiva. Nesta obra poética reconheceremos a sua voz popular, que o identifica com o seu próprio povo e gente mindoniense, mas também ali acharemos

---

<sup>9</sup> «Conversación coas fillas do poeta», Dona Magdalena e Dona Josefina Leiras Andia, in ed. de Ramón Reimunde. Também confirmam a sua sensibilidade e sentimentalismo musical: “Coa música emocionaba-se moito, porque era un home sensíbel e enchían-se-lle os ollos de bágoas cada vez que ouvia unha peza que lle gostaba”.

os seus gostos e preferências pessoais, entre os que salientaríamos os seguintes:

- 1) O amor à sua pátria e à sua língua
- 2) A preocupação social, solidária com a gente pobre.
- 3) Uma visão lúdica e prazenteira do erotismo isenta de tabus
- 4) O conhecimento e amor pelos lugares da zona mindoniense
- 5) Uma certa saudade ante a vida e o sofrimento pessoal
- 6) Um amor especial pela Marinha e o mar
- 8) A sensibilidade musical e a emoção pela gaita
- 9) O anticlericalismo e a denúncia das injustiças

### **I.-1.2 Leiras e a literatura popular**

“Si es popular no es bueno, y si es bueno no es popular”

D. MARCELINO MENENDEZ PELAYO

A nossa tese gira em torno à ideia central: **a relação entre Leiras e tudo o popular.**

Teríamos que começar por distinguir entre o saber popular e o culto.

Há que ter sumo cuidado com o adjetivo “**popular**”, que significa, segundo o nosso admirado Estraviz: “adjectivo relativo ao povo ou próprio dele, feito para o povo ou por ele usado, e que é aceito e grato ao povo”<sup>10</sup>. Aplicamo-lo alegremente a palavras como: arte, moral, ética, cultura, vestimenta, folclore, costume, cultura, jantar, crença, culto, devoção, cantar, voz, palavra, língua e as suas componentes, música e as suas classes, arquitetura, arte, medicina (“mezinha”), saber, religião, governo (o poder

---

<sup>10</sup> Cf. Isaac Alonso Estraviz : Dicionário Sotelo Blanco da Língua Galega.1995.

A definição de povo, raramente aplicável a lugarejo, está tomada do mesmo Estraviz, op. cit. ibidem, considerado por muitos a máxima autoridade em léxico como autor do melhor dicionário existente da nossa língua, além do informático e-estraviz, muito usado pelos cibernautas.

As linhas que se seguem são resultado das ideias que surgiram nas conversas que temos desfrutado com Pepe Otero, o nosso amigo caçador, companheiro tantos anos na cátedra do IES de FOZ.

nas mãos do povo), refrão, sentença, dito, provérbio, aforismo, axioma, gosto, jeito, espírito, sentir, mundo... e literatura com os seus géneros...

Um Papa, um Rei, um autor... podem ser populares quando são aceites e conhecidos entre o povo. Um texto, também.

Tudo isto pode ser popular quando intervém o povo, ou quando se populariza.

Mas, quem é o povo? Esquecemos que o povo é a gente comum, a parte mais humilde, menos rica, menos culta e mais numerosa do conjunto de habitantes dum país ou localidade, sinónimo de vulgo, plebe, gatinha, plebeu, algo vulgar, baixo e rasteiro.

Aplicamos este adjetivo “popular” a palavras como Matemática ou Teologia? E a “filosofia”, “pensamento”, “ideia”, “psicologia”, “antropologia”... rebaixadas de nível? A etnografia, o folclore ou a festa já levam dentro esta voz. A sabedoria em geral por senso comum, também.

Essa sabedoria popular é geralmente uma sabedoria sentenciosa (gnómica) em que a sociedade condensa uns conhecimentos, e ainda coexistindo com outros saberes mais cultos, oficiais ou científicos, ela é a origem e germe de todos eles. A transição entre as sociedades primitivas com culturas mais ou menos rudimentares a uma cultura literária, científica ou filosófica, passa geralmente por uma compilação de refrões que se apresentam como sentenças de carácter moral, com preceitos que contêm mensagens de prudência, moderação, respeito aos pais e às leis.

Assim se pode considerar o escrito de carácter prático *Os Trabalhos e os Dias* dum *esfuminhado* Hesíodo, e mais serodidamente os *Aforismos*, principalmente médicos, de Hipócrates, já convertidos em género literário. Porém, mormente, a sabedoria gnómica foi atribuída aos chamados Sete Sábios que, arredor do séc. VII (A.C.) recompilam essas sentenças enraizadas na tradição, transmitidas oralmente, que são precativas e representam a sabedoria prática popular dos gregos:

- “No meio, a virtude ”
- “Modesto na prosperidade, firme na adversidade”
- “Não pretendas ter mais razão que os teus pais”
- “Conhece-te a ti mesmo” (Templo de Apolo, em Delfos)

Por trás dum refrão, dum provérbio ou dum conselho precativo em forma de cantar não há uma pessoa gramatical. Há um narrador e um narratário que é o povo. Detrás está a Verdade, a *Vox populi*, que é uma, neutra, onisciente, o saber universal ou concreto nascido da experiência que alguém se atreve a condensar num dito.

Um povo primitivo, sem cultura escrita, começa por difundir aforismos e refrões, fáceis de memorizar, com o ritmo pegadiço dum cantar, primeiro concretos, referidos ao imediato e moralizante e logo abstratos, dum conteúdo mais metafísico, que vão orientando a conduta e o conhecimento coletivos. Depois vem a literatura elaborando esteticamente o produto, fixando por escrito e agregando esse saber aos textos.

Nesse ponto preciso está **Leiras Pulpeiro**, no renascer da literatura autenticamente galega do século XIX: ele foi o primeiro entre nós que não copia, que cria e recria literatura popular, com passos medidos:

- 1º.- Admiração por todo o popular
- 2º.- Observação e estudo do povo. Compilação de refrões, ditos, cantares, adivinhas, palavras.
- 3º.- Aprendizado do espírito dos povos, tão romântico e particular, berço do nacionalismo incipiente, e conhecimento paulatino da sua língua de expressão (a fala).
- 4º.- Imitação, utilizando essa língua e esses temas e popularização desses textos.
- 5º.- Difusão em revistas e livros de edição rústica ou por vias marginais.
- 6º.- Aceitação pelo povo que se auto-identifica com o que é seu, ou sente seu.
- 7º.- Confusão dos textos de autor com a própria tradição popular.
- 8º.- Mitificação da figura do autor e mito da autoria coletiva.

Para que um autor possa captar a essência do popular, tem de afrontar a observação com objetividade, sem distrações não pertinentes, sem interferências e ruídos na comunicação. O emissor é o povo, através de qualquer canal ou contexto, o imprescindível é partilhar o código e os

seus segredos, e o mais importante é entender a mensagem para esse recetor – autor futuro.

Leiras tinha bem focado o emissor dos sinais populares, conhecia o código com um talento especial e compreendia a mensagem. Mas havia interferências: ouvia o seu “ruído” interior, vivia desacougado pela sombra da saudade pessoal (“las mil desventuras que ensombrecieron los días de mi vida”) e só recebia o rumor negativo dessa vida, mesmo dum ponto profissional de médico (desenganos, morte).

Havia dias que escutava o trasno zombeteiro com espírito lúdico e sorridente: eram as histórias picantes de desenfadado erotismo da juventude, os desafios, os moinhos, as costureiras, a sátira e a ironia humorística, mecanismos reativos para sobreviver e desafogar.

Escutava um “ruído” exterior, a engrenagem duma organização social caduca que chiava, sem a lubrificação impedida por velhas oligarquias aferradas ao poder no nome de Deus, que queriam manter a maquinaria popular imóvel, atascada na pobreza material e na miséria cultural.

E lançou o seu berro seco de rebeldia, um impropério implacável que queria despertar a todo o povo mindoniense, — como Pondal — do seu sono secular, uma pinga de água fresca para uma sede antiga de honradez.

No seu parecer, os cregos e os caciques maniatavam o progresso e a liberação do povo. (“como llegan las redes tendidas por la araña negra que en esta provincia todo lo abarca y lo sujeta<sup>11</sup>”), desnortado do seu objectivo de superação. E ali estourou como uma bomba a sua metáfora dinamitadora, duríssima sátira valente e retranqueira ironia.

Leiras está no ponto de entroncamento entre a Literatura culta ideológica e a chamada literatura popular. Dentro dela, a poesia tradicional popular compreende textos líricos não fixados definitivamente, transmitidos oralmente e recolhidos em cancioneiros escritos, universal e repetitiva nos seus temas, local e concreta no reflexo da cultura material, e de suposta autoria coletiva. A comunicação literária é plural, retocada.

---

<sup>11</sup> Vid. Fragmento dum esboço dum discurso político. Fundo Arquivo R.A.G.



Mas a questão duvidosa é esta: que sempre tem de haver um autor individual primeiro, que pode ser a seguir transformada por outros. Durante séculos, os versificadores populares expressaram os protestos, a sátira, a burla, a festa, e concentraram a sua virulência contra o poder numa vingança em verso, não achando outro meio melhor para comunicar o sentir do povo. Tinham um fim catártico e humorístico, social ou costumista, porém tinham que ser do gosto popular.

O etnógrafo Xoaquin Lorenzo afirmava, com o Padre Sarmiento, que os galegos somos um povo que canta:

“ O povo non fai poesía sen motivo; a cántiga xurde cando algo a xustifica : os traballos do campo, as esfolas, as ruadas, e mil momentos máis para lucir o inxenio... A estrutura destas cántigas populares é ben sinxela : catro versos octosílabos con rima asoante nos pares e libre nos impares... ” <sup>12</sup>

A atitude reivindicativa do povo, que Leiras assume tão bem, foi analisada por alguns autores no ponto em que se cruzam o social e o popular, a memória histórica e o canto marginal:<sup>13</sup>

“Será muito interessante para o leitor dos textos de Leiras comprobar como resulta tan «social» nas suas cuadras ao gosto popular, como é «popular» nos seus poemas de tema social e satírico. Ambas as cousas van misturadas e en ambos os casos o referente é a mesma realidade labrega, a miséria terrível dos máis pobres, a vida e os costumes do campo, e esa memoria colectiva que lembra as frustrazóns históricas do noso país, —como a do Mariscal—, e agarda pacientemente pola sua liberazón compoñendo cantos con metáforas rústicas nunha lingua marxinal”.

Na obra de Leiras Pulpeiro encontramos poesia popular nos *Cantares Gallegos* de 1911, e nos *Cantares Inéditos* de 1970. Mas também

---

<sup>12</sup> Lorenzo Fernández, Xoaquin, Cantigueiro popular da Limia Baixa, Fund. Penzol, ed. Galaxia. Vigo, 1973.

<sup>13</sup> Cf. op. cit., Ed. Reimunde. p.104.

toparemos muita poesia popular nos poemas das *Obras Completas* de 1930, onde alguns deles são quadras octossilábicas soltas ou agrupadas, outros são tríades, outros romances e ainda teríamos que contar os longos poemas costumistas (“Un galo”, “E mais non llo digo”, “Xa comenza”, “Unha festa como hai moitas”, etc.)

Leiras é um poeta popular, em todos os sentidos, que elaborou poesia popular, partindo dum material popular, a fala. Essa poesia é popular não só por estar inspirada nos temas populares e ser destinada para o consumo do povo, mas também porque está construída com o mais maravilhoso produto que a gente criou nunca, com as suas próprias frases e ditos, com o ritmo que leva dentro, com o seu gosto, refletindo os seus costumes, o seu pensar, o seu sentir. Tudo isto comporta uma comunhão total entre o autor e os protagonistas, que são ao mesmo tempo destinatários.

O autor desta poesia tradicional deixa a um lado o seu ego, empresta a sua voz poética a uma moça, a um marinheiro, torna-se nessa voz neutra que dá conselhos e pode fazer impunemente burlas, despersonaliza-se, entra no anonimato, e deixa de ser o sujeito poético, o poeta. Nem sempre consegue isto facilmente, porque o amor pode senti-lo qualquer moço ou velho, e a retranca burlesca pode lançar-se contra qualquer defeito, mas a dor é algo pessoal. O médico Leiras não esquece os partos e aconselha:

Rapazas que tral-a risa  
Vades ô cabo d’a terra  
Mirade ben que hai risadas  
Que tras si cen choros levan!

Também o seu carácter compassivo se reflete num conselho aos marinheiros:

¡ Non sallades, mariñeiros  
Que brua o mar n-a Burela !  
¡ Mariñeiros, non sallades,  
Que os marzaliños arrecian !

Ou expressa os seus gostos e ódios, como neste escárnio anticlerical:

Non quero vivir n-a vila  
N-a vila de Vilanova ;  
Que, por moi santos que señan,  
Non quero frades â porta

Nestes textos é o próprio Leiras, com as suas filias e fobias, quem está por trás, com o seu lirismo pessoal. Um Leiras plenamente identificado e confundido com a sua gente, tanto, que outras vezes põe o cantar em boca duma rapariga, – como nas cantigas medievais de amigo –, ou faz falar uma sogra:

Moitas bágoas, moitos días	Agora xa poido rirme
Levei chorando d’aquela	Agora si que estou leda
Pro... consoleime que, ô cabo	Que o fillo trouxome nora
Val máis... caída que cega <sup>14</sup>	Ben mandadiña e videga

Poeta popular foi Leiras por medir com métrica popular o octosílabo dactílico e por escolher as estrofes de três ou quatro versos ou o romance.

Popular, no sentido de famoso, querido e admirado entre os seus.

Tem-se dito que Leiras escutou estas coplas cantadas pelo povo, e naturalmente que escutou cantares, mas não estes, que são os próprios. Salvo algum caso em que arranja um refrão existente ( “púxenlle preito a un veciño, polo derrego dun leiro, levar levou todo a curia, pero amolar, amoleino”), ou utiliza como apoio fragmentos de cantares populares, e

---

<sup>14</sup> O último verso é unha variante eufemística sobre o próprio refrão ou dito que recoleto Leiras : “Mais val... preñada, que cega”. Além dos diálogos e parrafeios em que falam mulheres, há 43 coplas em que é indiscutível a voz protagonista duma mulher e outras dez em que é muito provável que o seja. Vide C. nros:9,21,25,31,34,35,46,47,97,98,105,116,119,136,137,142,144,148,150,154,157,158,159,168,177,183,184,192,205,206,208,211,213,214,218,219,227,229,238217, ed. Reimunde.

locuções e provérbios e frases feitas que ouviu de viva voz, sem glosar ou ampliar esses trechos populares como Rosalia, ainda que uma só vez transcreva versos em homenagem desta autora («terra esquencida, que española nunca chamarse debera »). Rosalia escreveu também nessa língua dialetal empobrecida, erodida pelo espanhol, que era a mesma dos cantares que comentava, uma fala viva, não pura. Se a intenção de Rosalia não é puramente estética nem sentimental de amor pelo país, mas a apologia da sua terra e língua, a de Leiras vem marcada pelo carácter social dos seus textos realistas sobre os costumes, tratados com humor e sátira. Em ambos os casos coincide o título do livro que os divulga, Cantares Gallegos, sugerido no caso original da cantora do Sar pelo «Libro de los Cantares», (1852) de dom Antón de Trueba, tomando a ideia a imitação de Ventura Ruiz Aguilera, em Ecos nacionales (1849), que toma como referência coplas populares de que faz um prolongamento ou glosa, conservando o metro, a linguagem, o espírito, o tom, o folclore e as personagens do povo. Não é exatamente assim em Leiras, que não glosa nem amplia cantares, mas faz coplas ao jeito popular, seguindo um modelo muito mais parecido com o que conheceu na revista O Tio Marcos da Portela, com esse mesmo título também.

O nosso autor não só publica os seus poemas titulados “E MAIS NON LL’ O DIGO” e “TAL PRA CAL ”<sup>15</sup> e “UN PEDRAZO”, bem diferentes da versão conhecida hoje, na segunda época de O Tio Marcos de Ourense, senão que lê a revista, onde há uma seção quase permanente dedicada a coplas populares, com diversos títulos («Cantares da aldea», «Cantigas do dia», «Cantares gallegos», «Cántigas gallegas») feita pelos melhores recoletores aos que toma por paradigma (Marcial Valladares, Xosé Pérez Ballesteros, Amor Meilán) e ali toma contato com os refrões populares, que depois ele recolherá na sua terra. Ali conhece os textos dos nossos clássicos do XIX, de Nicomedes Pastor Diaz (1828), dos cantores mindonienses do Natal, – Castro e Luís Corral-, de Anhão, de Pintos,

---

<sup>15</sup> Publicados respetivamente em O Tio Marcos d’a Portela parrafeo c’o pobo gallego cuarenta e catro de 14 de setembro de 1884, cinquenta e um de 2 de novembro de 1884 e 245 de 9 de setembro de 1888.

Curros, Pondal e Rosalia, Jesus Rodríguez López, Alberto Garcia Ferreiro, Lúgris Freire (L.U.Gris) – e sobretudo de Lamas Carvajal e dum autor do Carvalhinho, Cesáreo L. Pinal<sup>16</sup> com quem tem demasiado parecido. Se não estamos confundidos, entre tanta poesia há um texto em prosa de grande importância, porque constituiria a prova de que o moço Leiras estando em Madrid toma contato com Lamas Carvajal e o seu periódico, encontra uma via para encarregar o seu “corazón ardentísimamente galego” e oferece a sua colaboração futura na revista, assim como o início da amizade com Lamas. A carta, historicamente uma das primeiras escrita em galego, está assinada por L.P. em Madrid a 18 de abril de 1877, data em que Leiras Pulpeiro, que assinaria com M. L y P. os dous primeiros poemas publicados aqui, era estudante de Medicina naquela capital, “queimado polo carácter dos madrileños que non falaban de outra cousa que a morte do toureiro Frascuelo”.

Aquela revista ourensana, crónica política satírica e divertidíssima paródia dos parrafeios dum labrego, despertou na Galiza uma febre versificadora, uma febre de fazer longas poesias satíricas e costumistas, que contagiou também Leiras Pulpeiro, o seu colaborador. O primeiro Leiras, o mais popular, nasce por mor de O Tio Marcos da Portela, de que imitará tudo, anonimamente. Leiras pertence à geração galeguista e rural vinculada com Lamas Carvajal e com esta revista.

Quando Leiras morreu, após um silêncio de muitos anos, ficou dele a devoção popular pelos seus Cantares, mesmo transmitidos oralmente, com aquela aceitação que a literatura reserva para os clássicos e que muitos consideravam como o maior sucesso que um escritor pode ter: a gente entendeu que aqueles cantares eram do próprio povo.

Depois dos anos trinta, da perspectiva galeguista e só para uns poucos iniciados, a valorização crítica centrou-se nas Obras Completas e nos poemas longos ou combativos. Esta corrente viu-se impelida nos anos da chamada “poesia social” por razões ideológicas. Hoje regressamos ao princípio, à singela poesia popular onde se manifesta um amor pela gente da aldeia e uma comunhão com os seus sentimentos, bem

---

<sup>16</sup> Cf. O Tio Marcos d’a Portela, «parrafeo 137», de 18 de julho de 1886

como uma nova valoração estética da sua obra. Leiras, com a sua sinceridade e valentia, com a sua modéstia e a sua arte linguística, ganhou para si a simpatia e o reconhecimento geral. Popularizou-se, difundiu-se e propagou-se o seu texto entre o povo, recobrou a popularidade local que teve em vida, agora a uma escala nacional, e no futuro mercê destas versões atuais também internacional entre a lusofonia, porque ele tinha acreditado no conceito público e útil da poesia, porque teve uma admiração absoluta e exclusiva pela sabedoria popular dita com arte. É o primeiro entre nós que criou uma obra poética a partir da “filosofia” popular com a intenção de que melhorasse a sensibilidade e o saber popular. O mar da sua poética retorna assim ao rio, à fonte originária onde bebeu a primeira sede de água pura.

Em conclusão, a essência da literatura de Leiras Pulpeiro é popular.

O espírito, a graça, o dom da língua, o estilo, a métrica, o verso,... são populares. Com um carimbo pessoal e muitas contaminações subjacentes, ainda assim populares.

Leiras é um poeta culto original por ter admirado o saber do povo e também um caso autêntico e único na nossa literatura finissecular por ter querido ficar aí, nem mais nem menos à altura do povo, por querer ser essencialmente popular no tema e na forma literária. Leiras foi primeiro literato que devolveu ao povo o seu próprio texto neo-popular, um único e repetido texto, com a mesma música desde tempos antigos, com a velha voz secular dos sem voz, mas desta vez por ele escrita.

### *I.- .1.3 Direções da poesia de Leiras*

As linhas costumista e social são as mais representativas da poesia de Leiras Pulpeiro, tanto em Cantares Gallegos como nas Obras Completas.

Mas não só há nele esse tipo de poesia popular e civil. Podemos detetar que existem outras direções poéticas relacionadas com aquelas linhas gerais, com uns núcleos temáticos predominantes. As principais direções poéticas de Leiras são as seguintes:

- a poesia de carácter social e popular
- a poesia civil e patriótica
- a poesia humorística e satírica
- a poesia de carácter pessoal
- a poesia costumista tradicional
- a poesia circunstancial





## FRASES CARACTERÍSTICAS MINDONIENSES USADAS POR LEIRAS

- 1) Dar co cu no ferrado = arruinar-se
- 2) Ben deito de iso = isso me vale (graças a isso)
- 3) Non ter arela = não ligar para
- 4) Es un campá de lá = és muito dado a espaventos
- 5) Xa ora ! = claro!, com certeza!
- 6) a vao = em abundância
- 7) Non para o can = faz muito frio
- 8) Inda non lle caeu a casca do cu = ainda não saiu da casca do ovo, ainda é novo
- 9) Aquelo era boca que qués, barriga ten mao ! = era um banquete
- 10) Dar fraterna = dar pau, bater
- 11) Botar por ela = presumir, fanfarronar
- 12) Non goza unha isma = não digere nada
- 13) Roubar a atención = namorar, gostar
- 14) Facer a millor festa = desflorar, deitar-se com uma mulher
- 15) a lor diso = a esse teor
- 16) Subir a Infesta = ir ao cárcere
- 17) Dar co pé = desprezar
- 18) Hai pola vella = disso há muito, há em abundância
- 19) Perder a solta = perder a virgindade.
- 20) Asi eu medre e luza = abofé, oxalá
- 21) Pacer a outonia = tirar a alguém a mulher ou entender-se com ela ocultamente
- 22) Coller de cachete = apanhar alguém bem disposto; encontrar de repente
- 23) Chamouse Xan da nega = não quis reconhecer o filho
- 24) Inda vén cega da corte = ainda está torpe
- 25) Houbo moita risa e caraxola ( o diablo polas pernas ) = balbúrdia, festa, algazarra
- 26) Ou as cabras non han dar leite = ou não há de haver justiça
- 27) Son cousas ! = assim é a vida
- 28) Regalar os ollos = mirar com muita fixidez, alegrar-se
- 29) Facer a rosca do galo = cortejar, adular, mocear
- 30) Facer cachizas = fazer o que quer, dominar

- 31) Bebelas como o boi a auga = não se dar por entendido
- 32) Baixouselle a funga ao cu = fez-se velho e peideiro
- 33) Andar no veo = estar no alho, entender
- 34) Botar unha fungada = repreender
- 35) Non gardar a mexa = não guardar segredos, ser falador
- 36) Mañá é día de carabullos = amanhã é dia de trabalho grande ou festa, importante
- 37) Era coma o xoio = era péssimo
- 38) A afeito = Seguido, sem interrupção, a oito
- 39) Amañar unhas papas = armar uma armadilha, cambadela, empapelar no julgado
- 40) Ter perda = escatimar
- 41) Zúmballe o virillo ! Róncalle o calleiro ! Doille o ollo ! = Está perfeito!
- 42) Regañar o coiro = estar muito gordo
- 43) Botalas fervendo = falar claramente
- 44) Caer a calleira = deixar de ter filhos, perder a potência
- 45) Andar do cacho pra o poleiro = não pensar mais que em comer e dormir
- 46) Dese pau teño eu unha gaita = algo parecido me ocorre a mim
- 47) Roer o chito = tascar travão
- 48) Comer as papas na cabeza = ser mais alto
- 49) Nin arre nin xo = nem vai nem vem, nem adianta nem atrasa
- 50) Estar torto = andar enfurrinhado, de mau humor
- 51) As casas da Cruña = montes e moreias
- 52) Cagar o demo no camiño = mudar de parecer
- 53) De Diós ! = Auxílio!
- 54) Te-las boas ! = estás aviado
- 55) Inda hai que leirar = ainda falta muito
- 56) Hai landeira = boa a fizemos
- 57) Chegar e encher = chegar e bicar o santo, chegar e solucionar
- 58) Ver as orellas = conhecer as intenções
- 59) Todo é chao = não há dificuldades
- 60) Facer o ato = aviar-se, despachar
- 61) Está coma un buxo = está são e forte
- 62) Sopetea que hai prebe ho ! = aproveita que há ocasião
- 63) Mollar a palleta = botar um grolo

- 64) Vai coma un can, vai coma un cura = vai farto
- 65) E' coma os chitos = é cínico, sem-vergonha, mau
- 66) Ser un mama na cocha = ser cocho, sujo, porco
- 67) Coma as galiñas, coma as gatas = é ardente, é quente, é desonesta
- 68) Andar en pés de lá = andar em bicos de pés
- 69) Andar de qüesta = andar ao que sai, pedindo
- 70) Lamber o cu = adular
- 71) Ser bon pra o seu cu = ser egoísta
- 72) Facer a zangalla mangalla = andar preguiçoso, sem vontade
- 73) Danzar a deda = andar desonesto (aquecer a buxa )
- 74) Encher de palla seca = dizer as verdades a alguém
- 75) Meter un pucho = pegar um petardo
- 76) Facer a rosca = fazer a zala, fazer as beiras
- 77) A mao tenta (à mao-tenta) = De intento, a propósito
- 78) Estar un a osma = estar à espreita, à husma, espiar
- 79) Lardo vivo = carne viva
- 80) A's vinte uñas = de gatas
- 81) Ser picado do allo = ser susceptível, irritável
- 82) Levantar a espinilla, erguer o calleiro = dar desgosto, dizer palavras de sentimento
- 84) Meu dito, meu feito = dito e feito
- 85) Coma un rigüilelete = como um gerifalte, como um marquês
- 86) Apear o muiño = deixar de comer
- 87) De vello, gaiteiro. = de velho verde e picaresco
- 88) Non hai rixidoira = falta formalidade
- 89) Está que agancha = está furioso
- 90) Non o tempera o demo = é insuportável.



## GLOSSÁRIO [DE PALAVRAS MINDONIENSES]

A grá : o grão de cereal, a grã

A Paula : sino de Mondonhedo, sino da Sé

A Paula (os de): os mindonienses

Abeiro : abrigo, proteção

Abidueira : bedoeira, bidoeiro (árvore caducifólia de cortiça branca)

Abofellas : = A + boa + fé, seguro

Abordelades : reforçar a parelha de bois ao jungir

Abranguen : atingem, apertam forte

Abrula : planta (digitalis purpúrea), estalotes

Acaloumiñalo : Agarimá-lo, calmá-lo

Acibro : árvore de folhas espinhentas, acebo, acivro

Adelonciñas : doninhas

Adro : arredor da igreja

Afreitas : planta de sabor amargo

Afreitas : papas de aveia, aveia louca

Afritos : medos, rautos

Agás : A não ser que, exceto

Agruras : de sabor agro, acre, penas

Aira : eira, arredor da casa de lavoura

Alaxes : joias valiosas, alfaías.

Albogo : alboio, alpendre

Aleitas : dás leite

Algús : alguns

Alindar : cuidar o gado que pasce pelos lindeiros

Aló : aló, ali, lá mais longe

Alupou : viu, enxergou

Amainado: caljado

Antroido: entrudo, Carnaval

Apedares : afogares

Apedrando : destragando, fazer-se pedra

Aqueladiño : amolado, preocupado, triste

Aquelar : eufem. fastidiar, arranjar, copular  
Aqueloutrar : Desconfiar, fazer aquilo...  
Aquestar : Namorar, fazer aqui isto...  
Aquila : aquela, habilidade, etc.  
Arromanando : pesando com a romana, pesa romana de ferro  
Asparós : esporões, aguilhões  
Atentés : tenteis  
Atrais : atrás  
Axina: aginha, depressa  
Bácaros: bácoros  
Baixoi: baixa-o , que o baixes  
Barallando : barulhando, falando  
Barcalla: berço para as crianças  
Bargo: pedra lisa, lastra, laje  
Baril : aplicado à mulher, bonita  
Barruzo : orvalho, chuva miúda  
Batás : Pisões, para maçar o linho  
Ben deitei : Graças que, ainda que  
Bergas : tocos do milho, vincalhos, vime, vergas.  
Biaiteiros : sabugueiro (árvore para fazer cestos)  
Bieiteira : benfeitora, que dá a bênção  
Bodego : cabana pobre, casa velha  
Bodegueiro : o que habita num bodego  
Boqueiro : entrada duma leira ou prado  
Brimbas : vincalhos, vimes  
Brullo : burulho, roupa do recém-nado  
Cabeceiro: almofada, renda para animais  
Cabozo: espigueiro  
Cabrimfollo : madressilva, planta aromática  
Cachizas : pedaços  
Cadaval : monte con cádavos, tojos queimados  
Cádavo : resto do tojo queimado  
Cagarrosiño : cagãozinho, mamão, menino

Campas : sinos  
Carabullo : pau delgado, lenha miúda  
Caráfio : eufem. caralho, caracho  
Carrasqueira : monte com carrascas ou carquejas  
Casqueiros : restos de madeira com casca, desperdício  
Castrós : cabrões, bodes, homem atraído pela mulher  
Cás : cães  
Catar : captar, provar, ver de longe  
Caxigo : aqui, castanheiro, azinheira (?)  
Caxigos : castanheiros novos ou pagãos (?)  
Cerna : cerne  
Cimbras : tábuas do tecto, peças de madeira  
Cinguir : cingir, apertar  
Cochos : porcos  
Codas : anacos de pão duro, côdeas  
Codelas : anaquinhos de pão, côdeas  
Codos : anaquinhos de pão duro  
Colmeira : ferramenta, forquilha, galheta  
Congostra : caminho estreito e fundo, congosta  
Contrós : empurrões, golpes  
Corazós : corações  
Cortello : corte pequena do gado miúdo  
Couquizo : mulher feia, áspera  
Croyos : coios, pedras grandinhas e redondas  
Cuasementes : pop. quase,  
Cuzo : demo, diabo, demónio  
Chao : chão, terra chá  
Chau : chão  
Chicharro : peixe azul, carapau  
Chilós : baeta vermelha, fio, tira  
Chinado : falhar no jogo dos bolos  
Chincheiras : fontes, ténporas  
Chitas : resto do cigarro, beatas

Chito : cão de palheiro, fero.  
Choca : campainha do gado, sino  
Choya : pássaro, mulher faladora  
Chucha : beijo  
Chuchar : beijar (a um menino)  
Chufa : auto-elógio, exagero  
Churruqueiros : alegres, vivos  
Dacondo : de quando em quando  
De riola : de ruada, de passeio  
Deixano : deixam-no, deixaram  
Deixoo : deixa-o, que o deixes  
Deixoos : deixa-os, deixo-os  
Demachiños : pequenos diabos, meninos  
Dengue : mantelo cruzado no peito  
Detrais : detrás  
Dia : Do verbo dar, dê.  
Dil-a : dizer + a ,dizê-la  
Dindo : dizendo  
Dirme : dizer-me  
Eiqui : Aqui  
El saiche : (impessoal) , saíste, saíche de isso  
Emburullonaron : emburrulharam, envolveram  
Enciño : ancinho  
Engrellada : revolta, faina  
Engurriñar : encolher, apoucar  
Entoldada : coberta de névoa  
Escachelara : romper em anacos  
Escarranchado : com as pernas abertas  
Esmagado : desfeito, aplastado  
Espio : padeço, morro, vou a menos  
Estarulados : assustados, regalados  
Esteña : esteja  
Estoxan : sentem nojo, desprezo



Faguer : fazer  
Faiga : faça  
Falmaguenta : fruta demasiado madura  
Ferraña: erva da fome, ferrugem  
Ferreñas : castanholas, instrumento musical  
Fichoco : buraco  
Finca : aperta com força, apoia forte  
Fisgas : tridente para pescar  
Fiuncho : fiuncho  
Fol : fole, saco, bolsa, de pele  
Folgueiras : fetos (planta)  
Fouce : foucinho de mango longo  
Fungueirazos : golpes com os estadulhos do carro  
Furados : buracos  
Gadaño : sacho, ferramenta agrícola  
Gado : gado, fazenda em animais  
Gallamardo: fachendoso, ufano, presumido  
Galloufeiro: folgazão, pobre, pouco trabalhador  
Golpe : raposo  
Groucho : gole,  
Guiches : pícaros, meninos argalheiros  
Guipara : vira, percebeira  
Illarga : parte do corpo, entreperna  
Illoe : paul, lameira, lama mole  
Infante : planta da menta  
Intenciós : intenções  
Irmaus : irmãos  
Isades : botais em cima  
Iste : este  
Liberca : laverca, pássaro da montanha, mulher faladora  
Lacós : lacões, pata dianteira do porco  
Ladrairos : madeiras laterais dos carros  
Lairas : folha seca do milho, palha

Lapos : pancadas na cara, morradas  
Lardo : toucinho, carne aberta, ferida  
Laretos : faladores, falangueiros, tolos  
Levaime : levai-me  
Limacha : lesma,  
Madroa : planta de Nossa Senhora  
Mai : mãe  
Maiega : de Maio, malheira, golpes  
Mainelo : janela pequena  
Mainzo : milho-miúdo autóctone  
Maíña : mãezinha  
Maldilo : maldizê-lo  
Malvan : estragam, deitam a perder, murcham  
Mandós : mandões, que abusam, caciques  
Maños : tão grandes, tamanhos  
Mariscala : sino de Mondonhede, cadeia do Marechal  
Marmelando : comendo com os marmelos ou beijos  
Marzaliños : ventos de Março  
Mau : mão  
Maus : mãos  
Mazás : maçãs  
Mazmir : consumir, debilitar, amolecer  
Mécara : eufem. por merda  
Mechós : anacos de cabelo  
Mexamorniña : delicada, que as mata calando  
Montós : montões, pilhas  
Muchicas : faíscas  
Musgos : cor do mofo, esverdeado  
Naciós : nações, nascimentos  
Nadia : ninguém  
Naide : ninguém  
Nervias : plantas, raízes  
Nocellas : planta, erva das doas

Nosoutros : nós  
Nubeiro : espírito maligno  
Ogallá : oxalá ( Oh ! Alá )  
Olga : alga marinha morta  
On : um  
Ontes : ontem  
Oraciós : orações  
Oumearon : cheiraram, captaram, viram  
Parueiras : lados, angarelhas  
Pedrazo : destrago, perda, caída de pedra  
Peruxo : "raposo", dim. de Pedro  
Pícaro : menina, mocinha  
Piega : peça de madeira para pôr nos pés dos animais, peia  
Pinica : folha do pinheiro  
Pitada : molhada como pinto  
Poido: posso  
Pollos : piolhos, carraças  
Pollosos : com piolhos, sujos  
Poñés : pondes  
Porquello : porco-teixo  
Pousadoiro : lugar para pousar pesos  
Pouso : lugar para descansar e pousar  
Pregós : pregões, anúncios de casamento  
Puchas: boinas, bonés  
Pucho : gorro pequeno, sombreiro, chapéu  
Puidemos : pudemos  
Puiden : pude, de poder  
Puidera : pudera  
Pumaregas : horta com pomares, macinheiras  
Pumariño : pradinho com macinheiras e maçãs  
Purrallá : não vale nada ! , desperdício  
Purrela : vinho ruim, gentinha cativa  
Puxigo : janelinha da porta para ver quem vem

Querés : queredes, quereis  
Quizaves : quiçá  
Raiola : raiinho de sol, claro do dia  
Raña : branha, brejo, carqueija, queiroga  
Raño : ferramenta, ancinho, sacho  
Razós : razões, palavras  
Recandea : pólen do castanheiro  
Rechaos : pequenos chãos, falso chão  
Reichiño ruibo : papo-ruivo, papo-roxo, pássaro  
Repinaldo : classe de maçã da Marinha  
Requinto : instrumento musical  
Roncadas : reprimendas, ronhadas, críticas  
Saba : lençol, roupa branca do leite  
Sacabeiras : réptil, salamandra  
Salla : saia, faldra, ( ou de sair)  
Sallo : saio, de sair  
Santiñas : meninas dos olhos  
Seipa : saiba  
Señan : sejam  
Soupeche : soubeste  
Soupo : soube  
Su : sob, debaixo de  
Surosa : de Sur ou Sul, boa, produtiva  
Tarabelas : tolinho, alocado  
Tizós : tição do lume  
Tórbida : nojo, náusea  
Traguer : trazer  
Trastalla : angustia, comove  
Uces : urzes  
Unhos : uns  
Us : uns  
Valeca : do vale, (de Mondonhede ou Lourença)  
Vergonza : vergonha

Vidallas : vísceras, miolos da cabeça

Vrao : Verão

Xamacadas : doenças, fainas, golpes, paus

Xarga : capote, manteo

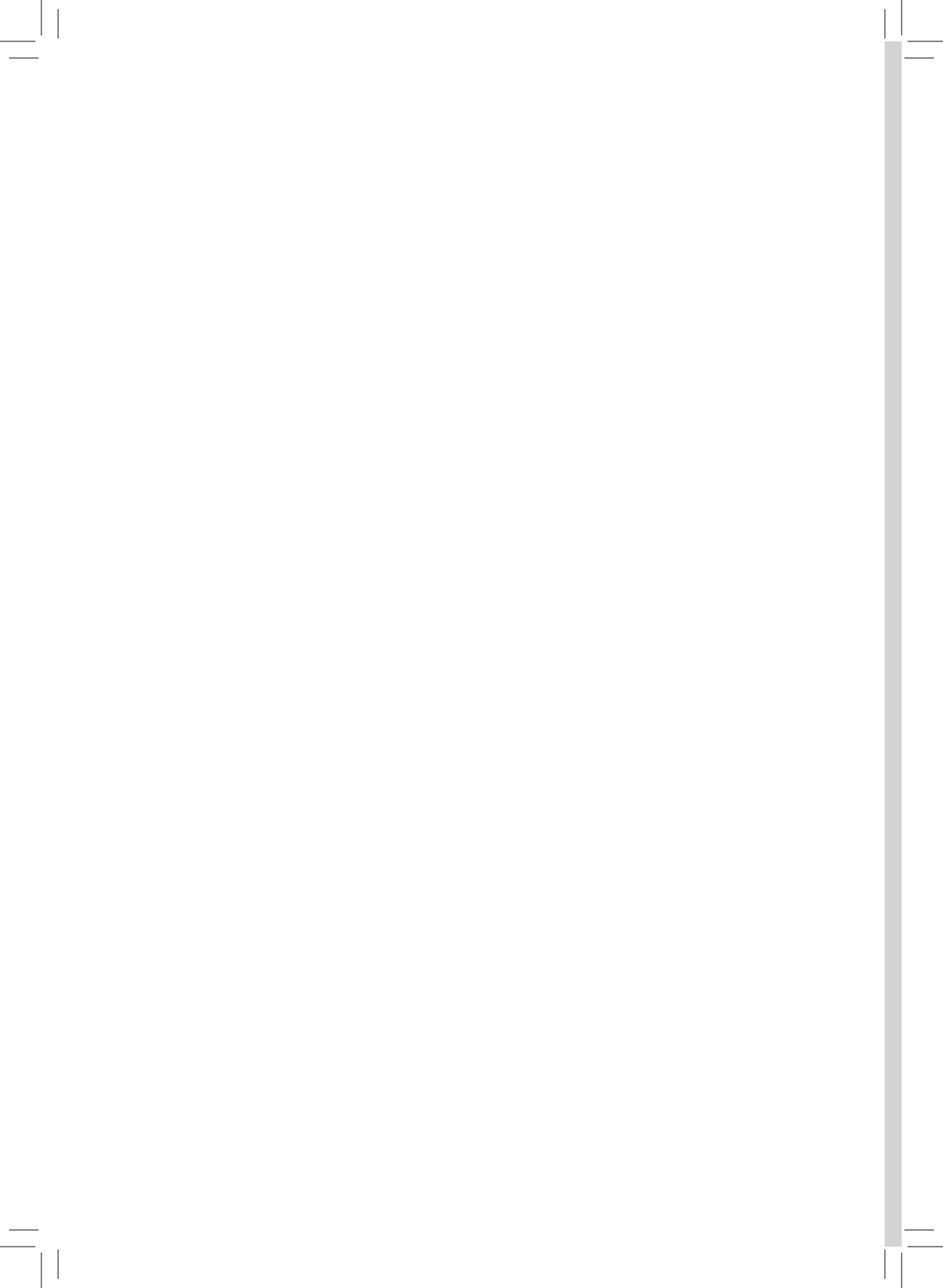
Xato : bezerro, cria da vaca

Xebre : (em) xebre, bom, autêntico

Xibarda : planta espinhenta de folhas verdes e bolas vermelhas

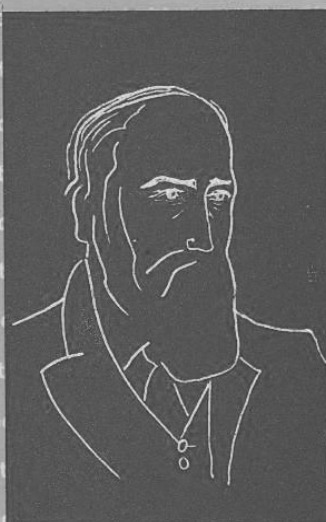
Xuncras : eufem. Judas, demónio

Zarzalla : orvalho, lágrimas.

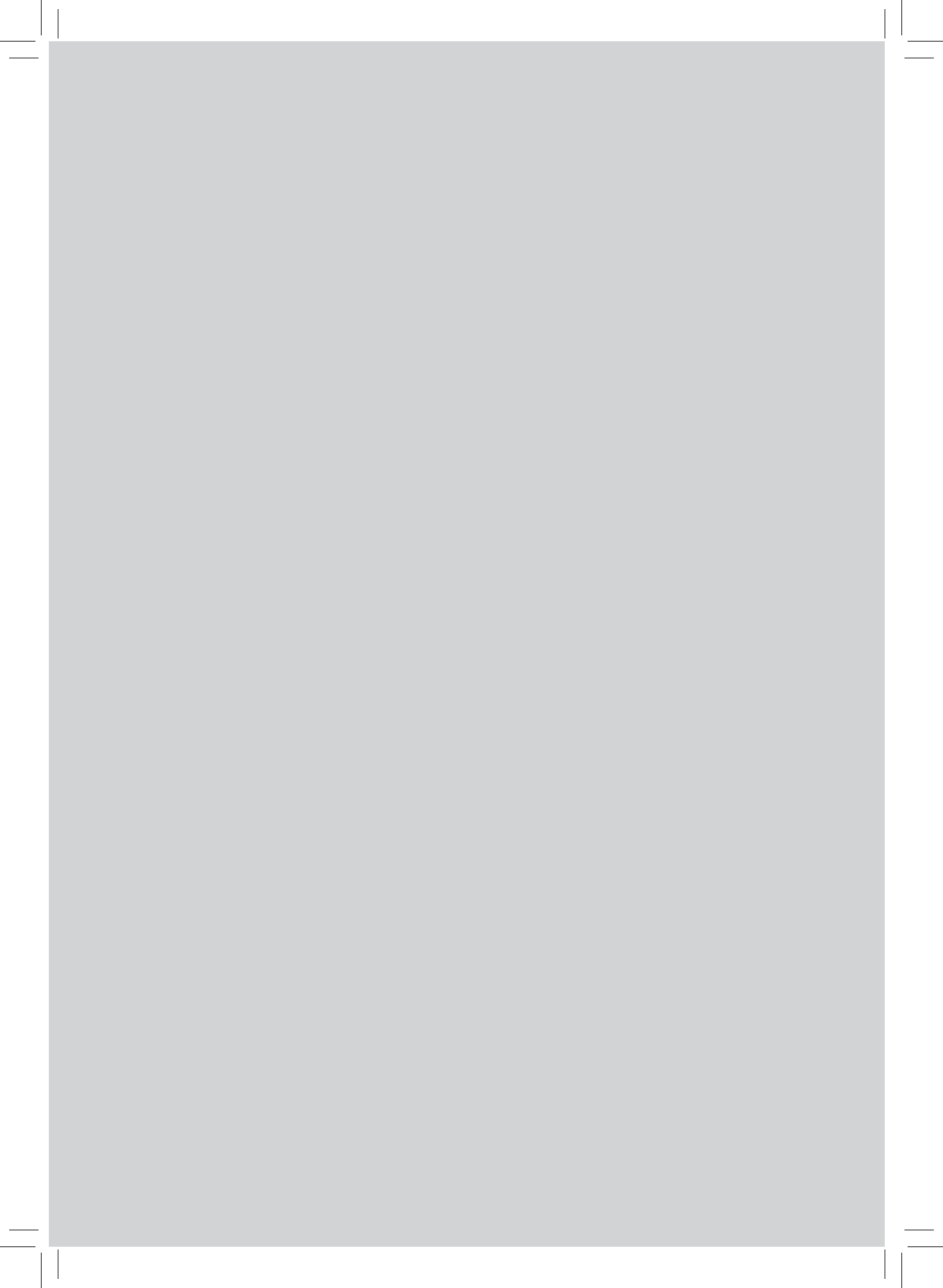


# MANUEL LEIRAS PULPEIRO

**POESIA  
GALEGA  
COMPLETA**



**Edizón  
de  
RAMÓN  
REIMUNDE**





≈ POESIAS COMPLETAS ≈



*POESIAS*

EDIÇÃO 1911

CANTARES GALEGOS



## CANTIGAS DE SENTIMENTOS AMOROSOS

1

Todos me dizem que acabo  
Que logo me leva o ar;  
E a culpa tem-ma um nuveiro<sup>1</sup>  
Que se me pôs no lugar.

2

Deus che pague a tua esmola  
Carinha de repinaldo<sup>2</sup>!  
Não che cuidei que tivesses  
Coraçãozinho tão brando.

3

Quem fora reichinho ruivo<sup>3</sup>  
Pra cantar na tua figueira  
Pra não sair do teu horto  
E aninhar na tua silveira.

4

Ai! vi-o, e que não o vira  
Pra vê-lo ali, qual o vi!  
Que inda me dói a espinhada  
Que lá dentro eu senti!

5

Bem te vi no alto do monte  
Meio envolta pela névoa  
Que figuravas a Virgem  
Baixando outra vez à terra.

---

<sup>1</sup> Nuveiro: espírito maligno

<sup>2</sup> Repinaldo: variedade de maçã

<sup>3</sup> Reichinho ruivo: pássaro, também chamado papo-ruivo.

6

Como o pássaro, no ninho,  
Como a truita, no remanso,  
Assim me tens, minha nena<sup>4</sup>  
Quando te tenho ao meu lado.

7

Ontem, cantando no prado  
Muito, muito te queixaste!  
Que che passou, meu consolo  
Pra que assim triste cantasses!

8

Chamou-me desamorado<sup>5</sup>  
Uma moça que eu cortejo  
Bem se vê que ela não sabe  
Como o coração eu tenho!

9

Tenho um galá aloucado  
Parece que anda coa<sup>6</sup> Lua  
Ora, não sai do meu lado  
Ora, nem de mim se cuida.

10

Fize-lhe a rosca do galo<sup>7</sup>  
Em quantos sítios a vi  
Disse-lhe o demo\* e a nana\*<sup>8</sup>  
E sempre o tempo perdi.

---

<sup>4</sup> Nena: rapariga, moça, menina.

<sup>5</sup> Desamorado: sem amor, com desamor.

<sup>6</sup> Coa :com a

<sup>7</sup> Rosca do galo: galanteio arredor como o galo com a galinha, cortejar.

<sup>8</sup> O demo e a nana: o diabo e a nana, frase feita que significa "muito".

11

Muitinho\* levo chorado  
Por ti, meu bem, bem o sabes;  
Mas, Deus che\* valha, por isso;  
Que ainda de mim te lembraste.

12

Qual as ondinhas do mar(e)  
Morrem beijando na areia,  
Assim, querida, contigo,  
Assim finar-me eu quisera!

13

Se visses qual me tratalha<sup>9</sup>  
Ver-te com outros falando,  
Verias quanto te quero  
E o mal que sabes pagar-mo.

14

*Dês-que não vejo o meu bem  
Tenho o coração coberto<sup>10</sup>;  
Quando a vê-lo eu voltarei  
Minha Mãezinha do Céu?*

15

Ai! Luzeirinho galano\*  
Que de lá cima vês todo,  
Olha-me se a minha moça  
Fala ou não fala com outros!

---

<sup>9</sup> Tratalha: angustia, comove, cobre o coração de pena. Gelar o sangue, desalentar.

<sup>10</sup> Trecho em cursiva correspondente a uma canção popular.

16

Jurei cem vezes deixá-la...,  
E não há vez que a tropece  
Que para ela mais não olhe  
E a ela mais não me achegue.

17

Ao pé de um tojo que fosse  
Sendo contigo, velhinha,  
No monte, como a laverca<sup>11</sup>  
Amanhã o ninho eu faria.

18

Não saias ver-me até à porta  
Quando prà cova me levem;  
Que, pra te ver mulher de outro,  
Não quero que me despertes!

19

Desde que uma rapariga  
Não quis dar-me do seu jarro  
Tenho uma mágoa comigo  
Que me tem sempre apenado.

20

Esta noite hei-te de ir ver  
Deixa-me a porta achegada,  
E cata<sup>12</sup> que não te sintam,  
Nem nos pilhem na engrelhada<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Laverca: pássaro cinzento que faz o ninho no chão. Cotovia.

<sup>12</sup> Cata: olha, observa cuidadosamente.

<sup>13</sup> Engrelhada: enredo, trama.



21

De me fiar, numa festa,  
De um rapazinho atrasnado<sup>14</sup>  
Chorei os sete chorares,  
E chorarei não sei quanto.

22

Tenho no peito um inferno  
Desde que te conheci;  
Como tua mãe não abrande  
Não sei que vai ser de mim.

23

Há uma moça na Chaira<sup>15</sup>  
Que me tem louco de todo.  
Sei que ma cangou o diabo!  
Sei que me viu um mal de olho!

24

Sei eu de um namoradinho  
Que levou todo um inverno  
Como a silva degolada<sup>16</sup>  
Que beija a água no rego.

25

Deixa-o, me diziam todas,  
Quando à porta me cucava<sup>17</sup>  
Deixa-o, deixa-o! Quem pudera!  
Não se faz como se manda

---

<sup>14</sup> Atrasnado: como o trasno ou diabo benéfico, pícaro ou joguetão.

<sup>15</sup> Chaira: Terra Chã, comarca da meseta ao Norte de Lugo, perto de Mondonhedo.

<sup>16</sup> Degolada: com a cabeça caída, inclinada.

<sup>17</sup> Cucava: fazia o sinal do cuco (cu-có), pássaro primaveral que põe ovos em ninhos alheios.

## CANTIGAS DE PARRAFEIO<sup>18</sup> DE MOÇOS E MOÇAS

26

Não voltes a ter-me o pé<sup>19</sup>  
Trás de sebes e valados,  
Se queres que a mão che aguarde<sup>20</sup>  
Fala-me onde adoitamos<sup>21</sup>

27

Não venhas com que me queres,  
Andando tanto em parolas<sup>22</sup>;  
Que água que muito se parte  
Não mata sede nem molha.

28

Não me olhes com esses olhos  
Com esses olhos de serpe;  
Olha-me cos<sup>23</sup> churrusqueiros  
Que sabes pôr quando queres.

29

Se queres falar comigo  
E queres não ver-me torto<sup>24</sup>,  
Hás-me de andar, 'nha<sup>25</sup> pequena,  
Como a galinha cos\* ovos.

---

<sup>18</sup> Parrafeio: conversa amorosa entre moços e moças, fala de galanteio.

<sup>19</sup> Ter o pé: para-me, deter-me.

<sup>20</sup> A mão che aguarde: que não tenha medo, que espere confiada.

<sup>21</sup> Adoitamos: temos costume.

<sup>22</sup> Parolas: palavras, falas.

<sup>23</sup> Cos: com os olhos alegres, namoradeiros.

<sup>24</sup> Torto: torcido, opôsto.

<sup>25</sup> 'Nha: minha

30

Não tardes tanto no peche  
Catuja, se queres ver-me;  
Acaba a rocada, e vamos,  
Se onde ti queres que fique

31

Se queres que leve o fato  
E cho\* leve até Seselhe,  
Hás-me trazer de Castela  
Pra<sup>26</sup> o justilho, os agulhetes<sup>27</sup>.

32

Bonita, é como os anjos;  
E fresca, como a espadana;  
Que mais há ter a santinha  
Que meu santinho me chama?

33

Moça da face branquinha,  
E do corpo girifeiro<sup>28</sup>  
Ditoso de mim, ditoso,  
Ditoso, se é que te levo!

34

Tenho-te diante mim sempre,  
Diante mim sempre, meu pombo;  
Diante mim, quando te vejo;  
Diante mim, quando te sonho.

---

<sup>26</sup> Pra: para

<sup>27</sup> Agulhetes: cordão de couro para atar, que se passava com uma agulha grande.

<sup>28</sup> Girifeiro: alegre, atrativo, com graça de movimentos.

35

Não sei como agora voltas  
Com os contos de algum dia!  
Para que, então, me tiveste  
Desde a tua marcha, esquecida!

36

Tão aqueladinho<sup>29</sup>, moça,  
Me deixaste ontem à noite,  
Que inda que a morrer me ponha  
Voltara a vir ver-te em hoje!

37

Não porfies com que fale  
E che\* diga o que eu tenho;  
Quando não o adivinhaste,  
Não podes dar-me o que eu quero.

38

Não vires de lado os olhos,  
Nem torças, meninha, a cara;  
Não arredes a quem roga,  
Porque che\* quer pela alma.

39

Hei de ir à fia<sup>30</sup> esta noite,  
E hei de matar o candil,  
E hei-lhe maçar a cotena<sup>31</sup>  
A um *majo*<sup>32</sup> que campa ali.

---

<sup>29</sup> Aqueladinho: com muito aquel, enfasiado, com fastio, triste.

<sup>30</sup> Fia: fiada, lugar onde se fia o linho e se reúne a gente.

<sup>31</sup> Maçar a cotena: bater, espancar, dar uma malheira, malha ou surra.

<sup>32</sup> Majo: castelhanismo que significa moço agraçado, orgulhoso, conquistador.

40

Não quero moça que tenha  
Quem a tropece na vila,  
Inda que conte fanegas  
E ande bem fresca e bem limpa.

41

Não quero moça que tenha  
Quem lhe tropece na vila;  
Mas também não a queria  
Dessas que há minha-joiinhas<sup>33</sup>

42

Não quero moça xarela<sup>34</sup>  
Nem come-santos, nem xota<sup>35</sup>;  
Quero mocinha que saiba  
Termar de todas as cousas

43

*Não volta o rego à fonte*  
*Nem à mão a pedra solta;*  
Nem a ser como Deus manda  
Volta a que perde a vergonha.

44

Assim que os querem as moças,  
Depois que as moças os querem,  
Assim que os querem as moças,  
A tudo os moços se atrevem...

---

<sup>33</sup> Minha-joiinha: delicada, melindrosa. Um minhajoia, também é um infeliz.

<sup>34</sup> Xarela: pessoa descarada e de pouco critério.

<sup>35</sup> Xota: de carácter rudo, áspera, bruta.

45

Fui à fia aturujando<sup>36</sup>,  
E quis eu botar por ela<sup>37</sup>,  
E puseram-me o lombinho  
Molinho, como a manteiga!

46

Para que disseste, dianho<sup>38</sup>,  
Que tinha cara de rosa...?  
Desde então, se eu te vejo,  
Dá-me assim como vergonha!

47

Faz-mas e bravas, meu Tonho\*,  
Mas vem... e, com duas falas,  
Ainda que seja de noite,  
Deixa-me como umas Páscoas.

48

Vaia!, que não tornas pouco  
Da tua figueira, valeca<sup>39</sup>!  
-É-che\* segundo, meu homem,  
É- che\* segundo a quem seja.

---

<sup>36</sup> Aturujando: dando aturujos, gritos guturais fortes que lançam os moços.

<sup>37</sup> Botar por ela: frase feita que indica presumir, brindar por alguém, atrever-se.

<sup>38</sup> Dianho: eufem.pop. Diabo (aqui referido ao moço como insulto carinhoso)

<sup>39</sup> Valeca: moça habitante do Vale (Vale de Lourença ou Mondonhedo)

## CANTIGAS DE SANTOS E DE CREGOS

49

Ai! meu Santo António bento,  
Como me cases ogano<sup>\*40</sup>,  
Hei-che levar a candeia  
Como o fungueiro<sup>41</sup> dum carro.

50

Vem-te comigo, meninha,  
Vem-te comigo ao São Câmpio<sup>42</sup>  
Vem-te comigo, meninha,  
Que che\* hei de pôr o Santo<sup>43</sup>.

51

- Senhor Padre, vou Prà sega,  
Tenha-me de olho a Marica.  
- Vai-te e descuida, meu João,  
Que hei vê-la todos os dias.

52

Tenho casinha de meu<sup>44</sup>  
Tenho pão pra todo o ano,  
Tenho dona que me preza,  
Nem pelo crego<sup>45</sup> me cámbio!

---

<sup>40</sup> Ogano: Neste ano, o ano presente.

<sup>41</sup> Fungueiro: estadulho, vara lateral do carro de vacas tradicional

<sup>42</sup> São Câmpio: célebre romaria em Fazouro, no concelho de Foz.

<sup>43</sup> Pôr o Santo: benção com a figura do Santo que se beija, aqui em sentido figurado com segundas intenções.

<sup>44</sup> De meu: da minha propriedade com posse exclusiva.

<sup>45</sup> Crego: pop. Clérigo, padre, cura.

## CANTIGAS DE MALDIÇÕES, ESCARNHOS E SÁTIRAS

53

Deus queira\* que tu não aches  
Nunca pra ti mãos abertas,  
E que, mal morto de fome,  
Te comam os cães e as pegas.

54

Por muito que te cuspinhes,  
Gata mamada do demo<sup>46</sup>;  
Por muito que te cuspinhes,  
Para casar, não te quero.

55

Porque não a quis por sogra,  
Fadou-me mal uma meiga;  
Caíam-lhe entrambos os olhos  
Antes que tal fada veja.

56

Permita Deus que te vejas  
Como os coios<sup>47</sup> dos caminhos,  
Que se não 'stão enterrados,  
Pra baixo sempre vão indo!

---

<sup>46</sup> Demo: demónio.

<sup>47</sup> Coios: pedras redondas.



57

Veio o godalho<sup>48</sup> e levou-me  
Quanta grã tinha na casa...!  
Deus faça que lhe aproveite  
Como aos cães a ferranha<sup>49</sup>!

58

Val' Deus que nunca tiveste  
Que limpar, como tens ares;  
Que se o tivesses, já o diabo  
Podia vir temperar-te.

59

Es como essas ginjas<sup>50</sup> bravas  
Que a todos os olhos gostas,  
E, quando querem provar-te,  
Pra ninguém tens mais que agruras.

60

Vês o cachopo<sup>51</sup> que eu tenho  
Pra colgar o milho à porta?  
Pois, como ele, nada vales,  
Não sendo se algo che\* colgam.

---

<sup>48</sup> Godalho: aguazil que cobra os tributos. Também significa bode.

<sup>49</sup> Ferranha: ferrugem, erva má do trigo ou aveia.

<sup>50</sup> Ginjas: fruto amargo semelhante à cereja, bom para licores de água-ardente. No original: *guindas*.

<sup>51</sup> Cachopo: toco seco de árvore, tronco de árvore, normalmente castanheiro.

61

Sem ter a que, vais à vila,  
E lá tomas sempre a parva<sup>52</sup>...  
Já veremos pelo agosto  
Quantas medas pões na aira<sup>\*53</sup>.

62

Como uma rosa es tu, Rosa,  
E és boa como o bom pão;  
Mas, como isso não faz pote<sup>54</sup>,  
Todos deixando-te vão.

63

Andas como as cabras ceivas,  
Aqui chouto, lá me deito...  
Hão che hão faltar cães ou ranha<sup>55</sup>  
Mentres che dure o peelho.

64

És como os tojos do monte,  
Que, até quando abrigo dão,  
Por muito tento<sup>56</sup> que um leve  
Sempre cravam o espinhão.

---

<sup>52</sup> Parva: alimento ligeiro pela manhã, ou bebida, preferentemente água-ardente.

<sup>53</sup> Aira: (dialetal), eira do trigo, pátio liso ou terreiro para trabalhos de lavrança ao pé da casa rural. Área de terra batida onde se malham, trilham e limpam cereais e legumes.

<sup>54</sup> Pote: caldo galego do pote ou comida de colher em geral.

<sup>55</sup> Ranha: planta silvestre dos montes.

<sup>56</sup> Tento: cuidado.

65

Os cravos que cuido eu  
No meu cumprido craveiro,  
São vermelhos, bem vermelhos,  
Que o vermelho é o primeiro.

66

Casei com uma viúva,  
Cuidando que fosse fina,  
E vi... *que o sapo esmagado*  
*Sempre escarranchado*<sup>\*57</sup> *fica.*

67

O querer das festejeiras,  
Faz como a flor do guindeiro\*,  
Que, quando mais tem de dura,  
Dura dous dias e meio.

---

<sup>57</sup> Escarranchado: dito pop. "Com as pernas muito abertas". Escarrapachado.

## CANTIGAS DE CONSELHOS

68

À força de jeito e voltas  
Ao cabo fui-a colhendo;  
Para as moças é boa a manha,  
Se acertas chegar a tempo.

69

Guarda o pradinho que levas,  
E guarda-o bem noite e dia;  
Que se uma volta te furtam,  
Hão-che pascer\* a outonia<sup>58</sup>.

70

Não te importes por se chove.  
Que, se chove, há de parar;  
E, se não para..., do couro  
A água não há passar.

71

Se como vemos os rostos  
Víssemos as intenções,  
A mais de quatro galinhas  
Viam-lhes os esporões.

72

Quando te afogue uma mágoa,  
Nunca a ninguém o confesses;  
Que nunca um toparias  
Que o teu segredo guardasse.

---

<sup>58</sup> Pascer a outonia: literalmente, o gado vai comer a erva do outono no campo. Em Mondonhedo é cláusula que significa infidelidade da mulher própria com outro.

73

Deixa-te de panjolinhas<sup>59</sup>  
Que estes não são tempos velhos;  
Deixa-te de panjolinhas,  
Que, abofé<sup>60</sup>, perdes o tempo.

74

Porque hoje campos sem lacra,  
Das que a tenham não te rias;  
Que, quando menos se pensa,  
Come o raposo a galinha.

75

Cereja que em pola\* baixa  
E ao pé de um caminho esteja,  
Não se vê nunca em nenhures  
Que tardem muito em comê-la.

76

Truta que muito se amostra<sup>61</sup>,  
Logo vai dar à tigela;  
Olha o que fazes, rapaza,  
Que andas da feira pra a festa.

77

Se queres, moça, guardar-te,  
Não 'speres a noite fora;  
Que a lentura de entre luzes  
Às solteiras não é boa.

---

<sup>59</sup> Panjolinhas: vilancicos, canções de meninos. Também indivíduo cuitado e ingénuo.

<sup>60</sup> Abofé: a boa fé, com certeza.

<sup>61</sup> Amostra: mostra No original: *amosa*.

78

Rapazas que tras o riso  
Vais até o cabo da terra,  
Olhade bem que há risadas  
Que trás si cem choros levam!

79

Olha como andas, Maruja,  
E não esbares que há lama;  
Que, a que na lama tordeia<sup>62</sup>,  
Sempre nela se emborcalha<sup>63</sup>.

80

Renega como do diabo  
De aquelas mija-morninhas<sup>64</sup>,  
E não lhes tripes\* o rabo,  
Que são como delonzinhas<sup>65</sup>.

81

Ai! minha moça, ai menina,  
Olha o caminho que colhes!  
Ai!, olha que andas nas beiras  
Do de mais báguas pra as pobres!

82

Enquanto tive que dar(e),  
Vinham-me ver os vizinhos;  
E agora, por não topar-me,  
Torcem de longe o caminho.

---

<sup>62</sup> Tordeia: dá um traspé, cambaleia.

<sup>63</sup> Emborcalha: chafurda, mancha, fica suja.

<sup>64</sup> Mija-morninhas: literalmente "mija quentinho" e figuradamente: delicada, melindrosa, que morde pela calada

<sup>65</sup> Delonzinhas: dialetal mindoniense por donizelas, doninhas, mustelídeo carnívoro e mito popular.

83

Bom é ter muitos amigos,  
E que por de bem a um tenham;  
Mas, quando chega um aperto,  
Val' mais sempre uma *marela*<sup>66</sup>.

84

Posto no bico das socas  
Pôs-se-me a mim um parente;  
Não se pôs enquanto tiveram  
Polpa em que ele meter dentes!

---

<sup>66</sup> Marela: moeda de ouro. Também pode ser uma vaca ou o valor de uma vaca.

## CANTIGAS DE MARINHEIROS ( MARUJOS)

85

Não saiades, marujinhos,  
Que brua o mar em Burela!  
Marinheiros, não saiades,  
Que os marçalinhos<sup>67</sup> já ventam!

86

Pra fazer bem a costeira<sup>68</sup>,  
Marujeirinhos rinlegos<sup>69</sup>;  
Para... botar contas em porto,  
Marinheirinhos fozegos<sup>70</sup>.

87

Vão as lanchas à sardinha,  
Que esta noite há escurada<sup>71</sup>.  
Deus lhe-la dê de boa sorte  
Pra matar a Reganhada<sup>72</sup>!

---

<sup>67</sup> Marçalinhos: ventos e temporais de março. Burela é hoje porto pesqueiro importante da Marinha.

<sup>68</sup> Costeira: tempada de pesca de uma espécie de peixe, especialmente da sardinha e do bonito.

<sup>69</sup> Rinlegos. Naturais do antigo porto de Rinlo, na Marinha de Lugo, grandes trabalhadores do mar.

<sup>70</sup> Fozegos: naturais do porto de Foz, na Marinha lucense, pátria do adaptador. Bons marinhos e faladores.

<sup>71</sup> Escurada. Período de escuridão total, boa para pescar à ardora os peixes em bancos ou cardumes.

<sup>72</sup> Reganhada: metafórico por fome na expressão feita "fome reganhada", fome grande, fendida.



## CANTIGAS DE LEMBRANÇA DAS ALDEIAS E DA MOCIDADE

88

Com casar como eu quis,  
E ter eu o céu em casa,  
Não há noite que não lembre  
As noites de moinhada.

89

Não quero a vida da vila  
Assim folgada ma dessem;  
Quero ir e vir pelos pousos<sup>73</sup>  
Ao sol e ao ar pela aldeia.

90

Batei-me ares, batei-me;  
Batei-me ares da serra;  
Que aqueles bafos da vila  
Botando-me iam na terra.

91

Ai! quem dera no meu souto  
Que há junto da minha casa!  
Ai! quem dera com as moças  
Com quem pouco há brincava !

92

Auguinha, a da minha fonte!  
Mainço<sup>74</sup>, o da minha veiga!  
Moças, as da minha rua!  
Sinos, os da minha igreja!

---

<sup>73</sup> Pousos: pousadoiros, lugares onde se pausa o peso para descansar

<sup>74</sup> Mainço: milho.

## COPLAS DE LOUVANÇA DA ALDEIA E MENOSPREZO DA VILA

93

Guarda a gaitinha, gaiteiro;  
Volta-te tocar pra aldeia;  
Que os vilegos, desleigados  
Ja estojam<sup>75</sup> as moinheiras!

94

Val mais uma sede de água  
Da fontinha do meu souto,  
Que quanto os vilegos tenham  
E isso que têm de tudo.

95

Não tenho lençóis de linho,  
Nem palha limpa no leito;  
Mas tenho teias na arca,  
E ao pé da meda um palheiro.

96

Queixam-se as pimpinelinhas<sup>76</sup>  
De nascer entre as silveiras;  
Chamando, como lá chamam  
Não sei por que elas se queixam!

---

<sup>75</sup> Estojam: sentem nojo, desprezam.

<sup>76</sup> Pimpinelinhas: florinhas silvestres

97

Ainda que sou da Montanha  
Ando eu bem limpa e fresca;  
Que ainda que sou da Montanha  
Não sou dessas carracentas<sup>77</sup>.

98

Minha mãe quer umas socas  
Branquinhas de abedoeira\*;  
Mande-mas vir de Vilalva<sup>78</sup>,  
Daquelas que há de chinela.

99

Pra palique<sup>79</sup>, as da Montanha;  
Pra ferver logo, as valecas;  
Pra frescura, as da Marinha;  
Pra querer bem, as vilegas.

100

Não quero viver na vila  
Na vila de Vilanova<sup>80</sup>  
Que por bem santos que sejam,  
Não quero frades à porta.

---

<sup>77</sup> Carracentas: pouco limpas, com carraças, parasitas.

<sup>78</sup> Vilalva: Vila Alva, vila central da Terra Chã.

<sup>79</sup> Palique: fala, paleio

<sup>80</sup> Vilanova: Vila Nova de Lourença, próxima a Mondonhedo, com antigo mosteiro medieval.

101

Nunca tu seques fontinha,  
Fonte da Ponte Pousada<sup>81</sup>  
Fonte à que fui muitas vezes,  
Coa minha moça galana<sup>82</sup>

102

Nunca sequinha te vejas.  
Fontinha da Ameixoadá<sup>83</sup>,  
Onde eu lavei tantas vezes,  
A minha carinha branca.

103

Nunca tu seques fontinha,  
Fontinha da Ameixoadá,  
Onde eu bebi tantas vezes  
Onde eu lavei tanto a cara.

104

Atalho dos Pedregás<sup>84</sup>  
Quem dera que me falasses,  
Para ouvir os quatro contos  
Palharegos<sup>85</sup> que tu sabes.

---

<sup>81</sup> Fonte da Ponte Pousada: localizada em Mondonhedo, perto do Matadoiro.

<sup>82</sup> Nena galana: rapariga bonita, mocinha que é um galano ou prenda.

<sup>83</sup> Fonte da Ameixoadá: no lugar da Campã, nasce ao lado duma grande pedra redonda, perto da aba do monte Pombeiro.

<sup>84</sup> Pedregás. Terras mindonienses em Pelourim ou Argomoso.

<sup>85</sup> Palharegos: de palheiro, de casa de aldeia, rústicos.

105

Deixa-me ver, névoa moura,  
Deixa-me ver bem a Granda<sup>86</sup>  
Deixa-me ver em que volta,  
Um meigo ruivo me aguarda.

106

Sei de uma pícara<sup>87</sup> em Quende<sup>88</sup>  
É como um sol espelhante;  
Ou não é caste de moles  
Ou com ela hei de ajeitar(e).

---

<sup>86</sup> Granda, gandra, gândara. Aquí, encosta e volta grande na estrada que sobe de Mondonhedo à Gesta.

<sup>87</sup> Pícara: menina, em dialetalismo mindoniense, referido a gente de pouca idade. Aqui: uma moça nova.

<sup>88</sup> Quende: aldeia do Alto da Gesta, chegando a Abadim de Mondonhedo.

## CANTIGAS DE LOUVANÇA DA MARINHA E MENOSPREZO DA MONTANHA.

107

Dai-me onde o mar uma cova,  
Dai-me minchinhas<sup>89</sup> e lapas  
E dou-vos todo, todinho,  
Quanto se dá na Montanha.

108

Quem mora cá na Marinha,  
Tem cara ao mundo as janelas;  
Quem mora lá na Montanha,  
tem-nas... também; pero pechas.

109

Na Marinha no 'há<sup>90</sup> morrinha<sup>91</sup>;  
Na Marinha no 'há pão mouro;  
Na Marinha no 'há quem sinta  
Pesar pelas medras de outro.

110

Uma rochinha do Cabo<sup>92</sup>  
Que cobre o mar nas marçadas,  
Val' mais que todos os picos  
E veigas que há na Montanha!

---

<sup>89</sup> Minchinhas e lapas: moluscos do mar, pequenos caracóis marinhos, o marisco mais modesto.

<sup>90</sup> No 'há: não há, ( exigência métrica)

<sup>91</sup> Morrinha: saudade, lembrança triste da terra de origem de longe.

<sup>92</sup> Cabo: o único cabo salientável da Marinha é o Cabo de Burela. O resto é Golfo do Masma.

## CANTIGAS DOS COSTUMES E DAS FESTAS

111

Como e bebo, e durmo e folgo,  
E bailo e brinco coas\* moças;  
Não pode ninguém dizer-me  
Que faço eu poucas cousas.

112

Minha casinha, meu horto,  
Meu cajigo<sup>93</sup> e meus loureiros,  
Parte-me a alma o deixar-vos  
Mas não tenho mais remédio.

113

Ou não hão dar leite as cabras,  
Ou não ter fio o fouchinho,  
Ou hoje o galo do Coto  
Ha-se comer nos Moinhos<sup>94</sup>.

114

Pus-lhe eu preto a um vizinho  
Pelo derrego de um leiro<sup>95</sup>  
Comer, comeu todo a cúria,  
Mas amolar<sup>96</sup>, amolei-o

---

<sup>93</sup> Cajigo: dialetal mindoniense aplicado a árvores como a azinheira ou castanheiro muito novos.

<sup>94</sup> Coto e Moinhos: Coto da Recadreira e Os Moinhos são bairros da antiga cidade bispal de Mondo-nhedo. Esta quadra refere-se à corrida do galo, divertimento de que se ocupa no primeiro poema da ed. 1930.

<sup>95</sup> Leiro: pequena terra de lavoura. Leiras (idem a apelido do poeta) são pequenas propriedades agrárias. Fazer um derrego é delimitar com um rego a propriedade, deslindar.

<sup>96</sup> Amolar: abrandar. Aquí tem um significado de desgostar, afiar, maçar, aborrecer.

115

Anda raseira a laverca,  
E o vento vem da Montanha;  
Vai-te correndo, meu Pepe,  
Que vai-nos vir logo a água.

116

Vai-te, barruço<sup>97</sup>, que venho  
Coa<sup>\*98</sup> minha mantela nova;  
Vai-te, barruço, da festa,  
Que quero dar quatro voltas.

117

Fui a romagem do Conforto<sup>99</sup>  
Onde tantos se consolam;  
E qual eu fui, tal voltei  
Com as minhas mágoas todas.

118

Pus todo o fundo da arca  
E fui correndo até a festa;  
Ai!, quantas vezes um corre  
Trás do que nunca quisera!

119

Não vou, e Deus mo perdoe!  
À festa por ver a Santa;  
Que vou por ver se tropeço  
Com um toleirão\* que encanta.

---

<sup>97</sup> Barruço: chuva miúda, orvalho.(dialetalismo mindoniense)

<sup>98</sup> Coa: Com a

<sup>99</sup> Conforto: famosa romaria entre A Ponte Nova e Pastorixa.



120

Ainda ensinas bem a vara!  
Ainda vais bem galhoufeiro<sup>100</sup>!  
Já mo dirás quando aqueçam  
As cacholas<sup>101</sup> no terreiro.

---

<sup>100</sup> Galhoufeiro: que arma barulho, que presume, vaidoso, ufano.

<sup>101</sup> Cacholas: cholas, pop., por cabeças

## CANTIGAS DE COSTUREIRAS E DE XASTRES\* (ALFAIATES)

121

Dá-me aqui, costureirinha,  
Dá-me aqui, quatro pontadas,  
Já que me acabas co' o corpo,  
Trai-me a roupinha mendada.

122

Ainda que cousas te digam  
Mais de quatro louvadiços<sup>102</sup>,  
Pra limpar-se as costureiras,  
Não vale qualquer capiço<sup>103</sup>.

123

Dizem que as costureirinhas  
Não sabem querer ao jeito;  
Ai! sabem, sabem; não sabem  
Querê-las os galanceiros<sup>104</sup>.

124

No coser todas são umas,  
Todas fam bem a pontada;  
Mas a apertar...nos remates  
Não há quem ganhe às de Masma<sup>105</sup>.

---

<sup>102</sup> Louvadiços: que se louvam, que querem fazer méritos.

<sup>103</sup> Capiço: trapo, farrapo, pedaço de pano.

<sup>104</sup> Galanceiros: galanteadores, pretendentes de uma moça.

<sup>105</sup> Masma: paróquia de Mondonhedo, por onde passa o rio Masma, que desemboca na Ria de Foz.

## CANTIGAS CONTRA OS MURMURADORES

125

Como te vês com camisa  
Já cuidas que és grandeza;  
Não sai o tojo de tojo  
Por floreado que esteja.

126

Mulher que, quando se queixa  
Abre as ventãs<sup>106</sup> pra que a ouçam,  
Poderá ser comenência<sup>107</sup>  
Mas não será nunca boa.

127

Quanto mais bouram<sup>108</sup>, mais calo  
Que o ter razão vale sempre;  
E se não val, Deus me valha!  
E bourem quanto quiserem.

128

Nada che\* vale que espelhes  
Nem que te ponhas tão *maja*  
Se não dominas a língua...  
A língua que tens tão gafa.

---

<sup>106</sup> Ventãs: janelas

<sup>107</sup> Comenência: vulgarismo por conveniência, algo ou alguém que convém, que é de proveito económico.

<sup>108</sup> Bouram: armam barulho ao falar, gritam, murmuram

129

Tenho vizinha uma choia<sup>109</sup>  
Que me tem sempre na língua;  
Que farei para que cale,  
Ou só conte o que ela saiba?

130

Sempre foste um bom badua<sup>110</sup>  
Sempre andas tocando a choca<sup>111</sup>;  
Mentres não che andem co's\* dentes,  
Não sabes calar a boca!

131

Para chufar<sup>112</sup> vales ouro  
Ninguém che põe o pé diante;  
Porém se o grilo não grila,  
De nada as chufas che\* valem.

132

Quanto chufas<sup>113</sup>, montanhesa,  
Com quatro medas na aira\*...!  
Pois a mim, menos me basta  
Tendo frescura na cama.

---

<sup>109</sup> Choia: gralha, mulher murmuradora.

<sup>110</sup> Badua: que fala de mais e muito.

<sup>111</sup> Tocar a choca: tocar o chocalho que levam os animais ao colo, andar enredando, falando.

<sup>112</sup> Chufar: dirigir chufas. Louvar exageradamente, falar bem de algo ou alguém.

<sup>113</sup> Chufas: presumes, autolouvança exagerada.

## CANTIGAS DE SAUDADE

133

Não se abaneia\*<sup>114</sup> uma folha;  
Todo esta noite está calmo;  
Ai! quem pudesse dizer,  
Com mão no peito, outro tanto!

134

Negruras, nada mais vejo  
Colha pra baixo ou pra cima!  
Negruras! E só negruras!  
Quem mo dissera algum dia!

135

Pobre de mim que não tenho  
Se caio, quem me a mão bote!  
Pobre de mim!, que se choro,  
Não tenho quem me console.

136

Porque me vejas calada,  
Não penses que eu nada peno;  
Também calam as ovelhas,  
E mais sentem o cuitelo.

137

Todo floresce no maio,  
Todo co' maio se alegre,  
Não sendo eu, malpocadinha<sup>115</sup>,  
Que um meu pesar não me deixa!

---

<sup>114</sup> Abaneia: abana, move.

<sup>115</sup> Malpocadinha: coitadinha, desgraçada.

138

Pra mim as noites são noites,  
E os dias, de névoa pecha;  
Pra que me dariam olhos,  
Se o meu sol ver não me deixam.

139

Colha pra baixo ou pra riba,  
Triste vou e triste volto;  
Pra mim não há senão penas,  
Deus me chame pra si logo!

140

Quem dera, à minha porta,  
E ao pé de aquele cajigo\*  
Onde minha mãe fiava  
Vendo brincar seus meninos!

141

Bem vejo a minha casinha,  
Por entre os meus castanheiros;  
Ai! mas não vejo com olhos,  
Que é só com o pensamento!

142

Não me afago nesta costa,  
Quero-me ir pra onde nasci;  
Leva-me pra lá, meu Fuco\*<sup>116</sup>,  
Dói-te uma vez de mim.

---

<sup>116</sup> Fuco: Farruco, Francisco.

143

Não sei que tem no badalo  
O sino da minha aldeia;  
Se o sinto às doze, relouco;  
Se ao anoitecer, dá-me pena.

144

Indo ao moinho, eu olhei-me  
Junto à presa, no remanso...  
Ai! de mim, que ele me acaba!  
Mazmida<sup>\*117</sup> que vou ficando!

145

Lá vão todos para a festa,  
Todos lá vão a folgar;  
Só fiquei eu, cá sozinha,  
Sozinha com meu pesar!

146

Qualquer dia...não acordo!  
E oxalá que amanhã seja!  
Que esta vida... não é vida,  
Pra viver quem alma tenha!

147

Vou-me até à beira do rio,  
Que consola ouvir a água;  
Porque a água vai dizendo  
Tudo passa, tudo passa!

---

<sup>117</sup> Mazmida: masmida, debilitada, consumida, murcha.

148

Embora traidor tu foste  
E assim chore eu toda a vida,  
Não, home!, não tenhas medo  
Que más pragas eu che pida!

149

Pedra sem fala fui sempre,  
Pedra que sem dó pisaste;  
Mas hei de ser outra cousa  
Se não melhoras em diante.

150

Minha mãe, minha mãezinha,  
Minha mãe, não sei que tenho!  
Que nem na cama eu acougo  
Des'que<sup>118</sup> rifei com o meigo.

151

Por te ver, muitas noitinhas  
Levei detrás do puxigo<sup>119\*</sup>!  
Por te ver só!... e tu mentres,  
De troula<sup>120</sup> pelos moinhos!

152

Bote como quiser contas  
Todas me saem furadas<sup>121</sup>;  
Não sei quando há vir o dia  
De que uma só bem me saia.

---

<sup>118</sup> Des'que: desde que

<sup>119</sup> Puxigo: poxigo, janelinha da porta para ver quem chama

<sup>120</sup> Troula: festa, diversão festiva.

<sup>121</sup> Sair furadas: dito popular que significa sair mal, obter algo deteriorado.



153

Sempre estou dá-lhe que dá-lhe,  
E nunca saio do dia;  
Não sei como fam alguns  
Pra fazer ceifa em seguida!

154

Como hei ter eu cara branca  
Como não a hei ter pedresa<sup>122</sup>  
Se ma roem os coriscos<sup>123</sup>,  
Se ma toldam as rajeiras<sup>124</sup>!

155

Adeus, meus filhos, adeus!  
Adeus, chousa dos meus velhos!  
Bem sabeis por que me vou!  
Sabeis bem por que vos deixo!

156

A noite que adeus me disse  
Coma mim, também chorava...!  
Foi bem o adeus derradeiro<sup>125</sup>!  
Nem que no-lo desse a alma!

---

<sup>122</sup> Pedresa: às pintas, cútis branco do rosto que se põe moreno com lunares.

<sup>123</sup> Coriscos: chuvascos de saraiva com vento frio.

<sup>124</sup> Rajeiras: forte raio de sol entre as nuvens, a força do sol ao meio-dia.

<sup>125</sup> Derradeiro: o último de todos, o definitivo.

## TRÍADAS POPULARES

157

Espinho de encruzilhada  
Não fales, mentres te abanem  
Quantos por onde ti passam!

158

Que xistra<sup>126</sup> corre, meu Deus!  
Não há casinha coberta,  
E estou mortinha de frio.

159

Não me espinhes, não, tojinho,  
Que abondo espinhado tenho  
este meu coraçãozinho!

160

Levaram-ma da casinha,  
No ataúde e sem cura...!  
E a ninguém segou a vida...!

161

Tens o aquel<sup>127</sup> das taberneiras,  
Que abrem a porta, se chama,  
O diabo maior que seja!

162

Depois que os teus adormeçam,  
Não me deixes, como possas,  
Sem que sequer, eu te veja;

---

<sup>126</sup> Xistra: vento gelado com chuva. O vento frio que vem do monte Xistral no Valeadouro.

<sup>127</sup> Aquel: Aquela cousa, a graça, o jeito, o encanto, a maneira.

163

Sem que, sequer, eu te sinta  
Dizer adeus, calandinho,  
Desde o fachal<sup>128</sup> da cozinha!

---

<sup>128</sup> Fachal: tragaluz, janela do telhado, onde se colocava de noite o facho para alumiar.

## CANTIGAS DAS VACAS

164

Muito te quero, vaquinha...,  
Mentres me dês o teu leite;  
Que o dia que não mo dês,  
Levo-te à feira a vender-te.

165

Não tenho lei a ninguém,  
Fora da minha vaquinha,  
Que me dá um par de canadas  
De leite todos os dias.

166

És como as vacas de Galdo<sup>129</sup>  
Que sem lhes ter que afalar<sup>130</sup>,  
Levam ou deixam o rego  
Por um finho de lá.

---

<sup>129</sup> Galdo: paróquia próxima de Viveiro nas ribeiras do rio Landrove.

<sup>130</sup> Afalar: falar aos animais dando ordens para que caminhem.

## CANTIGAS DE DESDÉM

167

Querem que queira um toupiço<sup>131</sup>  
Com cara e corpo de nabo;  
Eu busco moça bonita  
E de corpinho delgado.

168

Se não apadras<sup>132</sup> o neno<sup>133</sup>,  
Farruco\*, não te perdoo;  
Não te perdoo, assim morras!  
Já que disseste que é de outro.

169

Deu-ma uma rapaza, e calo,  
Que não saem todas boas;  
Também ao raposo, às vezes,  
Lhe sai a galinha choca.

170

Nunca pássaro fugido  
Tornou de seu prà gaiola;  
Nem a uma moça que eu quis,  
Lhe hei rondar mais a sua porta.

---

<sup>131</sup> Toupiço: mulher pouco arranjada ou engraçada fisicamente, como uma toupeira.

<sup>132</sup> Apadras: reconheces como pai.

<sup>133</sup> Neno: menino, criança.

171

Que me queres, dizer,...dizes,  
E até que comigo sonhas;  
Mas tiveste-me uma noite  
Chovendo às cuncas à porta.

172

Pudem-che ver as orelhas  
Antes de que me adentaras...<sup>134</sup>  
Já podes tocar o soco\*...!  
Quem te pariu, que te lamba!

173

Assim cem cruze me ponhas,  
Nunca mais fê che\* hei de dar;  
Que, o que uma faz, faz um cento  
Se lhe acertasse a calhar.

174

Pedi-te\* casa coberta,  
E tu com Deus me mandaste;  
Que nunca outro mal che\* façam!  
Que sempre com Deus te mandem!

175

Tirou o vento uma rosa  
Em meio de uma lameira;  
Muitos a viram *caída*<sup>135</sup>,  
Ninguém se chegou a erguê-la!

---

<sup>134</sup> Versos que se referem ao dito de ver ao lobo as orelhas, escarmentar, precaução.

<sup>135</sup> Caída: faz alusão a uma moça ( rosa) caída ou que perdeu a honra, nesta formosíssima quadra popular.

176

Bota pra lá, cara suja,  
Que junto a mim não te quero,  
E antes de dormir contigo,  
Durmo com cão de palheiro<sup>136</sup>.

177

Pensas que todas te querem?  
Nunca tão galá tu foras!  
Pois, hás de ficar com ganas  
De que pra ti bem me ponha!

178

Anda! Vai tomar o ar,  
Já que és ar, em dares voltas!  
Anda!, vai tomá-lo, e vai-te,  
Vai-te-me aginha da porta!

---

<sup>136</sup> Cão de palheiro: cão sem raça definida, de cor parda ou amarela, resistente, comum nas casas rurais.

## CANTIGAS BURLESCAS

179

Levando a moça queavas  
Bem podes ir fachendoso<sup>137</sup>...;  
Des-que lhe mondam a febra,  
Qualquer cão apanha um osso.

180

Trabalhar, algo trabalho;  
Mas muito não che\* me apuro;  
Que pau que Deus não engorda,  
Nunca sai de carabulho<sup>138</sup>.

181

Tu andaste escolhe, escolhe,  
Como quem escolhe as peras,  
E levaste a que calhar,  
Que a levaste falmaguenta<sup>139</sup>.

182

Quem como tu que casaste  
Com mulher bem governa...  
Quem como tu, que topaste  
Fermento já na masseira...!

---

<sup>137</sup> Fachendoso: satisfeito de si próprio, orgulhoso, ufano, com fachenda ou pesunção.

<sup>138</sup> Carabulho: pau delgado, pedaço de lenha miúda, gravato.

<sup>139</sup> Falmaguenta: fruta madura ou passada, farinhenta.



183

Ando buscando um mantelas<sup>140</sup>  
Que a tudo cale a boquinha;  
Mande-mo quem um conheça;  
Quem saiba de um, que mo diga.

184

Não che\* me colhe de novo  
Que me deixes qual me deixas:  
Lacazão<sup>141</sup> como saístes  
Falta-che\* mãe mainceira<sup>142</sup>.

185

Não te ponhas tão chufona<sup>143</sup>  
Por levar vestido novo;  
Que outras mais belas se viram,  
E logo viram-se em coiro<sup>144</sup>.

186

Estimo-te, rapariga,  
Como nunca estimei outra;  
Que te estimo...igual que estimo  
A lama dentro das socas\*.

---

<sup>140</sup> Mantelas: um Joám, sem vontade nem carácter, que se deixe governar.

<sup>141</sup> Lacazão: pessoa que não gosta do trabalho, preguiçoso.

<sup>142</sup> Mãe mainceira: mãe com mão-cheia de mainço ou milho, com mão produtiva ou exigente.

<sup>143</sup> Chufona: presumida, orgulhosa, auto-complacente.

<sup>144</sup> Em coiro: em couro, com a pele ao ar, despidas.

## CANTIGAS PICARESCAS (E SATÍRICAS)

187

Não sei para que topei  
Contigo, minha santinha!  
Não o sei, se não te vejo  
Mais que uma vez cada dia!

188

Diz que não posso coas cuecas  
Não che\* sou o que pareço;  
Que ainda che\* tenho dentâmia<sup>145</sup>  
Para me pôr a um enceto<sup>146</sup>.

189

Não olhes pra mim, nem chores,  
Que agora, moça, já foi;  
Trata de armar o burulho<sup>147</sup>  
Que é primeiro que os pregões.

190

Que outro mais ca\* mim te queira,  
Não o penses, nem mo digas;  
Que eu sempre igual te quisera,  
Ainda que em coiro\* te vira!

---

<sup>145</sup> Dentâmia: popular por dentes, dentadura.

<sup>146</sup> Enceto: começo, quando se começa a partir o pão. Aqui com o significado figurado: virgindade.

<sup>147</sup> Burulho: envoltura com pagel, baieta e faixa para o recém nascido. A moça estava grávida.

191

Não sabes bem, queridinha,  
que inveja tenho ao luar,  
quando pela lumieira<sup>148</sup>,  
no teu leitinho vem dar.

192

Dia e noite, teço e teço,  
E nunca saio de pobre;  
Quisera ver-lhes a muitas  
O tear em que elas põem.

193

Eram um os nossos corpos  
E uma as nossas duas almas...!  
Como hei esquecer eu nunca  
Aquela aperta apertada!

194

Se hei de botar outra noite,  
Há de ser na tua cama;  
Que não quero espertar logo  
Com as juntas entaladas<sup>149</sup>.

---

<sup>148</sup> Lumieira: janela no teto.

<sup>149</sup> Entaladas: imobilizadas, endurecidas ou fixas.

195

Naquel' burguinho de riba  
Detrás de aqueles loureiros,  
Como o diabo não a torça,  
Hei de topar eu achego.

196

Se tu vais e eu vou contigo,  
Então havemos\*<sup>150</sup> ter festa;  
Então sim que há ser tumbada;  
Então sim que há ser inteira.

197

Ai! que sonhei que era miúdo  
E que no colo me tinhas!  
Ai! e que bem me anainavas  
Achegando-me a carinha!

---

<sup>150</sup> Havemos: no original Leiras escreve *si hemos*

## CANTIGAS DE RONDA ( DE RUADA)

198

Livre-me Deus de congostas  
E pontigos, pra ruá-la<sup>151</sup>;  
Livre-me Deus de mocinhas  
Que trás si dous<sup>152</sup> moços tragam!

199

Pela minha corredeira,  
Muito te guardas da gente;  
Pra vires dessa maneira  
É bem melhor que não voltes.

200

Quando tropeço o teu cão,  
Põe-se-me rosma que rosma;  
Que *judas*<sup>153</sup> tu lhe fizeste  
Pra que já não me conheça?

201

Vás cheia de rir de mim,  
De saíres com a tua;  
Como te apanhe entre os sucos<sup>154</sup>  
Hás-mas pagar todas juntas!

---

<sup>151</sup> Ruá-la: andar de ronda, pela rua onde mora a amada.

<sup>152</sup> Dous: dois

<sup>153</sup> Judas: expressão como que diabo!, sem significado. No original: *xuncras*.

<sup>154</sup> Sucos: sulcos, regos que faz o arado na terra, aqui seguramente de trigo ou milho alto, que ocultam.

202

Não che\* volto a vir de noite,  
Ainda que me dês o céu;  
Que vi andar uma cousa<sup>155</sup>  
No campo-santo correndo.

203

Na carreirinha da fonte  
Dei-lhe uma volta a uma moça;  
Nunca tal volta eu lhe dera!  
Nunca lhe<sup>156</sup> eu dera tal volta!

204

Esta noite hei de ir de ronda  
E hei de ir rondar uma moça,  
Que diz que a ronda um valente  
Que escorrenta<sup>157</sup> os que a rondam.

205

Mentres que canta que cantas  
Andas de riba pra baixo,  
Ando eu, trás as silveiras\*,  
Aqueloutrada<sup>158</sup> acorando!

206

Quando queiras, meu Andruco\*,  
Vir-me ver pelo puxigo\*,  
Vem-te por trás do palheiro,  
Raseirinho, raseirinho!

---

<sup>155</sup> Cousa: cousa. Em português mais frequente *coisa*.

<sup>156</sup> Lhe eu: eu lhe, colocação mindoniense do pronome pessoal átono proclítico.

<sup>157</sup> Escorrenta: faz correr, assusta, ecorraça, afugenta.

<sup>158</sup> Aqueloutrada: com enfado, literalmente com aquilo outro dentro, aborrecida, incomodada.

Vão três noites que não me abre  
A minha escarapulida<sup>159</sup>;  
Pode que lhe entrasse medo  
De que lhe entre eu na cozinha.

---

<sup>159</sup> Escarapulida: rapariga descarada e de génio vivo. Ou presumida e orgulhosa.

## CANTIGAS DE CASAMENTO

208

Em<sup>160</sup> que toda a vida andei  
Guardando cabras na Corda<sup>161</sup>  
Ainda sei que, pra casadas  
Valem mais as lutadoras.

209

Quis casar com uma moça  
Que tinha pão e capelo<sup>162</sup>,  
E não pude, por cangar-se<sup>163</sup>  
No caminho um vinculeiro<sup>164</sup>.

210

Cheguei a cas\* do Fidalgo,  
Pedindo a filha mais velha,  
E deixaram-me na porta,  
Sem dar-me fala sequer(a)<sup>165</sup>.

211

Eu casar, sei que, casava,  
Se fosse pra não ir pra riba;  
Mas, casar para a Montanha<sup>166</sup>...  
Tem-che\* muitão<sup>167</sup> que lhe digam!

<sup>160</sup> Em que: ainda que, dialetal e vulgar, *anque*, arcaico, no original de Leiras. Caberia a grafia em-que.

<sup>161</sup> Corda: Serra da Corda, pelo Sueste de Mondonhedo, cara à Pastoriça.

<sup>162</sup> Capelo: carrapuchinha, capinha, algo com que cobrir-se.

<sup>163</sup> Cangar-se: estorvar, por cangas, impedimentos, interferir.

<sup>164</sup> Vinculeiro: herdeiro rico que exerce direitos sobre bens vinculados ao morgadio.

<sup>165</sup> Sequera: sequer, conservado por exigências da rima e métrica.

<sup>166</sup> A Montanha: zona interior ao sul da Marinha e anterior à Terra Chã ou nos seus limites.

<sup>167</sup> Muitão: aumentativo de muito, de uso dialetal mindoniense como "*moitón*", muito, muito.



212

Fizeste bem em buscares  
Uma mulher fanegueira;  
Fizeste bem; não há nada  
Como ter pão na masseira.

213

Agora já pôsso rir;  
Agora sim que estou leda;  
Que o filho trouxe-me nora  
Bem mandadinha e videga<sup>168</sup>.

---

<sup>168</sup> Videga: de bom caráter, de bom viver, videira, trabalhadora, diligente.

## CANTIGAS DE MORTE

214

Meu Farruco\*, da outra banda  
Não te esqueças de volver(e);  
Olha que deixas na casa  
Filhos, fazenda e mulher(e)\*<sup>169</sup>.

215

Ai! Morte, quanto já tardas  
Em me lebares contigo!  
Bem se vê que não te dóis  
Das dores dos coitadinhos!

216

Ditosos os que se finam\*:  
Que lá vão todas as bágoas!  
Pobrinhos os que cá ficam:  
Que nenhum vive sem mágoa!

217

Muitinhas<sup>170</sup> báguas, muitinhas  
Chorei doente daquela\*;  
Que antes de ver-me aquestada<sup>171</sup>  
Morrer cem vezes quisera.

---

<sup>169</sup> Volvere e mulhere: levam o paragógico de frequente uso dialetal na zona mindoniense e outras.

<sup>170</sup> Muitinhas: agora é emprego diminutivo de muitas, com valor estilístico afetivo.

<sup>171</sup> Aquestada: de aquesta, aqui esta, com o significado de molestada, fastidiada, mesmo desonrada.

## CANTIGAS DE DESENGANOS

218

Muitas bágoas, muitos dias  
Levei chorando daquela<sup>172</sup>;  
Mas...consolei-me; que ao cabo,  
Val mais prenhada<sup>173</sup> que cega.

219

Cegou-me uma vez o demo\*  
E bem pôde então levar-me,  
Que, feito o feito daquela\*,  
Bem me rolou<sup>174</sup> com deixar-me

---

<sup>172</sup> Daquela: em aquele tempo, então.

<sup>173</sup> Prenhada: prenhe, grávida. No original escreve *caída* em cursiva.

<sup>174</sup> Rolou: cantou o canto da rola, enganou-me.

## CANTIGAS DE MÃE E DE MENINHO

220

Adeus, meu filho querido,  
Meu filhinho regalado!  
Ai! quem dera ir no caixão,  
Junto a ti pra o campo-santo!

221

Calai, campanas laionas;  
Calade, por Deus, calade;  
Calai, que se me recorda,  
Quando finou minha mãe<sup>175</sup>.

222

Tocam a morto em São Pedro,  
E chora e laia a menina;  
Não é milagre que chore  
Orfinha como ela fica.

223

Cala, meu filho!, chorando  
Me disse um dia mi madre<sup>176\*</sup>.  
Cala, meu filho!, que ainda  
Me há dar Deus para ajudar-te!

---

<sup>175</sup> Minha mãe: no original de Leiras escreve "cando se finou mi madre", com castelhanismo de respeito.

<sup>176</sup> Mi madre: respeita-se este castelhanismo por exigências da rima e o costume mindoniense ancestral.

Como as ervinhas do adro,  
Que todos vão a pisá-las,  
Assim me vejo, mãezinha,  
Des'\* que<sup>177</sup> a sua sombra me falta!

---

<sup>177</sup> Des'que: desde que, por exigências métricas. O tratamento tradicional à mãe era de você em 3ª pessoa.

## CANTIGAS DE GENTE POBRE

225

Pobrinho e tudo, sou rico,  
Que não sou feixe de naide<sup>178</sup>;  
E muitos, que muito rumbam<sup>179</sup>,  
Não podem disso louvar-se.

226

Tive casa, pão e gado,  
Mas nunca tive governo,  
E trás de cem focinhadas  
Bem vedes como eu me vejo.

227

Para onde vas<sup>180</sup>, minha alminha!  
Que te chama de tão longe?  
Nao te dói o que me apeno?  
Estojas-me<sup>181</sup>, ora , por pobre!

228

Se tivesses de fanegas  
O que che\* vem de cortejos,  
Outros tua porta rondaram  
De outra hora e de outro jeito.

---

<sup>178</sup> Naide: ninguém, castelhanismo e dialetalismo mindoniense.

<sup>179</sup> Rumbam: Pode significar meter ruído, rumar, fazer rrr...

<sup>180</sup> Vas: vais.

<sup>181</sup> Estojas-me: desprezas-me.

229

Venho molhada e pitada<sup>182</sup>,  
De andar com gado na serra;  
Pobres dos que a minha vida,  
Dos que a minha vida levam!

230

Pobre do pobrinho que anda  
Pelas portas a pedir,  
Se outros pobrinhos não dessem  
Onde aquestrar-se e dormir.

231

O pobre não tem padrinho,  
Nem porta nenhuma aberta!  
Pra o pobre não há justiça,  
Se o braço torto<sup>183</sup> não leva!

232

Andaste-me tu rogando,  
E agora dás às corneiras<sup>184</sup>...;  
Pobre de quem bote contas  
Do que no bolso não tenha.

---

<sup>182</sup> Molhada e pitada: literalmente significa molhada como um pito (pinto) ou frango. É frase feita.

<sup>183</sup> Levar o braço torto: com um presente.

<sup>184</sup> Dar às corneiras: abanar a cabeça de um lado a outro, como dizendo que não, arrependido.

## CANTIGAS SOCIAIS

233

Dorme, meu menino, dorme;  
Dorme bem, e não despertes;  
Para passar trabalhinhos,  
Tempo de sobra hás de ter(e).

234

Tira do sacho, labrego<sup>185</sup>,  
Turra do sacho e espreita;  
Não há faltar quem, folgado,  
Coma toda a tua colheita.

235

Lá vão os nossos mocinhos  
Passar as penas da sega<sup>186</sup>,  
Da sega, onde se assam vivos,  
Sem provar a água fresca!

236

Não temos pão, meus filhinhos,  
Nem há em onde ganhá-lo!  
Temo-nos que ir pelo mundo,  
Temo-nos que ir a buscá-lo!

237

Já não ficou um mocinho!  
Já ninguém rolda uma nena\*!  
Já não se ouve um aturujo\*!  
Tudo é tristura na aldeia!

---

<sup>185</sup> Labrego: lavrador humilde, trabalhador da terra.

<sup>186</sup> Sega: Ceifa, aquí do trigo, em Castela.



238

Muito me querem meus amos,  
Meus amos muito me querem;  
Por isso me têm descalça...,  
Descalça, chova que neve!

239

Quanto trabalhinho temos!  
E, para que, minha filha?  
Para viver padecendo<sup>187</sup>  
E morrer numas palhinhas!

---

<sup>187</sup> Na escrita original de Leiras figura "esgarecendo", com o significado de morrer de fome e padecer.

## CANTIGAS PATRIÓTICAS DO MARECHAL

240

Cheguei à Ponte de Ruzos<sup>188</sup>,  
E ouvi tocar as campanas;  
E dei em pensar nas tristes  
Que ouviu ali a Marechala\*!

241

Ainda se lhe acorda o mundo  
No convento à campaneira\*,  
Que quando repica os sinos  
Toca sempre moinheiras!

242

Dês-que a peta<sup>189</sup> lhe botaram  
Ninguém mais foi à Frouseira<sup>190</sup>;  
Só Deus pôs essas florinhas  
Pelo entremeio das penas.

---

<sup>188</sup> Ponte de Ruzos: a famosa Ponte do Passa-tempo, no bairro mindoniense dos Moínhos, onde se diz que membros do clero entretiveram a Dona Sabela de Castro, coirmã da rainha católica e esposa do Marechal Pedro Pardo de Cela, que impediram que chegasse a tempo o indulto da rainha Isabel, pelo que seu marido foi justificado em 17 de dezembro de 1483. A Marechala é a esposa do Marechal Pardo de Cela.

<sup>189</sup> Botar a peta: picar, destruir, com um instrumento de petar na pedra.

<sup>190</sup> Frouseira: Monte emblemático situado entre os concelhos de Foz e Alfaz, em cuja fortaleza roqueira, hoje em ruínas e abandonada pelos poderes públicos, se fez forte o Marechal Pedro Pardo de Cela ante o invasor castelhano Mudarra, enviado pelos reis Católicos, pelo qual se considera o último bastião nunca conquistado e símbolo da resistência do Reino de Galiza. A Frouseira foi entregue por traição de vinte e dois criados do Marechal, quem foi preso e depois decapitado na Praça da Catedral de Mondonhedo.

Frolinhas pequerrechinhas,  
E avermelhadas, semelham  
Báguas de sangue calhadas  
No bico das carrasqueiras.

Florinhas, que, com ser flores,  
Caladamente se queixam  
De que tanto, tanto, tardem  
Em cobrar-se contas velhas<sup>191</sup>!

---

<sup>191</sup> As contas velhas: são contas que estão pendentes, a vingança pela traição, e a libertação nacional de Galiza. As três coplas podem considerar-se uma única composição estrófica e assim foram repetidas nas Obras Completas de Leiras, editadas pela editora Nós em 1930.



# *POESIAS*

EDIÇÃO 1970

CANTARES GALEGOS  
**Acrecentados por Franco Grande**



## CANTIGAS DE SENTIMENTOS AMOROSOS

243

Rolinha que me cativas  
E vida e alma me levas;  
Se tardei, não é ainda tarde,  
Rolinha, como tu queiras.

244

De dia, leva-me a alma  
De noite, leva-me o corpo;  
A alma trás do meu céu,  
O corpo trás dos antojos.<sup>192</sup>

245

Bem sei eu, bem, que me queres  
Em\* que não sempre mo digas;  
Porém também tu bem sabes  
Quase te tenho na alminha!

---

<sup>192</sup> Esta copla aparece manuscrita e riscada no fundo documental da R.A.G. , Biblioteca da sede em Rua Tabernas, 11, Corunha. Figurava junto às que se publicaram em 1911, mas foi publicada em 1970 por Franco Grande. A obra manuscrita original de Leiras Pulpeiro foi doada pela família à R.A.G. e está arquivada ali ( C/210, pasta 1a).

## CANTIGAS DO CLERO

246

Inda<sup>193</sup> bem não abri a porta  
Passou um corvo gralhando...  
Nem que fora o demo\* ceivo  
Me dera medo tamanho!

247

Diz o meu cura que levo  
Pelo que vou, mau caminho;  
E tem razão, não há volta:  
Melhor é o dele, com trigo!

248

Quando na porta te topes  
Com frades que andem de quessa<sup>194</sup>  
Ceiva o cão, se é que morde  
E a vaca, se turra, ceiva.

249

Correde aquela, rapazes,  
Que se arranja com qualquer(a);  
Mas não lixedes estoutra  
Que em cas\* do Abade governa.

---

<sup>193</sup> Inda: ainda..

<sup>194</sup> Quessa: questão, pedindo esmola, seja o que Deus quiser..



250

Hei de levar ao São Cosme<sup>195</sup>  
Como não se espoltre, a égua;  
Hei-a de levar com missa  
E uma candeia de cera.

251

Não vaias coser pra o cura  
Que che\* há dar mel e manteiga;  
E nunca ali tal mistura  
Sentou bem às costureiras.

252

Campana grande dos Picos<sup>196</sup>  
Muita saudade me dás!  
Mas por mim, se eu mandasse,  
Cada hora havias soar!

253

Se queres ter algo teu  
Faz em tudo como o clero;  
Que nunca dá nada seu...  
Como não sejam conselhos.

---

<sup>195</sup> São Cosme: romaria da Montanha, em Galgão, no sopé do Alto da Gesta. Espoltrar é perder o potro.

<sup>196</sup> Os Picos: convento de freires próximo de Mondonhedo em um outeiro ao outro lado do Vale.

254

Tocam os frades os sinos  
Para escorrentar nuveiros<sup>197</sup>;  
Bem eles suam... pra encherem  
Pra todo o ano os granceiros<sup>198</sup>!

255

Agora que estás de cura  
Hás ter bem que dar ao dente;  
Só che\* falta o coçar-te  
Com o lombo nas paredes.

---

<sup>197</sup> Escorrentar nuveiros: escorraçar os maus espíritos, botar fóra, afugentá-los.

<sup>198</sup> Granceiros: onde se guarda o grã. Em Mondonhede chamam-se caboços ou celeiros.

## CANTIGAS DE MALDIZER

256

Levaram-me o meu filhinho...!  
Deus ponha a quem mo levou  
Vinte e cinco anos de um lado,  
E a gosto, qual me deixou!

257

Maus demónios te comam  
A bocadinhos a língua,  
Já que não calas a boca,  
Demónio de abrindoeira<sup>199</sup>.

## CANTIGAS DE CONSELHOS

258

Por bem que as moças che\* falem,  
Por pão que lhes dês às mulas,  
Não sendo que tenham solta<sup>200</sup>,  
Não te fies delas nunca.

---

<sup>199</sup> Abrindoeira: nome de planta, para nós desconhecida. Quiçá abrolho ou abrótno. Abrideira?

<sup>200</sup> Solta: atadura para os pés dos quadrúpedes para impedir que corram, diferente da peia (piega).

## CANTIGAS DE LEMBRANÇAS DAS ALDEIAS

259

Já não volto à fontelinha  
Onde eu a sede matava;  
Já não che\* volto, que contam  
Que lhe enturvaram a água.

260

N'há<sup>201</sup> como as noites de inverno  
No escano\* trás da cacheira<sup>202</sup>,  
Havendo porco, e mais vinho,  
E um compadre pra a palheta<sup>203</sup>.

---

<sup>201</sup> N'há: não há

<sup>202</sup> Cacheira: bom lume que arde com chama alta

<sup>203</sup> Palheta: aqui referido a "dar à palheta", ou falar, conversar, e beber.

## CANTIGAS TOPONÍMICAS

261

Tal a minha pena era,  
E tanto e tanto chorei,  
Que a mesma Pena da Roca<sup>204</sup>  
Com o meu pranto abrandei.

262

Diz-me, leiteira de Arrojo<sup>205</sup>,  
Com que aleitas o teu jato<sup>206</sup>,  
Trazendo sempre pra a vila  
Jarros de leite tamanhos...?

263

Viva a Montanha que tem  
Claro sol...quando ali assoma,  
Que muitas vezes, com névoa,  
Sai como com carantonha<sup>207</sup>.

264

Quando no mar me chapuce,  
Nadando junto à Borneira<sup>208</sup>,  
Que não me falem de nada,  
Que a minha glória é aquela.

---

<sup>204</sup> Pena da Roca: Monte elevado e cónico, ao Sul de Montonhedo. Roca, referido a fiar o linho. Ou Rocha

<sup>205</sup> Arrojo: outeiro com um burgo de casas, perto do cemitério novo, indo de Mondonhedo a Loureçã.

<sup>206</sup> Jato: cria da vaca, vitelo, novilho. Aleitar é dar leite a mamar.

<sup>207</sup> Carantonha: uma máscara ou fazer acenos de desagrado.

<sup>208</sup> Borneira: nome de uma praia em Nois (Foz), conhecida pelo poeta. No original de Franco Grande figura "Corneira", mas não há nenhuma praia com esse nome. Existe o monte Corneira ou Corneria.

## CANTIGAS DAS FESTAS

265

Fui à feira um vinte e oito,  
Por ir coa minha Sabela;  
E, sem mercar nem vendermos,  
Fizemos senhora feira!

266

Hei brincar o lume novo  
Que hei fazer para o São Joám;  
E hei de ir pela flor da água  
Pra as meigas de mim tornar.

267

As malhegas<sup>209</sup> das São Lucas  
Hão-che-me ser recordadas,  
Que, em\* que me tenho por algo,  
Bem deitei<sup>210</sup> de dar às sancas.

---

<sup>209</sup> Malhegas: lutas, paus, surras, golpes com o malhe para malhar o grão.

<sup>210</sup> Bem deitei: expressão dialetal muito mindoniense para indicar "graças a Deus que saí correndo", menos mal que...", "salvei-me que...". No original figura "bem deixei", o qual é um erro do editor.

## CANTIGAS DE COSTUREIRAS E ALFAIATES (“XASTRES”)

268

Costureirinha, que a vida  
Passas com cu no ferrado<sup>211</sup>,  
Bem que te espiles<sup>212</sup> na festa,  
Mas...não ergas o refaixo<sup>213</sup>.

269

-Que é o que se passa, meu xastre\*?  
Por que da sorte renegas?  
- Renego porque não tenho  
Junto a mim as costureiras.

---

<sup>211</sup> Ferrado: medida de superfície (612 metros quadrados), aqui referida ao pequeno caixão de madeira para medir a quantidade de grã produzida nessa superfície, onde a gente sentava.

<sup>212</sup> Espiles: divertes, jogas, brincas.

<sup>213</sup> Refaixo: roupa interior por debaixo da saia

## CANTIGAS DE SAUDADE E COITAS AMOROSAS

270

Dizer o meu mal não pôsso,  
Nem pôsso chorar, e apedo<sup>214</sup>.  
Nem por mim quer vir a Morte!  
E louca já me estou vendo!

271

Prendaste-me, mentireira,  
Com a tua cara de rosa;  
Mas refugaste-me logo  
Co teu coração de loba.

272

Botaste-mas todas ontem  
E eu não o tomei a mal;  
Mas, se outra vez com tal voltas,  
Hei-te, abofé!, de alindar<sup>215</sup>.

273

Estive leda na festa,  
e alegre dela saí;  
Mas a casa cheguei triste...  
Desgraçadinha de mim!

---

<sup>214</sup> Apedo: afogo, sinto um nó na gorja.

<sup>215</sup> Alindar: levar pascendo as vacas pelo lindeiro, atadas. Dar com a vara. Submeter.



274

Não digam que pra o que chora  
Tem sempre o céu consolo;  
Que bem eu tenho chorado  
E pra mim sempre foi xordo!

275

Não me crê nada que eu diga  
Uma mourinha que eu rondo.  
Não me crê nada, assim jure!  
Não me crê nada, e eu morro!

## CANTIGAS SATÍRICAS E PICARESCAS

276

Por muito que te cuspínhes<sup>216</sup>  
E sacudas a chinela<sup>217</sup>;  
Por muito que te cuspínhes  
Hás de ficar tu solteira.

277

Chamaste-me comilão ,  
E eu do teu não comerei;  
Não sei que me chamarias  
Se comesse o que eu te dei.

278

Disse-me meu pãe, que tinha?  
E eu calei, sem dizer nada;  
Que tem tempo de saber(e)  
O bem de Deus que há na casa!

279

Não penses mal, raparigo,  
Por ver-me a saia pequena;  
Trago-a para andar no monte,  
Não pra que as pernas me vejam.

280

Hei de ir contigo esta quenda<sup>218</sup>  
Se é que baixas ao moinho,  
E hei-che\* ajudar a barrê-lo  
Que pra isso sou manhosinho.

---

<sup>216</sup> Cuspínhes: laves com cuspe, arranjes.

<sup>217</sup> Sacudir a chinela: meter ruído ao andar, sacudir o calçado.

<sup>218</sup> Quenda: turno que corresponde a cada vizinho para moer ou usar a água do rego.

281

As moças que aos dezassete  
Não lhes cosam aos ferrolhos<sup>219</sup>,  
Qualquer poderá chamar-lhes  
Flores de alimpas<sup>220</sup> pra os cochos<sup>221</sup>.

282

Dão cem voltas as abelhas  
Pra dar o mel na colmeia;  
Mas dou eu mais na procura  
Do da boquinha das nenas\*.

283

- Abre-me, mulher, aginha!  
Que venho um pouco molhado.  
- Vai enxugar-te a taberna  
Já que ali deixas os quartos<sup>222</sup>.

284

Os caminhos da tua porta  
Às ceguinhas eu acerto;  
Olha se os levo eu andado  
Ainda não há mês inteiro.

---

<sup>219</sup> Cosam aos ferrolhos: significado desconhecido desta expressão. No original: "*cusan aos ferrollos*".

<sup>220</sup> Alimpas: flores de poda, do chão, de plantas para as cortes do gado.

<sup>221</sup> Cochos: porcos.

<sup>222</sup> Quartos: dinheiro, notas. No original "*cartos*".

## CANTIGAS DE DESAFIO

285

Já sei que ma tens jurada,  
E também que é pra uma feira;  
E hás dar ainda uma volta  
Antes que a jeito me vejas.

286

Dizem que es igual que os carros<sup>223</sup>,  
Que, não os untando, cantam;  
E hei-te de untar, assim medre<sup>224</sup>!  
Mas há ser com aguilhada<sup>225</sup>!

---

<sup>223</sup> Carros: naturalmente, naquele tempo, carros agrícolas puxados por vacas ou bois, que produzem ruído.

<sup>224</sup> Assim eu medre!: dito popular como um juramento, que significa "assim Deus me valha, a fé minha".

<sup>225</sup> Aguilhada: vara com ferro na ponta para afalar os animais de tiro. Vara de arrieiro.

## CANTIGAS DA MORTE.

287

Vi-a e revi-me em seus olhos  
e oxalá que nunca a vira!  
Que teve que vê-la morta!  
E no seu caixão metida!

288

Deus me leve e Deus me deixe  
Dormir o meu sono grande  
Sob as ervas do recanto  
Onde os meus velhinhos jazem!

289

Que me fica a mim no mundo  
Se não te hei beijar cada hora;  
Que me fica, que me fica,  
Que me fica, minha joia!

290

Tudo é pesar, tudo é luto,  
E tudo é chorar em casa;  
E tudo é pouco, e bem pouco  
Pra o que era nela quem falta.

291

Já nunca mais volto ver-te  
Como se, meu bem, morresses;  
Agora sim, se eu viver,  
Vou saber que são pesares.

## CANTIGAS DE CASAMENTO

292

Nos pinheiros gralham corvos  
E as pegas entre as gesteiras;  
Temos inverno bragado<sup>226</sup>;  
Casa, se puderes, meiga<sup>227</sup>.

293

Cuidando de me ajeitar  
Casei com uma viúva,  
E se não arredo\* a cama,  
Bota-me na sepultura.

294

Fiquei como esse ramalho  
Que está sozinho na fraga;  
Não tenho quem bem me abrigue  
Do sol, do vento e da água.

295

Trabalho sempre sem folgo\*  
Até dar as boquejadas<sup>228</sup>;  
O diabo! Que ele, meu pobre!  
Nem camisinha levava!

---

<sup>226</sup> Bragado: Branco, como os animais bragados, de pé branco. Com neve e geada. Inverno duro.

<sup>227</sup> Meiga: bruxa feiticeira em sentido carinhoso. No original, "nena", menina. Por exigências de rima.

<sup>228</sup> Boquejadas: abrir muito a boca para respirar quando um está cansado. Também, morrer ou expirar.

296

Vi-me afogado e chamei  
Por todos os meus vizinhos,  
E acudiu só a valer-me  
Um que não tinha servido.

297

De te trazer a este mundo,  
Minha joinha pequena,  
De te trazer a este inferno  
Nunca me há passar a pena!

298

Não sei como hei de manter  
Este meu cagarrosinho<sup>229</sup>,  
As papas<sup>230</sup> não se lhe dão  
E ao caldo torce-lhe o bico<sup>231</sup>.

---

<sup>229</sup> Cagarrosinho: diminutivo agarimoso para referir-se a uma criança, um cagãozinho.

<sup>230</sup> Papas: alimento líquido tradicional feito com água e farinha de trigo ou milho, mesmo com centeio.

<sup>231</sup> Torce o bico: aparta a cara, não quer, não gosta disso.

## CANTIGAS SOCIAIS E CIVIS

299

Ouve missa onde te vejam,  
E prega diante os cruzeiros;  
Que assim mates ou esfoles,  
Hás de ter terra e mais céu.

300

Ainda se hão volver as tornas;  
Ainda alguns hão de pagá-las;  
Ainda se hão ver quatro peixes<sup>232</sup>  
Colgados da Mariscala<sup>233</sup>.

301

Gentinha do Valedouro!  
Nem Deus a guarde à sua beira<sup>234</sup>,  
Que, se calhar, mais cem vezes  
Venderiam a Frouseira<sup>235</sup>!

---

<sup>232</sup> Peixes: peixes graúdos, pessoas importantes.

<sup>233</sup> Mariscala: Marechala; aquí significa o sino da catedral mindoniese que repicou na morte do Marechal Pardo de Cela ou a forte cadeia com que esteve preso antes da sua execução em Mondonhedo.

<sup>234</sup> No original "Nin Dios te garde siquera", de difícil adaptação métrica e de rima.

<sup>235</sup> Frouseira: Monte onde esteve no século XV a fortaleza de Pardo de Cela, entregue aos Reis por traição dos seus servidores. Entre os vinte e dous traidores havia gente do Valedouro ou Valadouro, (Vale banhado pelo Rio Douro). Mais tarde foi proibido a essa gente testemunhar nos julgamentos, por falsa.







# *POESIAS*

EDIÇÃO 1998

## CANTARES INÉDITOS

**Edição de Ramom Reimunde**

302

Mentres no mundo haja carne  
Tentadora como esta  
Com a cara de santinha,  
Com tão luzidas guedelhas,

E com o seio apompando<sup>236</sup>  
Como o pão quando leveda<sup>237</sup> ...  
Há se poder rir o demo  
De vigílias e Quaresmas<sup>238</sup>.

303

Oh! Galiza, minha santa,  
Minha musa, minha meiga,  
Meu amor, minha terrinha,  
Oh! Galiza feiticeira!

Quem pudera viver sempre  
No teu chão, Galiza meiga,  
Longe, mui longe do mundo,  
Na paz do amor, numa aldeia,

Numa casa pequeninha,  
Branca, de encarnadas telhas,  
Escondida entre a ramagem  
De parras e de figueiras,

---

<sup>236</sup> Apompando: erguendo, subindo, enchendo até trasbordar.

<sup>237</sup> Leveda: fazer fermentar a massa do pão.

<sup>238</sup> Esta quadra dupla aparece escrita pela mão de Leiras Pulpeiro num postal com fotografia, enviada a Eduardo Lence Santar em data 15 de maio de 1903.

Entre ninhos de passaros<sup>239</sup>,  
Entre pombinhas roleiras,  
À beira de um regatinho  
Murmurador...quem pudera!

304

Quem a Deus lhe põe tachas?  
-As beatas.  
Quem sempre tem bom achego?  
-Os cregos.  
Quem mais sonha com herdades?  
Os frades.

Pois, se os cães não lhes botades,  
Já que fazer isso podem,  
Bem, Mercês, que vos amolem<sup>240</sup>,  
Beatas, cregos e frades.

---

<sup>239</sup> Passaros: aqui com acento grave, quando é mais frequente esdrúxulo. Este poeminha em quatro quadras octossilábicas figura em manuscrito autêntico de Leiras, arquivado no Fundo da R.A.G c/210.

<sup>240</sup> Amolem: incomodem, prejudiquem. Este texto anticlerical inédito, manuscrito por Leiras, está nos Cadernos negros depositados na RAG e tem por título "Mercedes", melhor Mercês.



*QUADRAS DAS OBRAS COMPLETAS*

EDIÇÃO 1930

CANTARES GALEGOS





1

Pesam os socos seis libras  
E umas socas, quatro e meia!...  
Não é milagre que tire  
Pelos galegos a Terra.

2

Entre os pobres que gememos,  
Ainda o Belemnita reina;  
Mas..., com clérigos?...  
Entre os cregos, nem se creia<sup>241</sup>!

3

Dá-lhes uma carda<sup>242</sup> aos filhos  
Galiza, que se che\* malvam<sup>243</sup>;  
Que os há que de ti renegam,  
E a fala tua não falam.

4

Matou-se por ter jugada<sup>244</sup>,  
Carro, e chousa, e bens de seu;  
E assim que a teve lograda,  
deu-lhe a da morte... e morreu.

Ninguém sabe o que vale o trabalho...  
Se a Gadanha não vem pelo atalho!

---

<sup>241</sup> No original: *¡entre cregos, nin siquera!!*

<sup>242</sup> Carda: admonestação ou reprimenda forte. Cardar é limpar com força o pelo dos animais.

<sup>243</sup> Malvam: que se perdem, que se voltam maus. No original: *malvan*.

<sup>244</sup> Jugada: parelha de bois ou vacas para pôr ao jugo no carro ou arado.

5

**MOXENA**

(Tradução de Manuel del Palacio)

Os amigos verdadeiros  
Têm que ser como o sangue,  
Que acode sempre às feridas  
Sem esperar a que o chamem.

6

Quando as feridas são fundas,  
E aliás peçonha levam  
Não há que fazer-lhes nada  
Mais que cobri-las com terra.

7

Veio ao mundo, abriu os olhos,  
Olhou como era esta vida,  
Fechou-nos, e deu às ás,  
E ala! Que alá!, pra cima.

É que os anjinhos do céu  
Aqui na terra não acham  
Nem o ar puro que eles querem,  
Nem a luz com a que sonham.

## NÃO SE FAZ DO MOURO BRANCO

(Dez quadras de escarnho contra a Montanha)

És cadaval pelos cumes  
 Nos baixos, fraga famenta,  
 Bem podes rumbar, Montanha,  
 Bem podes botar por ela!

Não sei com que olhos te olham  
 Os que te sonham e louvam!  
 Nem que os tojos no'espinhassem,  
 Nem que as giestas não gafaram!

Nem que os musgientos caxigos  
 Se tornassem castanheiros!  
 Nem que os pereirinhos bravos  
 Dessem maçãs ou pêsegos!

Nem que os nabos cacholaram!  
 Nem que ulissem muito as rosas!  
 Nem que as tuas gralhas e pegas,  
 Pegas e gralhas não foram!...

Não viram que aí, co' a névoa,  
 Os mais dos dias são pardos,  
 Só bons para, de morrinha,  
 Levar a vida engajando<sup>245</sup>?

---

<sup>245</sup> Engajando: raivando, de má maneira.

Não viram como até a água  
Desses quatro maus regos,  
Ainda bem não nasce, bota  
A fugir pra o val correndo!

Não viram quanto melhor  
Canta a laverca de erguida,  
E quando, sobe que sobe,  
Se alonja das uzes hirtas?

Não viram que nos invernos,  
Anda o gado e anda a gente,  
Que lhes sobra da dentâmia,  
Pelo menos uma renque!<sup>246</sup>

Não viram que no' há justiça,  
Nem limpeza, nem verdade;  
Se não má fe para tudo,  
Trampulhadas e cotrame!

Quanto falamos às vezes  
Sem pensar o que falamos!  
Mas, por muito que se fale,  
Não se faz de mouro branco!

---

<sup>246</sup> Renque. Fila ( que passam fome). Sobram os dentes porque não há nada que comer.

# *TRIADAS DAS OBRAS COMPLETAS*

EDIÇÃO 1930



1

Quis contar as minhas coitas,  
Para desfogar as penas,  
Que são muitas, muitas, muitas.

E ao ir, coitado, buscando  
Quem o sentir meu sentisse,  
Foi meu penar agrandando,

Vendo que, onde cuidava  
Seguro topar consolo,  
Desenganos eu achava...!

Pobre do que a outros acode  
Cobiçoso de sossego  
Que só a morte dar pode!

2

Quando por trás do Pombeiro<sup>247</sup>  
Guardando o gado miúdo,  
Topo uma moça que eu quero,

Sempre, a comer duas codinhas<sup>248</sup>,  
vamos ao pé de uma fonte,  
Que há num campinho lá arriba;

---

<sup>247</sup> Pombeiro: Nome da montanha com forma de castelo, entre a Campá, Abeledo e Figueiras, visível de Vilalhe e Mondonhede. Recebe o nome da sua forma e por criarem nele os pombos.

<sup>248</sup> Codinhas: côdea de pão duro que levavam os pastores, pequenas côdeas.

E ali horas mortas passamos,  
Contando-nos quatro contos  
Num abeiro<sup>249</sup>, achegadinhos,

Vendo ele a água correndo,  
Vendo as folgueiras<sup>250</sup> e as uzes<sup>251</sup>,  
E vendo, às vezes, o céu!

3

Onde vai a minha nena,  
Onde vai o meu anjinho,  
Que não me vem dar a aperta<sup>252</sup>;

Que não me vem dar a aperta,  
Para que colha no colo,  
E lhe dé o bico<sup>253</sup> na testa;

E lhe dé o bico na testa,  
E mais o par de açoutinhas<sup>254</sup>  
Nas cachinhas de manteiga!

4

Não me tentes coas ferrenhas<sup>255</sup>;  
Que em-que outra cousa figure  
Já não vos sou o que eu era.

---

<sup>249</sup> Abeiro: lugar abrigado e escondido

<sup>250</sup> Folgueiras: dialetal mindoniense. Designa felgos, fentos, fieitos, planta conhecida co nome de feto.

<sup>251</sup> Uzes: urzes, arbustos silvestres dos montes.

<sup>252</sup> Aperta: abraço.

<sup>253</sup> Bico: beijo

<sup>254</sup> Açoutinhas: pequenos golpes nas nádegas. Os diminutivos afetivos referem-se a uma criança

<sup>255</sup> Ferrenhas: castanholas, soalhas de tocar nas festas.



Já não vos sou o que eu era;  
Que se aquel\* fosse, troulava  
Como algum dia , 'nhas nenas.

Como algum dia, 'nhas nenas!...  
Como algum dia em que, tudo,  
Tudo, pra mim, era festa!

5

Vagalhões do mar bruantes<sup>256</sup>,  
Quem não se pasme de ver-vos  
Não sabe sentir o grande!

6

Não pôsso lembrar-me  
De quando queria  
Fôlego faltar-lhe!...

Aquelas duas lágrimas  
Que, então, nos seus olhos,  
Já turvos, tremiam...

Aquelas congoxas,  
Pra dizer, já muda,  
Quem sabe que cousas...!

Dizê-las não pôsso  
Lembrar-me sequer...  
Sem pranto e soluços

---

<sup>256</sup> Bruantes: que faz grande ruído, como estas grandes ondas do mar.

Cada hora mais acres,  
Segundo da vida  
Vou vendo os enganos...!

Que os ocos que deixam  
As mães, ao morrerem,  
No mundo, n' há nada nem ninguém que os encha!!!

# *POESIAS*

EDIÇÃO Nós 1930



# 1 UM GALO<sup>1</sup>

## I

- i Graças a Deus que chegaram  
As festas!

-Já me tardavam,  
Pra botar longe a tristura,  
E desengueimar<sup>2</sup> as sancas;

Que co conto da Quaresma,  
Tenho-as de tudo engueimadas.

- Dizem que há um galo xebre!<sup>3</sup>

- Ai!, haverá, que os de Masma

Foram sempre fachendosos<sup>4</sup>,

E hão querer levar a palma.

- Mas, isso haverá que vê-lo;

Que nestas quatro semanas,

Que de aqui ao nosso ficam,

Mau será que não se vão

Vendo alguns para escolhermos

Um que ao seu lhe leve as barbas.

Com estas e outras, saindo,

De agochar-se, da cabana

Da baiuca do da Gesta

Mentres um bulhão<sup>5</sup> passava,

Cinco ou seis moços da Costa

Iam domingo de Páscoa.

---

<sup>1</sup> Composição popular sobre um antigo costume ou jogo brutal, a corrida do galo; poema da autoria de Leiras Pulpeiro premiado no Certame literário realizado na cidade de Vigo em agosto de 1910.

<sup>2</sup> Desengueimar: desintumescer as pernas, estirar as pernas.

<sup>3</sup> Xebre: muito bom, superior, escolhido.

<sup>4</sup> Fachendosos: orgulhosos, presumidos, pretensiosos

<sup>5</sup> Bulhão: bâtega, chuva forte. Dialealismo também chamado "ballón" e "bullón" no original.

E apanhando por Cornide,  
E depois baixando a Granda  
Foram cair junto ao Paço<sup>6</sup>,  
Onde já soava a gaita  
Do Jugo, e a moinheira  
Uns dançarinos ponteavam,  
E tumbavam os foguetes,  
chamando pelas *rapazas*.

## II

Na cabeceira de um souto,  
Debaixo de um castanheiro,  
Que co´ as suas longas polas,  
Abertas aos quatro ventos,  
Cobria mais do que condem<sup>7</sup>  
Sete ou oito ou dez palheiros,  
Pra dar a faterna<sup>8</sup> à gente,  
e como dizendo: vede\*-o,  
Os armantes da corrida  
Andavam co galo ceivo,  
C´ uma canga que puseram  
A uma perna com atrelo<sup>9</sup>.  
E bem podiam mostrar-se  
Inchados e satisfeitos;  
Porque, de altura e de lombo,  
Era, sem chufa, um bezerro.  
E logo com o seu rabo,  
E o papo feitos espelhos;

---

<sup>6</sup> Paço, Granda, Cornide, Masma, Gesta, etc. : nomes de lugares próximos de Mondonhedo

<sup>7</sup> Condem: dão de si, abarcam.

<sup>8</sup> Dar a faterna: para provocar, para meter-se com a gente.

<sup>9</sup> Atrelo: fita para atar.

Com as calças e a sua crista,  
 Vermelha o sangue vertendo...!  
 Dava pena de que fossem,  
 Tão rufo e belo, a corrê-lo,  
 Mas...caíra-lhe a ele a facha,  
 E não houve mais remédio.  
 E anasaram-o no fojo<sup>10</sup>,  
 Coberto a meias co bargo<sup>11</sup>,  
 Pra que botasse de fora,  
 Do pescoço, mais do terço;  
 E os amigos da lareta<sup>12</sup>  
 Romperam com ele a gritos:  
 - Quem cho\* dissesse ontem à tarde,  
 Quando, do cacho ao poleiro<sup>13</sup>,  
 Volteavas entre as galinhas  
 Cacarejando tão teso!  
 - Pois, que acadulhe!<sup>14</sup> Que a raiola  
 Do sultão também tem termo...!  
 - E, no intre<sup>15</sup> que lhe durou,  
 Teve o que muitos não temos...!  
 - Coma-me o Cuço<sup>16</sup>!  
     - Cegue eu!  
 - E sem pagar um mau censo!  
 E assim, cada um pelas más,  
 Mataram o escaravelho<sup>17</sup>  
 Até que botaram sortes:  
 Que, então, todos, correndo,

<sup>10</sup> Fojo: burato, neste caso melhor seria *foia*, dado que não é cova ou caverna para apanhar animais.

<sup>11</sup> Bargo: pequena lousa para cobrir o burato na corrida do galo.

<sup>12</sup> Lareta: bulha, falar muito de brincadeira.

<sup>13</sup> Do cacho ao poleiro: do comedheiro ao pau do galinheiro, de Ceca em Meca.

<sup>14</sup> Acadulhe: aguento, sofra.

<sup>15</sup> Intre: íterim, intervalo de tempo.

<sup>16</sup> Coma-me o Cuço: expressão asseverativa, como "coma-me o demo", que me coma o diabo...

<sup>17</sup> Matar o escaravelho: sair com a sua, ficar contentes, passaram o tempo.

Se puseram em duas filas;  
E começou  
- Ai! , laverco!  
Sei que pensas que há valer-che\*  
Calares? ( disse o primeiro,  
Desde o fite<sup>18</sup>) Não sonhes!  
Que nem com bula de Meco<sup>19</sup>  
Livras de mim! E com o soco  
Tentando bem o campelo,  
Pra ventar onde pousava,  
Foi direto cara o galo;  
E, quando cuidou que o tinha  
Pra soscar-lhe a corpo cheio,  
Fincou um joelho<sup>20</sup> em terra,  
E deu o golpe, mas deu-o  
Um sim e não contra a esquerda,  
E uma miguinha traseiro;  
E, enquanto de bater nele,  
Tronçou dous cardos terrenhos;  
E todos deram em rir  
E aboiá-lo<sup>21</sup>:

- Dou-te ao diabo!  
Ná' havias ir mais adiante  
Cara<sup>22</sup> de mama no dedo!  
- Ai! hom!, como assim atines  
Co' a cama, quando o Currego  
Te entregue a filha, assim medre<sup>23</sup>!  
Se há ficar sem ver os netos!

---

<sup>18</sup> Fite: lugar marcado desde onde se olha para o jogo.

<sup>19</sup> Meco: personagem cómica do Entruido ou Carnaval, com significado irónico de burla à bula.

<sup>20</sup> Joelho: no original "xeonllo".

<sup>21</sup> Aboiar: insultar, escarnecer, burlar.

<sup>22</sup> Mama no dedo: parvo, idiota, sandeu

<sup>23</sup> Assim medre: juramento que indica "medre eu se isso se cumpre" ( no original, *asi eu medre*)



- Vá! Pois vou eu lá agora,  
A ver se lhe ganho em vista.  
(disse o segundo). E estear<sup>24</sup>-se,  
Que sou um pouco pereno<sup>25</sup>!  
E saiu dando ao ar  
Foucinhadas a bandeio<sup>26</sup>;  
E andou com cem figuras,  
E cem paradas sem jeito;  
E acabou perdendo o Norte  
Indo a parar num cancelo  
Desviado um estadal<sup>27</sup>...  
E Deus! Como ali o puseram!  
Se tem vergonha, não volve  
A ver galos nem de longe!  
- Siga a corrida!  
- Que siga!  
- Pois, ala!, adiante! E calemos!  
(Farfalharam não sei quantos)  
- A quem toca?  
- A este requeno<sup>28</sup>  
Do Casal de Vila Verde,  
Que é o que vos vai deixar cegos,  
(Falou o tal). Trazei tudo!  
Onde está o pano? Ponha-o.  
E pôs-se-lhe e deixaram-o.  
Começou pintando o bêbedo,  
Torcendo um pouco o caminho;  
Mas, às dez passadas, volve

---

<sup>24</sup> Estear: proteger, cobrir, apartar. Colocar esteios.

<sup>25</sup> Pereno: bruto, temerário, bárbaro.

<sup>26</sup> Bandeio: às duas bandas, dando golpes com o foucinho.

<sup>27</sup> Estadal: medida de comprimento no agro, equivalente a doze pés. Hoje medida florestal de 2,50 metros.

<sup>28</sup> Requeno: home pequeno e valente.

Colhê-lo, cara à direita,  
E, qual se os olhos cobertos  
Não tivesse, onde cumpria,  
Baixou, e zás!...Pelo meio,  
O pescoço ao pobre galo  
Lhe rabenou<sup>29</sup>

- Não serve isso!

-Isso não vale!

- Não serve?

- Não, que não somos de Estelo  
Pra não entender sinais,

A tossir! Coiro\*, rapazes!  
E que manhas eles usam!

- Tu sim que és um manhoso...!

- Esteja quanto quiserdes;  
Mas não encarta...

Está bom!

- Sei que não andas a gosto  
Sem fregas!

- Sim! Qual se deram

Há dous anos, pra ensinar-vos  
Cortesia, no Convento...!

E nessa altura, aos colares<sup>30</sup>

Se lhe botou um porquelho<sup>31</sup>

(É o alcume dos da Costa,

Valinho e o Formigueiro)

E, apeitando, a empurrões

Ou batendo com os pírtigos,

Ali num segundo, armou-se

---

<sup>29</sup> Rabenou: rabanou, segou, cortou ( rabenar é cortar o rabo a um animal, que fica rabeno)

<sup>30</sup> Colares: colo, pescoço, parte do corpo onde se põe o colar.

<sup>31</sup> Porquelho: porco-teixo, texugo, aqui referido a um rapaz do monte ou mato, montaraz.

O estardalhaço<sup>32</sup> do diabo;  
E, fora de poucos, todos  
Sangravam como carneiros;  
E ao que plantava de guapo  
Maçotaram-lhe os cotenos<sup>33</sup>,  
E tordeia que tordeia<sup>34</sup>,  
Foi cair junto ao centeio;  
E houve que atar-lhe a cabeça,  
E com vinho dar-lhe alentos...!

### III

E dirá alguém: E do galo,  
Com tanto aquel, que fizeram?  
Pois isso é o que ninguém soubo.  
Viram o fojo vazio,  
Quando por ele ir se quis;  
E nada mais. Só, algum tempo  
Depois, correu-se que foram  
Aquela noite a cas<sup>35</sup> Petos  
De esmorga<sup>36</sup>, cinco rapazes;  
Que, ao amanhecer... nos Remédios<sup>37</sup>,  
Ao tornarem pra o seu burgo,  
Riam a escachar, desfeitos,  
E pondo bem umas plumas  
Que levavam nos chapéus...  
Mas..., foram faladorias:  
Quem sabe o que houve de certo!

---

<sup>32</sup> Estardalhaço: grande barulho, agitação. ( No original está escrito "estarabouza", grande ruído)

<sup>33</sup> Maçar os cotenos: malhar a paus, bater muito forte na cabeça.

<sup>34</sup> Tordeia: cambaleia, caminha sem firmeza. No original: *tordea*

<sup>35</sup> Cas' Petos: Casa de Petos, casa de alguém que chamavam Petos.

<sup>36</sup> Esmorga: festa, comer e beber em grande quantidade.

<sup>37</sup> Remédios: bairro que recebe o nome da igreja dos Remédios, no campo da feira de Mondonhedo

2  
VOLVER AO VEZO

- Sabes que me soube a mel

Subir à tua maçãzeira!

- Se calasses!

- Ai! Rosinha,

E por que hei calar, se é certo;

E, cada vez que me lembro,

Parece-me que estou vendo

A *cana*<sup>38</sup> que eu me colhi,

Pra aganchar!

- Cala com isso...!

- Pois...já calei, mas, diz, logo,:

Quando hemos volver ao vezo<sup>39</sup> ...?

---

<sup>38</sup> Cana: pola, ramo da árvore. A cursiva é do original e indica ambivalência, com segundas intenções.

<sup>39</sup> Vezo: hábito mau, costume vicioso ou criticável, reincidência.

## TAL PARA QUAL

- E logo, que diz, meu xastre\*?  
Que hei de amañhar-lhe de almoço?  
-Ai!, senhora, alô você....  
- Hão ser torresmos, ou ovos?  
- Olhe, minha ama: <melhor>  
Lhe é botar tudo revoltado,  
Já que o há, e Deus o guarde!  
- De sorte que sendo sós...?  
- Nem uns nem outros me prestam,  
Nem achei ainda o modo  
De fazer que, sossegado,  
Mos admitisse o meu corpo,  
Não misturando-os ...e muito...  
- E se aos torresmos o couro  
Se lhes quita e se dessalgam?  
Não lhe me prestam, tão pouco;  
Que não há bem oito dias  
Tomei-os por um antojo,  
E seringaram-me muito!  
- É-lhe, assim eu..., muito conto  
Com o dianho<sup>40</sup> da franqueza!  
- Pois, olhe, não lhe são contos,  
Que é bem certo o que lhe digo...  
- Bom, pois vou catar<sup>41</sup> os tojos,  
Pra num intre a encaldada<sup>42</sup>  
Ter lista pra dá-la aos cochos\*;  
E depois, como apetece,

---

<sup>40</sup> Dianho: eufem. Pop. Por diabo.

<sup>41</sup> Catar: buscar, colher, conseguir. De *capture*, capturar.

<sup>42</sup> Encaldada: comida para os porcos, líquida e quente.

Arranjaremos o almoço.

Dizia ela, quando ia  
Cozinhar ao xastre o bródio:  
- És bem larpeiro, punhesflas!<sup>43</sup>  
Nunca che saia do corpo!

-Leve-me o velho<sup>44</sup>! Dizia  
Ao mesmo tempo: É-che muito!  
Como lhes valesse... ao xastre  
Davam-lhe palha e caroços!...  
E se alampa<sup>45</sup> um... que se role  
Mentres atendem aos porcos!

---

<sup>43</sup> Punhesflas: expressão eufemística por "punhetas".

<sup>44</sup> Velho: outro eufemismo por "diabo".

<sup>45</sup> Alampa: arde ou passa fome.

## PÃO QUE SE SOLTA...

Os corvos das ideias;  
Os que, pra eles triunfar, afogar querem  
Doutrinas que hão quebrar muitas cadeias;  
Os que roendo latim, sem o entenderem,  
Dão pra o céu boletas a mãos cheias,  
Vendo que há pouca fé nas argalhadas,  
Que inda hoje lhes valem boas talhadas,  
Bouram<sup>46</sup>, e com razão: pão que se solta,  
Pão perdido pra sempre...e não tem volta!

---

<sup>46</sup> Bouram: protestam, falam a gritos.

AO QUE RONCA<sup>47</sup>

Se um novo Décio Bruto, com ulanos<sup>48</sup>,  
Quiser dominar hoje os nossos povos,  
Veria os mansos anhos voltos lobos,  
Qual viu já noutro tempo o dos romanos.

Veria que aqui sobram bragaltianos<sup>49</sup>  
Pra, igual que as abelhinhas os seus trobos<sup>50</sup>,  
Defender até a morte terra e tobos<sup>51</sup>,  
De não poder vencer, como os cinianos.<sup>52</sup>

Que se o tempo passou, e há tanto crego  
Relaxando na gente, ainda é inteiro  
E dado às arroutadas o galego;

E sempre nesses casos é o primeiro,  
Como tenha não mais um mau pertego<sup>53</sup>,  
Pra pôr-se cara a cara do estrangeiro.

---

<sup>47</sup> RONCA: dorme ou murmura em voz baixa. Este é o único soneto culto de Leiras.

<sup>48</sup> Ulanos: milícia originária da Ásia que se introduziu na Europa com grande valentia.

<sup>49</sup> Bragaltiano: termo confuso como nome de tribo.

<sup>50</sup> Trobos: colmeias

<sup>51</sup> Tobos: tocas, covas, refúgios, casas.

<sup>52</sup> Cinianos: soldados vitoriosos do General Cinna? Tribo pré-romana de Viveiro.

<sup>53</sup> Pertego: pirtigo, pau.



5  
PÃO E PAZ

Sem lacra que quite o sono  
Com vaquinha e com fazenda  
Nas cortes; co outono feito;  
Com bem demoucas<sup>54</sup> e erva  
Trás da casa, e co jeitinho  
Pra tudo da minha Pepa...  
Nem tenho inveja a ninguém  
Por alto e farto que esteja.  
Que vem o inverno de fumes...?,  
Bota-se mão das astelas.  
Que o gado não tem lindeiro  
Sem neve...?, Vai-se à palheira  
E com quatro ou mais braçadas  
Sai-se do apuro com cheia.  
Que n' há quem rompa por fora...?  
Que nem se pode ir por verças...?  
Pois... na casinha, a passá-lo  
Como se passa se há febra,  
E pão e paz; que o mau tempo  
Nunca durou muitas quendas<sup>55</sup>;  
E a viver, e que nos mate  
Deus que nos deu, quando veja.

---

<sup>54</sup> Demoucas: podas das árvores cortadas para lenha.

<sup>55</sup> Quendas: jornadas ou turno em que a um vizinho lhe toca a vez de moer a sua grã ou usar água.

6  
À CREGAGEM<sup>56</sup>

Dizem que com raposadas,  
Quando não por força, pensas  
Pouquinho a pouco ir logrando  
Fazer-te dona da terra!...  
Se a quem tu rogas botas<sup>57</sup>  
Os pilhasse a mais pequena,  
Puder ser que visses isso,  
Ou, se não, chegares cerca\*;  
Mas, nem dos braços se tolhem,  
Nem se lhes entala a língua,  
Quando com paus e razões,  
Segundo calhar te batem,  
E hão deixar-te, e não tardando,  
Sem a que tens, e sem sedas.  
E aqui mesmo, onde ontem inda\*  
Quase quanto há que ser eras  
Logo só hão de lembrar-che  
O teu valer e grandezas:  
Alguma anárquica mitra,  
Que hoje nem o seu governa,  
E o Cristo do Passatempo,  
Que, também, se desse à língua,  
Dos que ali o tempo passaram<sup>58</sup>  
Diria: malditos sejam!

---

<sup>56</sup> À cregagem: aos cregos, ao clero, á padralhada. É vocábulo criado por Leiras ( crego + agem).

<sup>57</sup> Botas: dificuldades, obstáculos, mentiras; também significa sementeiras, tumores e maldições.

<sup>58</sup> Faz referência aos cônegos que entretiveram, na Ponte de Ruzos ou do Passatempo, Dona Sabela de Castro, esposa do Marechal Pardo de Cela, que trazia um indulto dos Reis para deter a sua morte.

7  
SOLIDÃO

Não quero ninguém comigo,  
Que estou melhor sem companha;  
Não quero amigos que saem  
Todos eles prata falsa.  
Deixai-me a mim ir sem rabos,  
Vaa ou venha, venha ou vaa,  
Sem andar como jungido,  
Nem com temperos de gaitas<sup>59</sup>.  
Ide-vos todos, e longe,  
Que não me faz ninguém falta;  
Pois indo bem, vou bem só,  
E se a sorte se me troca,  
Hei de saber... governar-me  
Sem que me ajude uma alma.

---

<sup>59</sup> Temperos de gaitas: afinação, cuidado para afinar as gaitas. Andar jungido: sob o jugo, dominado.

CUNQUINHA DELEITOSA<sup>60</sup>

Cunquinha deleitosa,  
 Onde tudo floresce, e tudo medra;  
 Rincão para os magoados  
 Co incenso da maleza  
 E a sombra dos seus souts caladinhos,  
 E a água das suas fontes, limpa e fresca...

Botarás algum dia de entre os fiunchos<sup>61</sup>,  
 E os infantes<sup>62</sup> da veiga,  
 Tanta lumacha<sup>63</sup> mouro  
 Como nela se topa onde quisera,  
 E fugindo do sol, sempre arrastados,  
 E a poder de rastejo, a tudo chegam,  
 E que tudo che enlimam,  
 quando tudo o adentam<sup>64</sup>?...

Deus te livre da praga! E faça logo  
 Que o teu vale\*, Vatíbria<sup>65</sup>, limpo vejas  
 De quantos do teu comem,  
 E não aram teu pão, nem nele segam!...

<sup>60</sup> Cunquinha deleitosa: Referido ao Vale de Mondonhede, com forma de cunca, que produz leite.

<sup>61</sup> Fiuncho: funcho, planta verde aromática também chamada anis-doce ou erva-doce.

<sup>62</sup> Infante: planta da menta, com propriedades curativas contra a urticção. Levante, Bras. Alevante.

<sup>63</sup> Lumacha: dialetal mind. : lesma. Enliman com a sua baba.

<sup>64</sup> Adentam: roer com os dentes. Esta longa pergunta vai referida ao clero ( lesmas), pela cor negra, e foi o maior insulto que proferiu Leiras e nunca lhe perdoaram os seus destinatários do clero.

<sup>65</sup> Vatíbria: Vallíbria, de Valis Briam, Val do rio Brea, cabeçalho de jornal e nome de uma seita secreta. Erro tipográfico do primeiro transcritor, que deveria ser Valhíbria.

9  
ASSIM É

Quando a campã<sup>66</sup> laiona da agonia  
Soe logo que eu deixe de alentar,  
Pode ser que haja alguém que, pouco ou muito,  
Por mim chegue a chorar;  
Mas quando ainda os vermes em mim bulam,  
Por onde a minha cova passarão,  
E, qual se não viesse nunca ao mundo,  
Já não me lembrarão.  
Ai!, que pouco se sente aos que não têm  
Não sendo no montão algum valer,  
E que esquecimento, quando a terra  
Começou já os seus corpos a comer!...  
Mas, assim é o mundo, assim foi e será,  
E que chorem, ou que cantem, igual dá.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Campã laiona: sino que se queixa ou laia, campana que toca a defunto após a agonia.

<sup>67</sup> Todo este poema "Assim é" lembra outros de Rosalia de Castro, que teve como modelo.

10  
TEM!

Entre levar-lhes bicada  
De pouquinho em pouco tempo,  
E entre guardá-los cantando  
Nas pontas de uns vimeiros<sup>68</sup>,  
Onde aninhar e escondidos  
Tinha os seus quatro pequenos,  
Passava feliz os dias  
Um passarinho trigueiro.  
Mas deu com eles um guicho<sup>69</sup>,  
(porque os guichos são o demo!)  
E adeus pra sempre ninhada,  
E adeus o seu cantar ledô;  
Que, súbito, como um raio,  
Foi, aganchou<sup>70</sup> e colheu-os,  
E botando-os na cabeça<sup>71</sup>,  
Tirou correndo a vendê-los,  
Sem se doer dos chiinhos,  
Que então davam aos ventos,  
Dando cem reviravoltas,  
Os coitadinhos dos velhos...!

Sorte cativa a do débil  
Tem que seguir ainda sendo,  
Mentres que a Razão em tudo  
Não desterre antigos erros.

---

<sup>68</sup> Vimeiros: planta lenhosa com ramos flexíveis para fazer cestos. No original: biaiteiros, sabugueiros.

<sup>69</sup> Guicho: esperto, rapazinho da rua, aqui um menino buliçoso. No original: guiche.

<sup>70</sup> Aganchou: subiu a uma árvore com mãos e pés, agatanhar.

<sup>71</sup> Cabeça: entende-se na cabeça sob a gorra ou boné. No original: cachucha

## 11 OXALÁ!

Por que o céu mais limpo ao galego  
Parece afumado?  
Por que a terra florida que manda  
Lhe cheira a escamalha<sup>72</sup>?  
Por que a água, no olho da fonte,  
Pra ele tem tasto<sup>73</sup>?  
Por que sente que o sangue sorento  
Parece aburrá-lo<sup>74</sup>?  
Por que treme, dormente, e dacondo<sup>75</sup>  
Semelha ter raptos?...  
Porque está nos começos da febre  
Que aos povos deixados  
Faz perder a cabeça, e erguê-la,  
E dar fungueiraços<sup>76</sup>,  
Quando pintam que podem gandí-los<sup>77</sup>  
Os corvos, que a bandos,  
Nunca faltam onde eles, famentos,  
Seu couro buscando...  
Oxalá que nem um se lhes lisque<sup>78</sup>,  
Nem gordo nem fraco!...

---

<sup>72</sup> Escamalha: restos de peixe podre

<sup>73</sup> Tasto: mau sabor a velho.

<sup>74</sup> Aburrá-lo: estupidificar, bestificar.

<sup>75</sup> Dacondo: de quando em vez. (hoje esta palavra está perdida em Mondonhedo)

<sup>76</sup> Fungueiraços: golpes com o estadulho do carro.

<sup>77</sup> Gandí-los: comê-los, tragá-los, enganá-los.

<sup>78</sup> Lisque: escape correndo.

12  
SEMPRE O MESMO

“Sei que viste o lobo, nena,  
Pra tal tomar-se-che\* a fala?”  
Disse a uma pícara<sup>79</sup> um moço,  
Porque passava calada,  
Sem para ele olhar quase<sup>80</sup>,  
Nem pra os que ao seu lado estavam.  
- Pelo visto..., saltou ela,  
Sem sequer virar a cara.  
- E como dele libraste?  
El<sup>81</sup> saíste algo adentada?  
- E interessa-che sabê-lo?  
- E não o sabes, minha santa?  
-Pois, se che int´ressa... outro dia  
De mais vagar, se che quadra  
De me topar, cho direi...  
E a pobre calou ... e impava<sup>82</sup>!

.....  
Sempre os rapazes o mesmo  
Foram e são com as moças:  
Dão sete voltas no inferno,  
Sendo mester pra adondá-las<sup>83</sup>;  
Tudo é em ponto, mentres elas,  
Não de tudo cegas, mandam;  
Mas, em *subindo aos toucinhos*<sup>84</sup>,

<sup>79</sup> Pícara: rapariga nova, menina. Também aparece nos versos anteriores “nena”, igual a moça.

<sup>80</sup> Quase: é uma variante em versão manuscrita do próprio Leiras. No original aparece: ô d´reito, diretamente, torcendo a olhada.

<sup>81</sup> El saíste: emprego especial do pronome pessoal como “impessoal”, pop. Usado na zona mindonienense.

<sup>82</sup> Impava: arfava, respirava com dificuldade, suspirando.

<sup>83</sup> Adondá-las: amolecê-las, abrandá-las, amansá-las.

<sup>84</sup> Subir aos toucinhos: literalmente, exaltar-se. Em sentido figurado: pôr-se desonesto, excitado.



Tudo se volta *pontadas*,  
E, se se trata de *voltas*,  
Só entendem das de *espalda*<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> Espalda: costas. As palavras em cursiva têm duplo sentido erótico.

13  
AS PLANTAS E OS HOMES

Dão-se ao pé dos tojos bravos  
Os malmequeres singelos;  
Entre espinhosas gibardas<sup>86</sup>,  
O cabrinfolho<sup>87</sup> floreia;  
E o fero acivro e a abrula<sup>88</sup>  
Juntos nos cômaros<sup>89</sup> medram...  
Quando uns pra os outros os homes  
Seremos dessa maneira?...

---

<sup>86</sup> Gibardas: plantas silvestres de cor verde escura, com frutos vermelhos e folhas com espinha na ponta.

<sup>87</sup> Cabrinfolho: planta sarmentosa silvestre com flores amarelas. Madressilva.

<sup>88</sup> Abrula: abrítia, dedaleira, digital, com nomes populares de milicroques ou estalotes, com flores campaniformes de cor intensa e vermelha, curativa para o coração. Observe-se a quantidade de nomes de plantas com consoantes líquidas (r), que proporcionam um valor fonossimbólico ao som do poema.

<sup>89</sup> Cômaros: valados inclinados, lindeiros perto das chousas das casas para alindar o gado.

CACHIÇAS ELE FAZIA<sup>90</sup>...

Cachiças ele fazia no concelho;  
E todos a boquinha lhe calavam,  
Porque era como o joio, e a qualquer(a)  
Num ar lhe amanhava ele umas papas<sup>91</sup>,  
Mas uma noite perdeu-se num caminho...  
Amanheceu esganado numa fraga...  
E ainda que todos o viram e reviram,  
Ninguém viu, nem ouviu, nem disse nada;  
E ali os corvos os ossos lhe mondaram;  
E ali estão as costelas ainda estradas;  
E só (pra o maldizer) dele se lembram  
Alguma vez de noite, se ali laia  
A raposa que lá tem o buraco,  
E lá cria a larada<sup>92</sup>...  
Por muito que se argalhe<sup>93</sup>,  
Sempre dão o seu pago as más manhas.

---

<sup>90</sup> Cachiças fazia: fazia o que queria, rompia em anacos.

<sup>91</sup> Amanhava umas papas: empapelava, denunciava com falsidade, cambadela.

<sup>92</sup> Larada: descendência, crias, preferentemente aplicado às aves de curral ; a cães e gatos, depre-dadores.

<sup>93</sup> Argalhe: embrulhe, minta, amanhe com engano.

15  
DIRIAM....

Não pára nada nos pousos<sup>94</sup>;  
Não se põe *maja* aos domingos;  
Não canta, nem dá parola<sup>95</sup>,  
Quando lhe toca o moinho:  
E vai-se a fio ficando  
Como as varas de um cainço<sup>96</sup>...  
Que erva pisou a moça,  
Que até perdeu o sentido?...

.....  
Se contasse algo o cancelo  
Onde viu marchar o Chinto<sup>97</sup>;  
Se ela ensinasse o que esconde  
Entre os lenços do justilho;  
Se a carta, que, às furtadelas,  
Fez um dia santo, aos pouquinhos,  
Pudesse ler-se... diriam  
Que não fez bem um malvado  
Que lhe deu vinte palavras  
De ser de lei, no puxigo<sup>98</sup>,  
Certa noite ( que ainda teve  
Que acalouminhar o chito<sup>99</sup>)  
E diriam que não sabe,  
Nem esquecer nem sofrê-lo,

---

<sup>94</sup> Pousos: pousadoiros, lugares à beira dos caminhos rurais para pousar e descansar do peso dos feixes.

<sup>95</sup> Parola: palavra ( não fala nada)

<sup>96</sup> Cainço: janelo para dar de comer aos animais ou varas laterais do carro. Não significa cio.

<sup>97</sup> Chinto: nome familiar de Jacinto.

<sup>98</sup> Puxigo: janelinha da porta ou parte superior das portas de duas folhas, muito comuns nas casas rurais de Mondonhedo, onde falavam as moças apoiadas nos cotovelos, enquanto o namorado ficava fora.

<sup>99</sup> Acalouminhar o chito: agarimar o cão para que não ladre nem roa.

E que por isso, a coitada,  
Se vai voltando um esguio<sup>100</sup>.

---

<sup>100</sup> Esguio: pessoa fraca e alta. Cria de peixe. Delgado, escurrido. No original, o dialetal Esguilfo.

16  
DIZ A VELHA...

- Vaia um galano o galano<sup>101</sup>  
Que hei de mercar ao menino!  
- E quando mo há mercar, logo?  
- Alô pra o v'ráo, por São Pedro.  
- E porquê n'ó merca agora?  
    - Porque não chegou o tempo,  
    Nem me calha de ir à vila.  
- Pois, então, já não o quero!  
- Olha que cho hei trazer tal  
Que che há de dar gosto vê-lo;  
Cala a boquinha!  
    - Não calo;  
Dé-me o aqeste<sup>102</sup> primeiro!  
- Ai! se não calas, não cales;  
Que em se me acabando o génio...  
Já sabes como eu sacudo...  
E aginha te eu aqueento!

Esta parla aquela velha  
Levava com o menino,  
Pelo caminho da escola,  
Que era para ele o do inferno,  
e, ora arrastado, ora em bem,  
ora da mão, ora ceivo,  
tudo até a porta foi indo;  
Mas, ali deu em dar berros,  
E em recuar, couceando,  
Sem querer seguir adentro;

---

<sup>101</sup> Galano: brinquedo bonito, presente.

<sup>102</sup> Aqeste: aqui-este, o brinquete esse.

E enfadou-se ela, e pilhou-o,  
E, embora guarda o traseiro  
Taraveleando as pernas,  
Bateu-lhas, que iam fervendo;  
E foram de mão de santo  
Pra deixá-lo um anho feito.

“Quando lhe-las pede o corpo,  
Não vale andar com temperos<sup>103</sup>,  
E quatro açoutas<sup>104</sup>, di´a velha ,  
Sentam-lhes bem por inteiro”.

---

<sup>103</sup> Temperos: cuidados, alouminhos, delicadezas.

<sup>104</sup> Açoutas: açoites, golpes, palmadas com a mão aberta.

## LEVAI-ME AO MAR

Se quereis desmorrinhar-me<sup>105</sup>,  
Levai-me onde eu o mar veja,  
E os seus arinhos me cheguem,  
E o sinta quando referva;  
Levai-me pra onde mais bata,  
E mais se estrele nas penas,  
E, ao rebentarem as ondas,  
Mover os salseiros veja;  
Ou, de não, levai-me a onde  
Possa ter à mão, embora,  
Para espelho, umas pocinhas,  
Entre os juncos da ribeira!

---

<sup>105</sup> Desmorrinhar: tirar a morrinha, a tristeza, a saudade.



18  
NUNCA!

Porque para os teus és boa,  
Embora pra ti não o sejam;  
Porque calada te aguentas  
Sem lhes rosnar tão sequer,  
Chamaram-te quantas há  
Tuas irmãs, ruins laverças!...  
¿E que eras, quando dos mouros  
Quasemente<sup>106</sup> estavam servas,  
E tu a lutar te botaste,  
Pra libertá-las a elas?  
Que foste lá em Eibralfaro<sup>107</sup>,  
Quando não mais a bandeira  
Do Alferes de Mondonhede  
Pode avançar e estar d´reita?  
E em Lepanto, quando Andrade  
Fez dos turcos como arestas;  
E quando, alô em Senimara  
Pateou outro a cabeça  
Dos que a Gonçálvo de Córdova,  
o Grão Capitão, venceram?  
Que foste, que te chamaram,  
Pobrinha porca cinzenta?...  
Nunca o que lixou a manta  
Soubo ter calada a língua!

---

<sup>106</sup> *Quasemente*: quase + mente, adv.

<sup>107</sup> Eibralfaro: referido com certeza ao castelo de Gibralfaro, em Málaga.

19  
COMO ISAAC COM O SEU FEIXE...

Como Isaac co seu feixe,  
Quando à morte o levava o seu *bom* velho<sup>108</sup>;  
C'ó lenha dos meus males sobre o lombo,  
E levado da mão do duro Tempo,  
Vou subindo a costinha que me fica  
Da jornada da vida ao triste termo...  
Que para mim não há haver  
Nem anjo, nem carneiro<sup>109</sup>!

---

<sup>108</sup> Bom velho: Trata-se do pai Abraão, do que o autor põe em dúvida a bondade, escrevendo cursiva.

<sup>109</sup> Nem anjo que detenha o braço que me executa, nem carneiro ou anho que ocupe o meu lugar no altar do sacrifício.

20  
ASSIM!

Tinham nada mais o amparo  
Do filho que ia na guerra,  
E andava el dado a Juncras,<sup>110</sup>  
E chora que choras, ela.  
Mas sentiram os soluços  
Da Pátria, à que tantas penas  
Fam passar quatro *judeus*,  
Que cara ao *Calvário* a levam;  
E calou a boca o velho,  
e calou a boca a velha;  
E quando ao seu Fuco à porta  
Lhe foram a dar a aperta<sup>111</sup>,  
Disse-lle o pai suspirando:  
- Meu filhinho, nunca esqueças  
Que melhor quero não ver-te  
Até o céu, se a cabeça  
Não hás de erguer, como erguíamos  
Os de Prim, pra alô de Ceuta!...  
E assim são sempre pra a Espanha  
Os patrícios desta < *terra*  
*Esquecida, que espanhola*  
*Nunca chamar-se devera!* ><sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> Xuncras: eufm. Por Judas: andava jurando, enfadado.

<sup>111</sup> Aperta: abraço de despedida, abraço entre amigos ou familiares; conservado por razão da rima.

<sup>112</sup> Estes versos em cursiva são paráfrase literal dos de Rosalia de Castro no poema titulado A Gaita Galega, paráfrase também de outros de Ruiz de Aguilera. Duríssimos versos que Leiras também faz seus neste poema datado em Mondonhedo em 1901.

21  
CHAMADA À LUTA

Por amor dos seus d' reitos anda o russo  
Revolto pra os cossacos;  
Pedindo liberdades, os arménios  
A entrar coa Porta em guerra se arriscaram;  
Com serem o que são, até os de Taza  
Se opõem ao tirano,  
Se a mão lhes finca um pouco coas gavelas,  
Ou trata de tripá-los.<sup>113</sup>  
Só nós, com a vergonha já perdida,  
Vivemos como cumpre a sujos amos;  
Levando-as humildosos, coa *de freixo*<sup>114</sup>,  
Com cem cangas cangados<sup>115</sup>,  
E nem pensar em dizer: arriba todos!  
E à uma remangar-nos,  
Apanhar alfandegueiros e traidores  
E dar-lhes o seu justo com vergalho<sup>116</sup>!

---

<sup>113</sup> Tripá-los: pisá-los, assovalhá-los. Neste poema há referências históricas da situação mundial em 1900.

<sup>114</sup> A de freixo: a vara de madeira de freixo. Escrito no original com cursiva.

<sup>115</sup> Cangados: sujeitados à canga, junguidos, subjugados, oprimidos.

<sup>116</sup> Vergalho: verga, vara delgada e muito flexível, chicote.

22  
POUSADOIRO<sup>117</sup>

À Marinha<sup>118</sup>

Terra, que o sol, sempre amante,  
Tempera todos os dias;  
Agros, que dais o bom milho  
Com polas de quatro espigas;  
Junqueiras, onde as gaivotas  
Se pousam e se agarimam  
Quando com seu voo calmoso  
Não vão ao mar trás a vida;  
Quem vão vos viu bem de perto,  
Nem passou uma invernã  
Nos vossos burgos estrados  
De perfumada penica<sup>119</sup>,  
Ouvindo os rolos<sup>120</sup>, não sabe  
O que é a Marinha.

Não sabe o que é uma casinha  
Entre parrais protegida,  
Ao pé de velha figueira,  
Co seu forninho coa pita;  
Não sabe o que é aquecer-se  
Trás dos tições, na cozinha,  
Sem fume que cegue os olhos,  
E como a prata de limpa;

<sup>117</sup> Pousadoiro: Pouso, lugar à beira dos caminhos para pousar a carga e descansar.

<sup>118</sup> A Marinha: comarca da costa lucense, que compreende desde Ribadeu ao Barqueiro, pela que sempre amostra preferência o poeta Leiras Pulpeiro e à que vai dedicado este longo poema, a maior louvança que nunca foi escrita por um poeta nativo desta terra, que também o é de quem isto transcreve.

<sup>119</sup> Penica: folha aciculada do pinheiro que cai ao chão. Conhece-se também como puxa, poma ou arume.

<sup>120</sup> Rolos: pássaros machos da rola ou referido aos rolos ou ondas do mar.

Não sabe o que é leito armado  
Com feixe de palha triga,  
Com os seus lençóis de linho  
Do tear, bem lavadinhos,  
Como só os põem meninas  
Que há na Marinha.

Nem sabe o que são congostas  
De trevo e lírios vestidas,  
Sob cerdeiras e loureiros  
Que as guardam das nordesias<sup>121</sup> ;  
Nem o que é, perto de um souto,  
Sentar-se a olhar para a ria,  
Ou como a espuma da Barra  
Vai e vem, sobe e rebrinca,  
Mentres as marinhãs, soltas<sup>122</sup>  
As vacas e os bois alindam  
Nas pomaradas cantando  
Cantares que repinicam;  
Nem sabe o que é o serão doce  
De uma Marinha.

Nem ao que chega em feitiços,  
Quando a tarde vai caída,  
E as patas voam pràs furnas,  
A rés das águas, em filas,  
O arder do bico das ondas,  
Com figuras, que lá em cima  
Dos montes, fam os pinheiros

---

<sup>121</sup> Nordesias: ventos do nordeste, frios nesta costa porque vêm do Norte. O vento cá chama-se nordés.

<sup>122</sup> Marinhãs, soltas: referido a que as mulheres naturais da Marinha ( marinhãs) pastoreiam as vacas soltas, ceivas. Alindar é cuidar que o gado pasça pelos cômaros e lindeiros.

Que desmestou a cobiça<sup>123</sup>,  
E co' o rebruar<sup>124</sup> do mar,  
Batendo na rocha viva,  
Qual se, pra escornar<sup>125</sup>-se o diabo  
Com ele ali se batera;  
Nem sabe o que a Lua clara  
Faz da Marinha.

Nem o que é gente surosa<sup>126</sup>  
Sem raposadas cativas,  
Desatoada<sup>127</sup> do paul  
Das velhas velhacarias;  
Nem o que é sentir o ar  
Que traz de fora as faíscas  
Que hão de pôr lume aos palheiros  
Dos caciques que hoje se incham;  
Nem o que é viver sonhando  
Coa alvorada do grão-dia  
De glória, que, há muito, espera  
Para se ver outra Galiza,  
Que há começar acô em baixo  
Pela Marinha...

Por isso eu, que te conheço,  
Che guardo devoção pia;  
Por isso sempre que pude  
Corri pras tuas veiguiñas;  
Por isso, a nada que os cheiros

---

<sup>123</sup> Desmestou a cobiça: que se cortaram, fazendo uma entre-saca, pela cobiça do dinheiro da madeira.

<sup>124</sup> Rebruar: forte som do mar, repetido.

<sup>125</sup> Escornar: romper os cornos, golpear-se, fazer um trabalho muito cansativo.

<sup>126</sup> Surosa: de Sul ( Sur), gente boa, produtiva, trabalhadora. O vento sul ( vendaval) é bom vento.

<sup>127</sup> Desatoado do ilhó: desatascada do paul de lama. Livre de ver-se submersa em cousas velhas.

Das tuas algas me arrimam,  
Revivo com mais coragem  
Pra melhor olhar acima;  
E por isso de nenhures  
Vejo as cabeças erguidas  
Dos nove pinhos do Castro<sup>128</sup>,  
Que descoberto não diga  
Com quantos fôlegos<sup>129</sup> tenho:  
Viva a Marinha!!!...

---

<sup>128</sup> Pinhos do Castro: Pinheiros que estavam no monte do Castro, perto do cemitério da vila marinheira de Foz, que o poeta via de longe ao chegar à costa desde Mondonhedo, justo antes de ver o mar.

<sup>129</sup> Fôlegos: ânimos, força para respirar. No original, datado em dezembro de 1903, vem "folgos".



23  
NADA VALE!

-Ai! nena<sup>130</sup>, nesse *palheiro*  
Ainda se agacha um bom *cão*!  
-Isso será se lhe deixam...  
-Ou também sem lhe deixar,  
Que um *cuzo*<sup>131</sup> pela quentura  
Faz o que o trasgo não faz.  
-Olho! Mão fora, demónio!  
-E ele onde hei ter as mãos?  
- Tenha-las onde tu queiras,  
- Se é de casta, nada faz;  
Que uma volta há de furtar-cha  
Quer por diante ou por detrás...  
Assim na eira começaram  
Certo Joám, que n'era Xam<sup>132</sup>,  
E uma Marica<sup>133</sup>, que tinha  
De tudo o bom a Deus dar;  
Mas seguiram...de uma n'outra...  
E tumba, e dá-lhe, e que tal...  
E ali mesminho, em um ar,  
Fizo-lhe ver o rapaz  
Que nada vale uma moça  
Pra bem um *chito*<sup>134</sup> tornar  
De um *abeiro*, como o avente,  
Se for sequer *meio cão*.

<sup>130</sup> Nena: menina, nome carinhoso que se dá às moças. Conserva-se exigido pela métrica.

<sup>131</sup> Cuzo: cão cativo. Faz alusão a estar em cio ou buscar calor.

<sup>132</sup> Xam: João, Joane, homem frouxo dominado pela mulher. Nome familiar de Joám em Mondonhedo.

<sup>133</sup> Marica: Maria ou Maria do Carmo, nome muito abundante na época de 1900 nesta zona da Galiza.

<sup>134</sup> Tornar o chito: apartar o cão, botar fora ou vigiar. As palavras em cursiva têm segundas intenções.

24  
NÃO O SEI!

Sem milho no caboço<sup>135</sup>,  
E o leito sem trapos,  
Sem dinheiro a ucha,  
E a corte sem rês...  
Que aguardam os pobres,  
Que a fouce n'ágarra  
E a sua bem feita,  
Não fá m duma vez?...

Se calam, nem couro  
Lhes deixam os fartos;  
Se pedem justiça,  
N'os ouve ninguém...  
Que aguardam os pobres  
Que a fouce n'ágarra,  
E a sua bem feita,  
Não fá m duma vez?...

Sabendo que o mundo  
N'é foro de naide<sup>136</sup>,  
E em tudo pra todos  
Quinhão<sup>137</sup> há de haver,  
Que aguardam os pobres,  
Que a fouce n'ágarra,  
E a sua bem feita,  
Não fá m duma vez?

---

<sup>135</sup> Caboço: celeiro, pequena casa onde se guardam os cereais. Dialect. Mind. Noutras zonas: caba-ceira.

<sup>136</sup> Naide: cast. dialect. Por ninguém. Não é foro (renda, propriedade foral ou aforada) de ninguém.

<sup>137</sup> Quinhão: parte indivisa que se reparte entre vários, quinta parte. Utilizada entre marinheiros à parte.

25  
À GALIZA

Não digas que estás de morte,  
Nem que te viu um mau olho.  
Queres que as velhas gafeiras  
Deixem de ranhar-che o corpo?<sup>138</sup>...  
Pois dá-te bem mais estima,  
Sem gemer e andar com choros;  
Bota-lhes duas roncadas  
A esses parentes piolhosos,  
Que te ultrajam, e bem deitam<sup>138</sup>  
Muitas vezes das tuas côdeas;  
E aos desleixados que esquecem  
A fala, que tu no colo,  
Lhes ensinaste ao criá-los,  
Mede-lhes coa roca<sup>139</sup> o lombo;  
E se não voltam ao rego,  
Deixa-os ir, que os leve o mouro.  
Que os que ao teu mandado fiquem,  
Se Deus quer, hão ser avondos,  
Pra relousar-che a casinha ,  
Pra refazer-che o celeiro,  
Para limpar de nocelhas<sup>140</sup>,  
Como faz falta, os teus hortos.  
E verás que de contado  
Che\* há cambiar, Galiza, tudo!

---

<sup>138</sup> Bem deitam: graças a isso, bem lhes vale. Dialect. Mind

<sup>139</sup> Roca: pau de fiar o linho.

<sup>140</sup> Nocelhas: erva má das terras de labor, que tem bolinhas nas raízes em forma de rosário. Dialect.

26  
PORQUE SIM!

Pra respirar, ar avondo  
Todos temos por igual;  
Pra pobres, e pra não pobres,  
Sobra de água as fontes dão;  
Mas, de terra... quantos contos  
Com que é mester pra sacar  
Dela seque o pãozinho,  
Que a todo Deus falta faz?...  
Por que há sobrar a uns tanta,  
Havendo quem nada mais  
Têm de mortos ( Se no entanto  
Não os manducam os cães)  
Os sete pés do buraco,  
Que por força se lhes dá?...

## LEMBRANÇA DE AMORES

E lembras-te da tardinha  
 Que passamos na Fervença<sup>141</sup>?  
 Ainda vejo aquel' cachopo<sup>142</sup>  
 Ramalhudo, que, à direita,  
 Nos cobria, e nos guardava  
 Da gente que ia à festa?...  
 Ainda sinto eu o lentor  
 Do molido<sup>143</sup> de folgueiras,  
 Que, pra sentar-nos, tivemos  
 Naquela bouça costenta!...  
 Ainda penso que o teu bafo,  
 Recendendo a recandeia<sup>144</sup>,  
 Me dá na cara ao falares  
 Pra me contares aquelas  
 Tuas cousas\* que eu porfiava  
 Que duma vez me dissesas!...  
 Ainda nublados os olhos,  
 E a cabeça um forno feita,  
 Penso que tenho, qual tinha  
 Quando esgarçamos a giesta  
 Rebricando, e arrolamos  
 Até o fundal como pedras!...  
 Ainda também...; mas, chitão!  
 Que é melhor que cale a língua,  
 E as lembranças sigam mortas,  
 Se, ao revivê-las, se inflama

<sup>141</sup> Fervença: lugar próximo a Mondonhedo de beleza natural, onde há uma cascata no rio Masma.

<sup>142</sup> Cachopo: grosso tronco de árvore, normalmente de castanheiro.

<sup>143</sup> Molido de folgueiras: cama vegetal, normalmente empregada para a corte dos animais.

<sup>144</sup> Recandeia: dialet. Pólen e flor de castanheiro com perfume afrodisíaco.

Como se inflama uma chaga  
Que desde então levo aberta!...

.....  
Deus te perdoe; e que aos dous<sup>145</sup>  
No céu juntos nos veja!

---

<sup>145</sup> Dous: dous. No original: *entrambos*. Este formoso poema de amor pastoril e rural está datado no outono de 1905.

## ANTES

Vai-te, noite, correndo, e passai,  
Água e pedra, que tenho nos agros  
O pãozinho que pedem meus nenos,  
Que levam, de fome, seguido já um ano!

## DEPOIS

Vem-te, noite, correndo, e volvi,  
Água e pedra, e levai-me com tudo;  
Que, apedrados os agros, não fica  
Pra nós outra cousa que o fundo dum poço!

29  
E HÁ QUE ROÊ-LA...

Uma lombá com penas e pinhos;  
Uma valga<sup>146</sup> dos ventos guardada;  
Uma fonte e um regato coas beiras  
Com muito sabugo e com muita espadana;  
E, a um recanto, saindo entre teixos,  
Com janelas ao mar, uma casa,  
E ao pé dela um caboço\* branqueando  
Que chame, e que tenha lousado às quatro águas...  
Tal é o mundo que pedem meus feles;  
Tal é o porto que, dado, me quadra;  
Tal é o ninho em que tendo aleados<sup>147</sup>  
E juntos os nitos da minha larada<sup>148</sup>,  
Viveria contente, lavrando os meus leiros<sup>149</sup>,  
E ao vir logo a Morte, sorrindo a aguardara!

Mas tenho uma casa batida  
Por todos os ares, sozinha, e sem leiras;  
Sem caboço, e sem rego, e sem fonte,  
Sem pinhos, nem teixos, nem eira sequer;  
Num campião onde n' há mais que cardos;  
E onde erguer nunca bem se ergue a névoa,  
Nem um sacre<sup>150</sup> dá o velho plantio,  
E o novo não prende, e se prende não leva...

<sup>146</sup> Valga: valinha, pequeno vale, baixada na aba de uma montanha.

<sup>147</sup> Aleados: apartados; literalmente: voados com as suas asas.

<sup>148</sup> Nitos da larada: crias da larada, referido à descendência, aos filhos ou netos.

<sup>149</sup> Leiros: pequenas propriedades agrárias, coincidentes com o apelido do poeta. As leiras são prédios mais grandes que os leiros. Poema datado em 1904.

<sup>150</sup> Sacre: palavra de significado desconhecido hoje. Acre é unidade de medida agrária de origem anglo.

Parece indicar um fruto. Pode ser uma cláusula feita para indicar que não dá nada.



E esmoreço entre os quatro penais<sup>151</sup>;  
E masmindando-me vou, cheio de penas;  
E, de sempre lidar, já vou canso,  
Sem ver um mau cabo, nem mar, nem ribeira,  
Cos filhos, meus pobres!, estrados por longe;  
Estou como o cão quando a onda<sup>152</sup> lhe pega!

---

<sup>151</sup> Penais: paredes altas, remates das paredes para tornar as águas. No original: "*penales*".

<sup>152</sup> A onda: a hidrofobia, a raiva do cão.

## ROSEIRAS DE ROSAS ROXAS

Se, quando me fine, as campas<sup>153</sup>  
 Do meu lugar não me choram;  
 Se, onde aos meus, achegadinha,  
 Nã' abrem logo a minha cova,  
 E em cima dela não põem  
 Roseiras de rosas *roxas*<sup>154</sup>,  
*Bem roxas*, como as que eu cuido  
 Com amor na minha horta...;  
 Que não me chamem pra o céu,  
 Que não vou, não sendo à força,  
 Sem botar-me antes, de noite,  
 Pela aldeia de riola<sup>155</sup>,  
 Até que comigo pegue  
 Quem me requeira ... e me ouça...  
 E faça tanger as campas;  
 E que, onde quero, me ponham,  
 E depois, ao pé meu tenha  
 Roseiras de rosas *roxas*.

<sup>153</sup> Campas.: Sinos da igreja. Efetivamente não soaram quando morreu Leiras, que teve enterramento civil multitudinário. Na sua tumba houve e há hoje roseiras vermelhas.

<sup>154</sup> Roxas: cor teixa, cor da violeta. Também cor encarnada, cor vermelha clara ou escura. Em todo o caso é símbolo já então dos movimentos políticos de esquerda que professava o autor.

<sup>155</sup> De riola: de ruada, de ronda, de esmorga ou festa.

31  
A MORTE

Numa das cem jamacadas<sup>156</sup>,  
Que passei como no espeto<sup>157</sup>,  
Vi vir a Morte ao meu quarto;  
Vi-a chegar-se ao meu leito;  
Vi –lhe enfiar-me pra os olhos  
Os cuncos dos seus, vazios;  
E assim posta, e tão pertinho,  
Enquanto de dar-me medo,  
Deu-me aquele grande alívio  
Que dão os amigos velhos,  
E sem voltas, e que sabem  
Buscar à que tem apertos,  
Quando diz: aqui estou eu  
Com o que valho e que tenho...  
E foram-se-me fechando  
As pálpebras, sem querê-lo;  
E logo preendi no sono,  
E dormi o dia inteiro...  
Em que não morri, morri,  
Pra saber certos segredos...  
Não é a Morte o que contam,  
Nem deve meter respeito!

---

<sup>156</sup> Jamacada: referido a doenças

<sup>157</sup> Espeto: pau usado para assar a carne ou o peixe.

## A...(?) , NUM DESCANSO DO BAILE

Quando só o teu negro dos olhos  
Amstras a meias,  
E essa roxa e bonita boquinha  
Tens algo entre-aberta,  
Pra poder respirar, qual agora  
Che cumpre, de pressa...  
Ai! Deus, minha mouro,  
Não sei quanto dera  
Por cantar-che nos papos ardentes  
Chuchinhos<sup>158</sup> às cheias,  
E cingir-me tremendo ao teu seio,  
Igual que se cingem as cobras às pernas  
Dos que, em pisando-as  
Tropeçam com elas!

---

<sup>158</sup> Chuchinhos: beijinhos, dialet. Mind.

33  
SUPERSTIÇÕES

Como na porta a madroa<sup>159</sup>  
Pelo São João não pusemos,  
Tenho no corpo metidos  
Tamanho frio e tal medo,  
Que o escano deixar não posso,  
Nem manjo, nem durmo ao d' reito,  
E em tudo vejo corujas,  
*sacabeiras*<sup>160</sup> e morcegos...!  
Não há um padre de mão  
Benta, que um remédio  
Me dê para esta congoxa,  
Que me está sempre comendo?...  
Pobre de mim, se não o acho,  
Ou não me vale São Pedro!

---

<sup>159</sup> Madroa: erva de Nossa Senhora, milagrosa na crença popular.

<sup>160</sup> *Sacabeira*: píntegas, pinta, salamanca, salamandra . Dialect. Mind. Consideradas imunes ao lume.

## O MONTE DO MONFADAL

Des'que uma noite de contos  
A uma velha ouvi contar  
De que lhe vinha o seu nome  
Ao Monte do Monfadal,  
Nunca ao Padornelo os olhos  
Pude volver sem lembrar,  
Sentindo, o que há tempos eram  
Os mocinhos deste clã<sup>161</sup>.

Não, como aqueles, os de hoje  
Guardariam nosso val  
De outros *mouros*, se assomassem  
Pelos altos de Carrás<sup>162</sup>!

---

<sup>161</sup> Clã: conjunto de famílias com antepassado comum. No original escreve "chan", insólito na zona de Mondonhede, que podia ser "chão", mas não se trata aqui de lugar chão. Monfadal é nome simbólico e emblemático em Mondonhede, enigmático também, referido ao monte Padornelo(?). Existe uma revista literária de alta qualidade com esse nome em Mondonhede, editada em Oviedo por António Meilán.

<sup>162</sup> Carrás: Monte ao Norte de Mondonhede, também conhecido como Corneria. Mouros com cursiva (?)

## NA MORTE DE MONTES

Não é milagre que chores  
E que estejas suspirando,  
Minha pobre Suévia<sup>163</sup>, sempre em pena;  
Que, em- que afeita te leva o triste fado  
A ver que, dos teus filhos,  
Che vá a negra Morte gadanhando  
Aqueles mais lançais<sup>164</sup>,  
Mais erguidos, luzentes e espigados,  
Quando neles te vês,  
E são a tua gala e o teu regalo;  
Se agora ver ao d' reito tu pudesses  
E coligisses algo,  
E a apreçar bem a perda te parasses  
Mores<sup>165</sup> forem tua dor e mais teu pranto,  
De não dares em louca ou afogares,  
Quando morto o teu Montes<sup>166</sup> che ensinaram.  
Pois, fria aquela testa,  
E rijo aquele braço,  
E detido aquele seu coraçãozinho,  
Cem vezes abalado  
Pelas tenras doçuras  
Dos nossos velhos cantos,  
E sempre esmorecido,  
Não sendo no teu colo agarimado,  
Não tens onde olhar, se é que te chamam

---

<sup>163</sup> Suévia: Galiza pode chamar-se assim, como quiseram os suevos qua a dominaram 150 anos com o seu primeiro reino cristão europeu, mas triunfariam os nomes românicos de Hispania e Gallaecia, fronte ao germânico Gótia. Hoje é nome poético, épico e simbólico.

<sup>164</sup> Lançais: altos e delgados como uma lança, de corpo cumprido.

<sup>165</sup> Mores: arc. maiores

<sup>166</sup> Montes: João Montes, insigne e popular músico tradicional galego.

Pra alguma nova justa do trabalho;  
Nem quem faga que laudem o teu nome  
Onde só se vê laudar aqueles magnos;  
Nem quem saiba amostrar o céu aberto,  
E a glória de Deus dar-nos  
Coa roda de lugueses  
Que tinha ao seu comando,  
A cantar admirado as harmonias  
Que compôs e se sente concertado  
Tudo quanto surge e quanto se ouça  
Nos nossos sempre recendentes agros  
Quando vem vindo o dia  
Trás duma noite escura de zarzalha<sup>167</sup>...  
Porque ninguém com 'el' tem sentimento  
Nem dó escolhido em raptos,  
E onde ele a sua mão punha  
Deixava sempre algo  
Que tivesse o segredo  
De chegar até a alma e de encantar-nos;  
Porque sempre os seus ares nos falavam  
Dos continhos do escano<sup>168</sup>;  
Do rou-rou com que, amantes, nossas velhas<sup>169</sup>  
Nos têm anainado;  
Do enravecho do moço, se a menina  
Mais da conta lhe fez andar rondando;  
Dos apertos das pícaras<sup>170</sup> na fonte  
Pra não quebrar o jarro;  
Das saudades da choça;  
Do nosso pequeninho campo-santo;

---

<sup>167</sup> Zarzalha: orvalho ou chuva miúda, que em Mondonhedo se chama também barruço.

<sup>168</sup> Escano: não parlamentar, senão o escano da lareira, do lar.

<sup>169</sup> Nossas velhas: as nossas mães.

<sup>170</sup> Pícaras: meninas, aqui já mocinhas em idade de merecer.



Ou do souto dos bolos,  
Onde mais duma vez temos chinado<sup>171</sup>,  
E onde todos os moços, ali juntos,  
Cantando e atrujando, terminamos...  
Não é milagre que chores, ´nha mãezinha,  
E que estejas ainda suspirando,  
Perdendo o que perdeste com Joám Montes,  
E querendo-te ele tanto, tanto, tanto!

---

<sup>171</sup>Chinado: perder ao jogo popular dos bólos, quando a bóla ia com pouca força e não chegava à raia.

## OS ÁLAMOS E OS CACIQUES

Os nossos álamos mouros,  
Que tanto sempre aparentam  
Aos que bem não os conheçam,  
Como de longe se vejam,  
Aos maldiçoados caciques  
Em muitas cousas semelham.  
Como eles, se em boa terra  
Acertam chupar, já medram;  
Como eles, luzem erguidos,  
Mentres os ventos não sopram;  
Como eles, nunca dão nada  
Que de proveito a alguém seja;  
E como eles, só de mortos  
Valem de algo para a terra;  
Pois valem...o que lhe vale  
A pouca cinza que deixam.

## A PENA DO MORTO...

## I

< Ai! Tonhinha, não sabes as que eu passo  
 Por ter que te deixar, sendo menina,  
 Sem ninguém que te valha, se cumprir,  
 Nem sequer um conselho a dar-che venha!...>  
 Duma mão, ao finar-se, tais foram  
 As falas derradeiras...  
 Mentres o Abade, co' o devido,  
 E a gente de que a casa estava cheia  
 Com suas rezas a Deus a encomendavam,  
 Pra sempre adormeceu a pobre velha,  
 Virando, não sei como, aqueles olhos,  
 Abrindo a meio abrir a boca seca,  
 E abraçando a filhinha e mais um Cristo  
 Que pra chuchar<sup>172</sup> lhe deram.

## II

Chorou desgraçando-se  
 Um pouco ali a órfã.  
 Limpinha e vestida  
 Com hábito e coifa,  
 Mais tarde na caixa  
 Meteram a morta,  
 E puseram no quarto  
 Do leito de folga<sup>173</sup>;

---

<sup>172</sup> Chuchar: beijar.

<sup>173</sup> Leito de folga: cama de sobra, que não se usa, e está em quarto de reserva. Poema dedicado ao seu amigo D. Emílio Tápia.

Velaram vizinhos  
Junto a ela umas horas;  
Chegada a do enterro,  
Na porta de fora  
Repartiram aos pobres  
Duas dúzias de côdeas;  
Laiou-se ao levá-la  
Da casa pra a fossa;  
Pagaram cregagem...  
E adeus... até a glória!...  
Já n´houve mais choros nem laios e às doze  
Jantou-se, bebendo<sup>174</sup>, que nem numa boda !

---

<sup>174</sup> Bebendo: no original aparece "pifando": comendo, bebendo e falando muito, como em uma boda ou casamento, no original.

## ENTERRAMENTO DE POBRE

Se são mester rezo e missas,  
 Como os curas dizem sempre,  
 Pra que, de Deus, de contado<sup>175</sup>,  
 Tenham perdão os que morrem,  
 Por que até alô fam mais triste  
 Que a dos mais do pobre a sorte,  
 Botando-o na fossa e só  
 Com uns orvalhos do hissope?...

.....  
 Bem se vê nisso que os tais  
 Como os cães dos cortadores,  
 Nunca fãó festas a naide<sup>176</sup>  
 Se de lhes dar no ´ o conhecem!

<sup>175</sup> De contado: rapidamente, em seguida. A crítica anticlerical nestes textos é notória.

<sup>176</sup> Naide: cast. dialet. Ninguém, conservado por razões de rima e métrica. Fazer festas: brincar, jogar.

## A NÉVOA DA FROUSEIRA

Névoa, que de todo envolves  
 Muitos dias a Frouseira<sup>177</sup>  
 Porquê decote no ássomas?<sup>178</sup>  
 Como tantas vezes deixas  
 Que alguns laretos<sup>179</sup> estranhos  
 Os seus cumes mondos vejam,  
 Pra recordar, entre burlas,  
 Ao vê-los, a nossa afronta?...  
 Mas... fá's bem!, que não houve  
 Quem escachasse as cabeças  
 Dos vinte e dous Iscariotes  
 Do, então, melhor desta terra!

---

<sup>177</sup> Monte emblemático entre Alfoz e Foz, onde teve a sua fortaleza Pero Pardo de Cela, entregue aos mercenários dos Reis de Castela por traição de vinte e dous criados do dito Marechal.

<sup>178</sup> Decote não assomas: não sobes ao cume como acostumas, como todos os dias.

<sup>179</sup> Laretos: que falam muito e sem sentido.

## A ORAÇÃO VERDADEIRA

Tão triste como o céu que, cinzento,  
De água e frio os sinais tinha bem claros;  
Dando-me o coração fortes tumbidos  
Cada vez que sentia o som dos sinos,  
Qual se ainda durasse a noite negra  
Em que a meu pai vi dar as boqueadas;  
No cemitério, e , junto à sua covinha,  
Beijando aquelas ervas pra mim santas  
Topei-me por defunto sem sabê-lo...  
Nem como, nem por onde ali chegara,  
E então, quantas fevras tem meu corpo  
Tremendo à uma estavam,  
E para nada que fosse fingimento  
Tinha disposta a alma,  
Nem sequer por assomos,  
Nem um intre sequer fize lembrança  
Do que, andando na escola,  
No tocante a orações já me ensinaram.  
Mas sim lembrei, em troques, seus conselhos,  
De muitas e bem boas ensinanças;  
E tão de coração lhe di em conta  
De como honrá-lo penso em praticando-as,  
Que ao erguer-me já, não sei, não sei que tinha,  
Mas sim que me encontrava  
Assim como quem sai de um mau atranco,  
Ou se livra de um algo que faz mágoa...  
É que não há *oração* como a que eu disse  
Pra dar consolo inteiro às nossas almas...  
Por isso renego eu das que entre círios  
Dous *cregaços* no pórtico *rezavam*,

Ao tempo que có os dedos, das moedas  
Levando iam a conta, e mais guardando-as!



## ALEGRIA DA GAITA

Em riba tudo é negruras,  
Em baixo tudo é lazeiras<sup>180</sup>,  
E trabalhos e esquivezes  
Que a alma nos apodrentam.  
Mas chega o dia de um Santo,  
E soa a gaita na festa...  
E esquecem-se os roimentos,  
E formiga-nos o corpo;  
E ferve o sangue nas testas;  
E entram-lhe a um ganas de troula,  
De atrujar e de moinheira...  
Por algo dizem que a gaita  
Diabinhos<sup>181</sup> no fole leva,  
E por algo os bons galegos  
Se n' a ouvem, não aleiam<sup>182</sup>!

---

<sup>180</sup> Lazeiras: chagas, feridas, de lacerar ou romper.

<sup>181</sup> Diabinhos: pequenos diabos, trásgos, deminhos. No original: demachinhos.

<sup>182</sup> Aleiam: voam com as asas, alegram, não estão bem.

42  
ISSO JÁ!...

Se um pobrinho a pedir vai onde um crego,  
Ainda esteja famento, manco ou cego,  
Só às vezes acha um “Deus o ampare”,  
Que nem faz nascer côdeas no taleigo,  
Nem que a andorga<sup>183</sup> se farte sem jantar.

Se um crego pela contra, pede a um pobre  
O que ele chama oferendas, sempre o move,  
Quando menos a dar-lhe alguma espiga,  
Que, vendendo-a, qual faz, quando a grã sobe,  
Deixa de sobra para encher a barriga.

Isso diz que ainda rege a lei do embudo  
Pra os que o povo ter querem cego e mudo,  
Ainda que diz a doutrina verdadeira:  
Ninguém faça a ninguém o que el' não queira.

---

<sup>183</sup> Andorga: dialet. Pança, bandulho, ventre.

## A MULHER SÍMBOLO DA RAÇA

42

Coa saia remangada;  
Com o justilho arrumado, meio solto;  
Com o dengue algo corrido;  
E a carinha, de pó com leve toldo,  
E o cabelo mal preso, e diante o pano,  
Encrenchados os seus cabelos pretos;  
Levando-lhes água aos segadores,  
ou atando nos molhos,  
Figuravas talmente a nossa raça,  
De alma tenra e sublime em forte corpo,  
Como não hão querer-te!  
Como os ares, por ti, n' hão beber todos!

O PINHEIRO DE FORMENTOR<sup>184</sup>

(Tradução do poeta malhorquino Miguel Costa Llovera)

A alma quer uma árvore! Mais velha que a oliveira,  
 Mais forte que o carvalho, de escuro verdecer,  
 Conserva das suas folhas a eterna primavera,  
 E luta com ventadas que açoutam a ribeira,  
 Que a terra fam tremer.

.....  
 (Mon cor estima un arbre! Més vell que l'olivera,  
 Més poderós que el roure, més verd que el  
 taronger,  
 Conserva de ses fulles l'eterna primavera,  
 I lluita amb les ventades que atupen la ribera  
 Que cruixen el terror. )

---

<sup>184</sup> EL Pi de Formentor: Leiras faz a tradução poética deste poema em catalão, do que oferecemos os primeiros versos, assim como os originais de Costa i Llovera.

## OS LUMES DAS RAPARIGAS

Se todos os lumes  
Que as moças acendem,  
Como os das cozinhas,  
Pudessem fazer-se  
Cativos ou grandes  
Quando elas quisessem,  
Já teríamos os homens acô a glória,  
Que guardam para quando Deus nos leve.

## QUISERAM VER-ME CEGO....

Quiseram ver-me cego de ambos olhos;  
E gafo<sup>185</sup> de ambas mãos; e sem focinhos;  
E, todo cheio de lastras e de piolhos,  
Pôr-me, para escarmento, nos caminhos!...  
Mas torce-lhe-la o diabo;  
E nem isso hão de ver, nem eu lhes tremo!!!

---

<sup>185</sup> Gafo: que tem gafa, lepra animal.

## MOXENA NO CORAÇÃO

Catar<sup>186</sup> pra atrás, dá-me pena;  
No amanhã, penso não rindo;  
E tanto, hoje, a estar sofrendo  
Mau fado ruim me condena,  
Que ando qual se uma moxena<sup>187</sup>  
Me estiver fixa queimando  
No que de mais tenho brando,  
Que é o coração... que não fora!  
Que... então...antes... e ainda agora  
Menos passara eu penando!

---

<sup>186</sup> Catar: captar, olhar, observar com cuidado.

<sup>187</sup> Moxena: faísca do lume.

47  
A VER ...

Quem, na casa da mãe, petou à porta?  
Quem é o que sossegar algo no á deixa,  
Mentres meio dormentes tem às dores,  
E, encolhida, no escano coteleia<sup>188</sup>?  
Quem a chama de fora? Quem lhe diz  
Que se assome à janela ver a festa?  
Quem no forno das suas arroutadas<sup>189</sup>,  
No já morto borralho escaravelha<sup>190</sup>?  
Quem sopra nele, cuidando topar lume  
Que lhe faça quentar-se e dê a têmpera  
Que hão pedirem as lutas e os perigos  
Da lide crua que a sentir começa...?  
Ah! Sois os seus filhos, os de longe,  
Os de junto do Prata, os que pra ela  
Sempre amor amostraram nos apertos,  
E consolos tiveram às mão-cheias!...  
Pois não faleis mais, meus irmãozinhos,  
E achegai-vos melhor, já que a mão direita  
Lhe pedis, pra beijar-lha, e as bagoinhas  
Enxugar-lhas quereis entre as apertas!  
E Deus vos veja vir, segundo cumpre  
Para poder-lhe valer, e aginha erguê-la,  
Antes de que se fine de tristura  
Ou de fome enfraqueça;  
Que do jeito que a têm as *duas pragas*,  
Os mandões e a cregagem; meio cega  
Como está de viver quase às escuras,

<sup>188</sup> Coteleia: dá cabeçadas com o sono ao amor do lume da lareira, no escano.

<sup>189</sup> Arroutadas: ráptus, ataques de cólera, génio vivo dado à aventura

<sup>190</sup> Borralho escaravelha: na borralha ou cinza revolve ou anda nela às voltas como o escaravelho.



Nem a ajudar-se a coitada bem acerta;  
E os de acô todos temos as mãos tocas,  
Pra o que querem os mais da pobre velha<sup>191</sup> !...  
A ver se tendes sorte e coa gaitinha,  
Chegais a lograr que se espaireça;  
A ver se tendes tento, e , sem cajadas,  
Podeis fazer logo que se tenha;  
A ver se lhe pondes no paranho<sup>192</sup>  
Um candil dos que acendem nas ferveças;  
A ver se lhe roçais, e das escolas,  
Os caminhos cangados de silveiras;  
E a ver se abordelais<sup>193</sup> para que tire  
Duma vez e pra sempre com a peia<sup>194</sup>!

---

<sup>191</sup> Pobre velha: metáfora referida à Galiza, como noutros casos semelhantes no poeta Leiras Pulpeiro

<sup>192</sup> Paranho: espécie de andel

<sup>193</sup> Abordelais: ajudais, empurrais.

<sup>194</sup> Peia: para prender os pés das bestas, impedimento. No original escreve "piega", dialet. Mind.

## MOINHEIRA

Ai! Marujinha, se qués que te queira,  
Diz-lhe a teu pai que che doe uma leira,  
Carro, e jugada, e uma meda de pão...  
E não andes ao rabo com tanto galá!

Que se teu pai por aí não me leva,  
Hoje ainda tenho eu côdea e fevra;  
E, pra alampar<sup>195</sup>, não cumpre casar;  
Que tempo há de sobra para um se afogar!

---

<sup>195</sup> Alampar: passar fome, madurar antes de tempo, morrer.

49  
CARIDADE !

Que ai-ais são esses doídos,  
Que os corações tanto entalam  
Que até os pedrinhos se abalam  
Ao senti-los tão sustidos?  
Por que andam despavoridos  
Nessa veiguinha nomeada  
Que, contra Serra Nevada,  
Entre laranjos encerra  
Essa per´linha<sup>196</sup> da terra,  
Essa admirada Granada<sup>197</sup>?

Ai!, essas queixas doídas,  
Saem dos peitos coitados  
De pobres desconsolados  
Que choram hoje, perdidos,  
Da alma anacos queridos,  
Que esmagadinhos finaram  
Nas choças que se esfondaram,  
Nas igrejas que caíram,  
Baixo penedos que abriram,  
E em povos que se enterraram!

Nesse vergel recendente,  
Do alarve<sup>198</sup> contínuo sonho,  
Dês-que sendo dele dono,  
O avassalou nossa gente;

---

<sup>196</sup> Per´linha: perolinha, pequena pérola, conservado aqui por razões métricas.

<sup>197</sup> Granada: todo este poema está ubicado em terras de Granada (Espanha), depois do terremoto de 1884.

<sup>198</sup> Alarve: árabe beduíno, aqui referido aos árabes de Granada, com saudade da que foi a sua joia.

Nesse chão espampanante  
Tremou a terra, bruando,  
E acima dela, ficando  
Vão só ruínas e mortos,  
E famintos, que confortos  
Despidos vão implorando!

Ai!, esses ais doídos  
São coitas dos que sem lar,  
Sentindo ainda tremer  
Os terreios já movidos,  
Com olhinhos escozidos,  
E já sem chorar poder  
Prendinhas do seu querer  
Vem já tristes ir, gemendo,  
De porta em porta pedindo  
As migalhas que hão comer!

Nesses agros floreados  
A morte corre que voa,  
E onde antes riam, não soa  
Mais que o queixar de alveitados<sup>199</sup>,  
Que ao frio, mal agachados,  
Sem agarimos aguardam  
Ajudas que sempre tardam  
Nesta terra mal regida,  
Que faz refugo da vida  
Dos que os leirinhos escardam!

Quando esses ai-ais doídos,  
Que nos dizem da tristura

---

<sup>199</sup> Alveitados: tratados pelo alveitar, aquele que trata doenças dos animais. Aqui: maltratados.

Desses irmãos sem ventura,  
Deixaram de ser sentidos?  
Quando todos condoídos  
De tanta calamidade,  
Qual manda a Fraternidade,  
Cumprindo o nosso dever,  
Lhes saibamos atender  
Praticando a Caridade!

50  
TÃO GALHAMARDO !

E pensas, meu Xam Galego<sup>200</sup>,  
Que es homenzinho ...acabado?...  
Pois, n'ó o sonhes, mentres tenhas  
Como quem diz aforados  
Meio corpo ao senhor Cura,  
E outro meio ao senhor Amo,  
E a vida ao Rei, que cha joga  
Por menos de um triste ichavo<sup>201</sup> !...

Não sei como assim te cegas,  
E te pões tão galhamardo<sup>202</sup>!

---

<sup>200</sup> Xam Galego: João Galego, símbolo de homem galego, sofredor e ignorante, que aparecia no semanário ourensão O Tio Marcos da Portela.

<sup>201</sup> Ichavo: moeda de pouco valor: oitavo, oitava parte do real.

<sup>202</sup> Galhamardo: com galhardia, presumido, que dá voltas, vaidoso, soberbo. É palavra empregada por primeira e única vez em galego por Leiras Pulpeiro.

51  
E MAIS NÃO LHE DIGO<sup>203</sup>

I

Uma tardinha de agosto,  
Das em que a gente se assa,  
Andando ao sol, e se afogam  
Os que na sombra trabalham,  
Carregado de erva pra o gado,  
E não, pardiola!, de chança,  
Subia o Brais da Cajiga<sup>204</sup>  
Pelo caminho que passa  
Ao lado duma camposa  
De Colasinha do Anha;  
E em-que a cabeça c'ó feixe  
Levava meio tapada,  
Alupou<sup>205</sup> por um boqueiro<sup>206</sup>  
Que nela alindava as vacas  
A roxa que ele tem louca,  
A moça que ele corteja.  
Calado seguiu ao pouso  
Pousou nele, colheu faixa  
Que no joelho já lhe ia;  
Limpou coa ponta da manga  
De suor testa e faceiras;  
E sem olhar as rapazas,

---

<sup>203</sup> E mais não lhe digo: romance rusticano em oitossílabos assoantes em –a nos versos pares, em que se contam cenas dos amores rurais entre Nicolasa e Brais, com detalhe de costumes. Original: *non llo digo*.

<sup>204</sup> Brais da Cajiga: nome próprio rústico, composto por nome de pia (Bras) e da casa ou família (Cajiga)

<sup>205</sup> Alupou: veu com lupa, olhou, veu às furtadelas.

<sup>206</sup> Boqueiro: entrada em costa a uma leira ou campo.





Pôr este ano na palha?  
-Também é certo. Adeus, logo!  
-Adeus, logo...! já que marchas!

## II

Em Argomoso<sup>210</sup>, e no Castro,  
Uma casinha há bem branca,  
Mesmo a rés de um caboço<sup>211</sup>,  
E duma velha cabana,  
Que dá ao campo da igreja,  
À d´reita segundo baixam.  
Noutra, que a banda de riba  
Dela um pouquichinho quadra,  
Que uns loureiros romãos  
Dos vendavais a amparam,  
Vive a do Pito, Farruca<sup>212</sup>,  
Que é pra os vizinhos avara,  
Que até ronhando<sup>213</sup>, diz, foi,  
Buscar a gente pra a malha  
Dos dez medeiros que tinha  
Postos em renque na aira\*.

Era de noite; n´o havia,  
Fora de um cão que ladrara,  
Nada que a calma turvasse  
No lugar que descansava.  
Mal despertas as galinhas

---

<sup>210</sup> Argomoso: aldeia ao Sul de Mondonhedeo em val profundo, onde um famoso Cura compôs vilancicos.

<sup>211</sup> Caboço: nome dialetal do cabeceiro, cabaceiro ou celeiro para guardar o cereal, com dous pés, lousado, e corpo central de madeira.

<sup>212</sup> Farruca do Pito: Francisca da família ou casa do Pito, também nomeada no poema como tia Fuca.

<sup>213</sup> Ronhando: roncando como os porcos, rosnando, murmurando em voz baixa.

De tudo não se espulgaram  
Nos varais do seu poleiro,  
Que ao pé mesminho da cama  
Tem tia Fuca, quando ela  
Sentiu como se pegadas  
Dessem fora, e, a modinho,  
Saiu à porta descalça.  
- Nunca tu chegues, berrou,  
pensaste, ora, que hei pelá-las  
sozinha como acostumo?...  
Não che\* há de ser, folgazá!  
Que o que é consinto primeiro  
Que pelar eu só as batatas,  
E não saísse eu coa minha,  
Passar este ano sem malha!  
- Senhora, não é tão tarde,  
Disse de baixo Colasa.  
- Para ti nunca é, rastoa<sup>214</sup>!  
Deus che\* defenda a cachaça<sup>215</sup>!  
Se não andasses em tramas  
Pode qua algo mais ganharas!

### III

Anoitecia. Da igreja  
Soaram ambas campanas,  
Para em rezando os devotos  
Pelos defuntos, às almas  
Lhes procurassem alívio;  
E o tal fizeram na aira\*,

---

<sup>214</sup> Rastoia: como quem leva a rasto, pouso, lenta. No original: rastrona.

<sup>215</sup> Cachaça: lentidão das pessoas tranquilas. Não significa aqui água-ardente, como no Brasil, nem colo.

Bem de pressa, para dar  
Duas ou tres pertigadas,  
E escabeçar sete molhos<sup>216</sup>  
Que às cabeceiras ficaram.  
Dadas que foram, e aginha,  
Começou a espalhada.  
Quando se fez, em gavelas  
Foram pondo aquela palha,  
Que pra o palheiro, as meninas,  
Correndo e rindo, levavam.  
A que postreira a levou,  
Como quem vai de má gana,  
Foi a mocinha de Brais,  
Quem com ancinho e escada,  
Andava dando-lhe voltas  
Pra lhe aquelar bem as águas;  
E ambos os dous se puseram  
De parola à meia fala,  
E estiveram não sei quanto...  
E nunca tanto falaram!  
Que ao precatarem-se os moços,  
De que Colasa tardava,  
Começaram já com coplas;  
E por trás de umas ramalhas,  
Foi velá-los um garoto,  
Abrindo uns olhos de quarta.  
Quando de ali a uma miguinha<sup>217</sup>  
Voltou buscar Nicolasa  
Junto dos dez malhadores  
A grã que, envolta na roupa,  
Levar devia ao caboço,

---

<sup>216</sup> Molhos: monlhos, moios, feixes de palha de trigo e antiga unidade de volume.

<sup>217</sup> Uma miguinha: um pouco.

As corinhas da sua cara  
Eram de certo mais roxas  
Que a do seu dengue de grana<sup>218</sup>,  
Que enfarinhado de pó,  
E um pouco torto, levava...  
¿Que *Xuncras*<sup>219</sup> Brais lhe diria  
Pra pôr-se tão colorada,  
Encher-lhe o dengue de arestas,  
E rebentar-lhe a amarralha  
De agulhetar o justilho  
Com que o seu seio apertava?

---

<sup>218</sup> Dengue de grana: pano de roupa que as moças levavam sobre os ombros e atado ao vão por detrás. De cor grana ou vermelho.

<sup>219</sup> Xuncras: Judas, eufem. Este poema costumista popular foi publicado em 1884 em O Tio Marcos da Portela, de Ourense.

## O SINO DA MINHA ALDEIA

Não sei que tem no badalo  
 O sino<sup>220</sup> da minha aldeia...!  
 Aquele som adorado  
 Tremulando, que semelha  
 Laio de algo que um recorda,  
 E a conhecer não se acerta.  
 Por que ferirá qual fere,  
 Quando o vento o traz e leva?  
 Por que dará como afrontas  
 E o coração nos aperta  
 Se é que de longe e entre luzes  
 E só a senti-lo um chega...?  
 Por que friagem e amargores  
 Alô dentro sempre deixa,  
 Ainda depois de morrerem  
 Os seus ecos contra a serra...?  
 Que fada lhe emprestaria  
 Virtude tão rara e meiga...?

*¿Será que Deus co-ila fale  
 Pra desperta-las concências...!  
 ¿Serán lembranzas do céu  
 O que nos fai notar ela...?*

Se as cobras, que ao som da frauta  
 Se amansam, falar soubessem,  
 A mais de quatro doutores  
 Deixavam coa boca aberta!

<sup>220</sup> Sino: No original vem *campá*. Os dous primeiros versos coincidem com a cantiga nº 143 de Cantares Galegos, 1911. Esta composição está integrada por quadras octossilábicas unidas, como o poema anterior.

## O DOLMEN DA RECADEIRA

Acima de um coto<sup>221</sup> do Val de Brea<sup>222</sup>,  
 N'um rechãozinho, que é tudo areia,  
 Sobre uns penedos um croio<sup>223</sup> há,  
 Quem, como neles finca pouquinho,  
 Se mal o olhamos desde o caminho,  
 Mesmo figura que cair vai.

Mas, se, o que tal de longe pensasse,  
 Ali subido bem reparasse,  
 Conhece logo, que, qual está,  
 Assim cem juntas de bois pusessem  
 A turrar dele não o movessem,  
 Como, diz, quis não sei quem já.

Vão muitos, muitos, junto ao tal croio,  
 Que pra o nascente faz quase alboio<sup>224</sup>,  
 Pra bem de perto podê-lo ver,  
 E vem-no, é certo, mas n'adivinham  
 Que é um daqueles que os celtas tinham  
 Pra sacrifícios de homens fazer.

E como passam homens e crenças,  
 E os menos têm conhecimentos  
 Que a aquela pedra lhe fam falar,  
 Pouquinho a pouco vão-na deixando  
 Sem os sinais que estão mostrando

<sup>221</sup> Coto: dialet. Alto, outeiro, pico. O Coto da Recadeira ou Recadeira está próximo a Mondonhedo.

<sup>222</sup> Val de Brea: Vale de Mondonhedo, vale do rio Brea. Deu também como resultado: *Vallibria* ( Cabeceira de jornal mindoniense) e *Vatíbria* ( nome oculto de seta maçónica).

<sup>223</sup> Croio: coio, pedra redonda. Neste caso é uma grande pedra granítica.

<sup>224</sup> Alboio: abrigo, alpendre, telhado.

Que, pra aquel' povo, foi um altar.

Não estivesse tão desfeitinha  
Qual já se acha certa fochinha  
Da que algo em riba ainda se vê,  
Se mais soubessem que ali esganaram  
Centos de pobres que então lidaram  
Com os que aos nossos davam co pé.

.....  
Ai!, pedra sacra pra aquela gente,  
Bem tu nos dizes caladamente  
O que coas aras de hoje farão,  
Quando lá os homens que trás nos venham  
Na estima justa e devida tenham  
Os que ordem inda de Roma dão!

## A D. CÉSAR SECO

*(Na lembrança da sua menina morta)*

Era raiola maiega<sup>225</sup>  
 Que esvaia as névoas pardas,  
 E aos avessios<sup>226</sup> mais mortos  
 Alegria dava e alma...!  
 Por isso tudo desluz  
 Onde ela adoito<sup>227</sup> folgava,  
 Desde que o Nubro<sup>228</sup> engafado  
 Pode, pra sempre, entoldá-la;  
 Por isso secas já têm  
 As doces fontes caladas  
 Do consolo, os que em seus olhos  
 Noite e dia se espelhavam<sup>229</sup>...  
 Os que finar-se se sentem  
 De não ouvir sua baralha<sup>230</sup>,  
 Nem apajar<sup>231</sup> suas mãozinhas,  
 Nem lhas masmir<sup>232</sup> a chuchar-lhas!

<sup>225</sup> Raiola maiega: raio de sol entre nuvens no mês de maio. Poema assinado por Manuel Leiras o 2 de janeiro de 1911, dedicado à menina Elvirinha Gonçalves-Seco Seoane, filha de D. César

<sup>226</sup> Avessios: lugares escuros e húmidos.

<sup>227</sup> Adoito folgava: acostumava folgar, frequentemente jogava.

<sup>228</sup> Nubro: espírito maligno das montanhas, nuveiro.

<sup>229</sup> Espelhavam: viam refletidos no expelho dos seus olhos.

<sup>230</sup> Baralha: barulho, fala, bulha. Noutro original figura *barcalha*, que significaria berço de criança.

<sup>231</sup> Apajar: apalpar com pequenos golpes, agarimar, acariciar.

<sup>232</sup> Masmir: dialetalismo Mindoniense: murchar, consumir, amassar.



## DIANTE A CASA DE....

Por algo por fora és moura,  
 E ainda mais moura por dentro;  
 Por algo a tua mocha<sup>233</sup> torre  
 Quere falar de outros tempos  
 Em que os paços dos fidalgos  
 Davam nojo e punham medo!  
 Ai! se uma onda aventoada  
 Che\* varresse os alicerces  
 Quando os monstros dos teus donos  
 A fazer mal aprenderam!  
 Outra, e bem outra seria  
 A triste vida de feros  
 Dos que embaucados aí viste  
 E de aí saíram gemendo  
 Pra levarem até a morte  
 C' o pesar, tradeado o peito!  
 Não sei como ainda hoje duras!  
 Há que apalpar-se pra crê-lo!  
 Bem dizem que nesta banda  
 Somos os homens carneiros!  
 Que se não...depois que o lume  
 Cumprisse o seu por inteiro,  
 Andariam as tuas pedras  
 Correndo a todos os ventos...!

---

<sup>233</sup> Mocha: sem remate, sem cabeça, baixa. Diante da casa de Leiras, na rua que hoje leva o seu nome no seu Mondonhede natal, onde há uma praça com uma estátua do poeta, ainda há uma casa senhorial de certo opressor que protagoniza o romance *A besta*, 1899, de Xam de Masma ( Delgado Luaces).

56  
FÁBULA

Posto num pau duma sebe,  
Querendo-a botar de pincho<sup>234</sup>,  
Feito gorjas quanto pode,  
Quiquiriqui, disse um pito<sup>235</sup>;  
E ficou lá tão runflante  
Como um gajo cheio de vinho.  
Mas, baixava ali um raposo  
Rasante por entre um trigo  
Do lado, e ao ver-lhe os fumes  
E a gordém<sup>236</sup> ..., lambeu o bico<sup>237</sup>,  
Contando já com almoço,  
E achegou-se-lhe, e de um brinco  
Pilhou-no... e trás de um valado  
Foi, à carreira, comê-lo,  
Desde que ao gosto, c'os dentes,  
O acariciou amantinho...!  
Não bote ninguém por ela<sup>238</sup>,  
E menos sendo cativo;  
Que, ao melhor, sai um Peruxo<sup>239</sup>,  
Que há sempre algum agachado  
E ensina os cairos<sup>240</sup>, e co' eles  
Apaja-lhe a um o pescoço;  
E adeus canto e adeus fumes,  
E igual que este, adeus galo!!!

---

<sup>234</sup> Botar de pincho: fanfarrear, dar-se de valente.

<sup>235</sup> Pito: pinto, frango, galo.

<sup>236</sup> Gordém: gordura, graxa.

<sup>237</sup> Bico: normalmente referido às aves. Aqui : focinho.

<sup>238</sup> Não presumo, não fanfarreie.

<sup>239</sup> Peruxo: Perucho, Perico, nome eufemístico do raposo, também conhecido na zona como *golpe*.

<sup>240</sup> Cairos: dentes cairos, colmillos.

## A PASQUAL VEIGA

Já Galiza não é gibardal<sup>241</sup> bravo;  
 Nem lameiro mofado pela névoa;  
 Já não é conto de quatro o que se diga  
 Se recendem, e prazem sob costeiras;  
 Já por fora, por longe que se vaia,  
 Sabem quanto os galegos na alma levam  
 De humilde bondade, e de ternura,  
 De alento e de grandeza...!  
 Que um menino da Paula<sup>242</sup>, um demonete<sup>243</sup>  
 Com mola afervoante na sua testa,  
 E um coração ardente,  
 Tamanho como os cotos de Tronceda<sup>244</sup>,  
 Abriu todos os olhos, que ver podem  
 E fez já calar essas más línguas!  
 E fez...com só pôr-se direito,  
 E, cara pra Castela,  
 Dar ao vento, maininha<sup>245</sup>, uma *alvorada*,  
 Das que ele repenica em arte meiga!  
 Porque o tal canto seu levava o sugo,  
 E os ulidos das violas e as amentas<sup>246</sup>  
 Pilhados ao passar traspondo as lombas,  
 E os saudosos rechãos das nossas serras!  
 Porque o arrollo das suas mãos caidinhas  
 Tinha o *aqueste* da doce bris´mareira,  
 Quando veio roxo o sol, botando lumes,

<sup>241</sup> Gibardal: lugar onde há gibardas, plantas bravas com espinhas na ponta das folhas muito verdes.

<sup>242</sup> Da Paula: de Mondonhede. A Paula é o nome popular de um sino da Catedral de Mondonhede.

<sup>243</sup> Demonete: diabrete, demónio pequeno, menino travesso.

<sup>244</sup> Cotos de Tronceda: picoutos, montes altos próximos a Mondonhede, em Tronceda.

<sup>245</sup> Maininha: calmada, suave.

<sup>246</sup> Amentas: plantas com olor a menta, chamadas infantas. Violas está referido a violetas.

E algumas nuvens brancas no á peneiram!  
 Porque era misturança dos at rújos  
 Dos galos, de trouleio, pela aldeia,  
 Com acres e atafegos por que passam  
 Os doridos de amor que não se queixam,  
 E, calados, da alma as mágoas cobrem,  
 E caladinhos morrem, se se terça!  
 Porque iam suas branduras ensinando  
 Que esta banda galana é sempre aberta,  
 E sempre agarimosa, e sempre nobre,  
 E sempre dadiveira,  
 Ainda pras alburgonas das guripas<sup>247</sup>  
 Que a ultrajaram, roídas pela Inveja...!  
 iQue só assim se sente o que ela canta,  
 E só assim se canta como ela!!!

Bem pode Mondonhedo<sup>248</sup> desde agora,  
 Em-que vista farrapos, ter fachenda\*,  
 E sem se engurrinhar, a os que chegam  
 Abrir em par as portas, pra que o vejam!  
 Que, se paços não tem, nem tem alfaias,  
 Nem nada do seu velho glórias lembra,  
 Avondam-lhe pra honrar-se e pra que o honrem,  
 A *casinha* onde emburulharam a *Veiga*<sup>249</sup>,  
 A *fontinha* onde mais cantam as moças,  
 E onde ele as escutava: a *Fonte Velha*,  
 E o *campinho florido* onde os seus ossos  
 Da pátria aguardam a *cumprida of'renda*!

<sup>247</sup> Alburgonas das guripas: mentireiras das fomentas. É um insulto arcaico.

<sup>248</sup> Mondonhedo: No original escreve *Mondoñedo*, como outrás vezes. Este verso dá título a um livro ganhador do Prémio Fole de ensaio sobre a poesia.

<sup>249</sup> Veiga: Pasqual Veiga, insigne músico autor do Hino Galego e da Alvorada ( de Veiga).

Bem sabia que eu sou lume,  
E também que tu és estopa...;  
Porém tinha tantas ganas  
De dizer-che tantas cousas,  
Que, quando ali te topei  
Tão de boa cara e sozinha,  
Não tive já mais remédio  
Que me chegar, minha pomba,  
Sem atender a que o diabo,  
Pra fazer mal, nunca folga...  
Dava-no-lo o nosso sino;  
E caímos; não há volta!

## DIANTE A COVA DE PASCUAL VEIGA

Não che pete<sup>250</sup> por erguer-te,  
Que não se vê volta em nada...  
Ainda que se ouve a Alvorada,  
Ninguém chegou a entender-te...!

Como reza o “Nosso Pai”,  
Sem sentir pinta o que diz,  
Tal este povo infeliz  
Canta o teu canto, maestro!  
Porque todo ele enganado  
E atotado<sup>251</sup> está pra o grande;  
Não há quem lhe faça que ande,  
Nem quem lhe esperte o sentido!

Mondonhedo, 1º de outubro, 1912.

---

<sup>250</sup> Pete: dé, ocorra, apeteça.. Este verso foi glossado um mês depois, quando a morte de Leiras.

<sup>251</sup> Atotado: desconcertado, conturbado, impedido, açorado.

60  
E NÃO SONHEM

Raiava ainda o dia  
Quando ele já erguera,  
Ficou um pouquinho  
Catando a costela<sup>252</sup>  
Mirrada e sem cores  
Da fome e das penas;  
Bicou dous meninhos  
Que ao pé das rilheiras  
Do leito dormiam  
Num berço de vergas;  
Tirou-lhe dous galhos  
Na corte à bezerra  
Que ela só compunha  
Sua pobre fazenda;  
Pilhou o gadanho;  
Guardou na jaqueta  
De broa<sup>253</sup> duas côdeas  
Mais duras que a cerna  
E foi ao mainço<sup>254</sup>  
Sachar a uma veiga.  
Pelo ar e a cara com que ía, de fixo,  
Maldiz a sua sorte coa língua pequena<sup>255</sup>.

Botou até as doze  
Foçando na terra  
Que igual que borralha

---

<sup>252</sup> Catando a costela: olhando para a mulher.

<sup>253</sup> Broa: boroa, pão de milho.

<sup>254</sup> Mainço: mais, milho graúdo.

<sup>255</sup> Com a língua pequena: pelo baixo,, murmurando para si.

Fazia as borrecas<sup>256</sup>.  
Então, quando os sinos  
Tocaram na igreja  
Sentou um pouquinho  
Sacou as codelas,  
Comeu-nas, tumbou-se  
Não íinda o que levam  
Dous credos a um crego  
Rezando-os com pressa;  
E à sacha do milho  
Volveu toda a sera<sup>257</sup>  
Sem dar tempo a que algo  
Passasse a tosteira<sup>258</sup>,  
pelo ar e a cara que tinha, de fixo,  
maldizendo a sorte coa língua pequena.

Na casa, de noite,  
Topou as lacenas<sup>259</sup>,  
Sem pão, que o que havia,  
No almoço comeram;  
E envoltos no fume  
Da lenha mal seca  
Que ardia n'um pote  
C'um fundo de afreitas<sup>260</sup>,  
E os filhos pedindo  
Com choros a teta,  
Que, menos sorvida,  
Já farta lhes dera;

---

<sup>256</sup> Borrecas: terrão seco que se queima, cinza das bouças, batatas assadas nessa cinza quente.

<sup>257</sup> Sera: tarde, serão. Termo raro em Mondonhedo, aqui conservado pela rima.

<sup>258</sup> Tosteira: quando mais tosta ou quenta o sol, ao meio-dia.

<sup>259</sup> Lacenas: móveis das cozinhas para guardar as comidas e tarteiras.

<sup>260</sup> Afreitas: papas de aveia ou de aveia louca. Comida de pobres.



E onde eles, sentada  
Por baixo, a parenta,  
N´um braço do escano  
Fincando a cabeça  
Com as mãos cruzadas  
De riba das pernas,  
Pelo ar que a cara então tinha, de fixo,  
maldiz a sua sorte coa língua pequena.

Depois que à vaquinha  
Duas presas deu de erva,  
Cearam as papas;  
Correu as chavelhas;  
Subiu, viu os guiches<sup>261</sup>,  
Chuchou-nos na testa;  
Despiu-se; deitou-se,  
fregando as chincheiras<sup>262</sup>;  
e, trás de dar voltas  
três horas e meia,  
ficou moumeando<sup>263</sup>  
como os que trasvelam:  
Que mais ca mim bregue  
Não há boi nem besta!  
De carne e de vinho,  
No corpo não entram,  
salvo dia de Entruido,  
nem pinga nem febra!  
Calado, trabucos<sup>264</sup>,  
Rendas e oferendas

---

<sup>261</sup> Guiches: meninos, cativos, pícaros em Mondonhedo e "guajes" em Astúries.

<sup>262</sup> Chincheiras: termo dialetal mindoniense para indicar as tempas, vidalhas ou lados da fronte.

<sup>263</sup> Moumeando: rumiando, falando entre dentes.

<sup>264</sup> Trabucos: pop. Por tributos, impostos, com alusão à arma de fogo ou espécie de bacamarte.

Paguei, em-que a anada  
Pra mais não me dera!  
E quando uma ajuda  
Peço eu, se é que aperta  
Na casa algo a fome,  
Diz-me uns: paciência!  
E os mais, que não o coma,  
Nem vaia às tabernas...!  
Ai! filhos da alma,  
Que igual não vos veja!...  
Faz falta que os pobres  
Um dia se entendam!  
E assim toda a noite levou, e, jurando,  
Sentou-se duas vezes, pedindo a colmeira<sup>265</sup>!

.....  
(E enquanto se aguentem, maldizendo a sorte  
E o que este sonhava os labregos não vejam,  
Será também pra eles tormento até o sono,  
E só para o demo as venturas da terra)

---

<sup>265</sup> Colmeira: forcada, também chamada galheta; pau com duas galhas para a erva; arma agrícola.

## A LANCHÁ VELHA

Engalanada, no porto,  
 Era a da palma, a primeira,  
 E era a que avantava sempre  
 Contra os ventos e as marés,  
 Assim o ar refoleasse  
 E a mar estivesse crencha<sup>266</sup>.  
 Entre os cabos não havia  
 Lancha melhor, nem mais feita!  
 Mas passaram uns invernos  
 E levaram-lhe a beleza,  
 E ao comer-se-lhe a ferragem  
 E ao esgonçar-se-lhe as costelas  
 E ao não guardar as estopas  
 Nas juntas todas abertas,  
 Sobordaram-na; e né' estrovos<sup>267</sup>  
 Lhe deixaram; só lhe fica  
 Ir podrecendo, arrumada,  
 No areal, ao pé das penas,  
 Sem amarras e esquecida...  
 Até que uma vaga venha,  
 E a esbandalhe, e co'ela marche  
 Sabe Deus pra que ribeira...

O que valeu e não vale,  
 Como se nunca valera!

<sup>266</sup> Mar crencha: encrespada de ondas, em feminino pela rima em –a predominante. O mar no Cantábrico é masculino.

<sup>267</sup> N'estrovos: nem estrobos, nem aros de cabo para afirmar os remos ao tolete. Sobordar é desfazer.

## UMA FESTA COMO HÁ MUITAS

De Mondonhede a uma légua,  
Não curta, por mais que digam,  
à esquerda daquela estrada  
Por que se vai a Castela,  
Num monte que há, bem contente  
Que só dá tojos e silvas  
Queirogas e algumas giestas,  
Numa esvencelhada<sup>268</sup> ermida,  
Um crego, que mal lhe atende,  
Tem num São Cosme uma mina.  
E dela as melhores betas  
Sei que assim chovessem físgas<sup>269</sup>,  
Colhe sempre o dia do santo,  
Que ali vão quantos o pintam  
Como nenhum avogoso,  
Pra nascimentos e doas.  
Era o ano... ( não sei quantos,  
E isso que houvera sardinha,  
E rajo a feixes na praça,  
Pra levar pra encher a tripa)  
Ainda havia noite e noite;  
As taberneiras da vila  
Sabendo que, de larpeiros,  
entre os devotos, tal dia,  
não falta nunca fatado<sup>270</sup>  
mais que avondo pra que as bilhas

---

<sup>268</sup> Esvencelhada: descomposta, meio em ruínas, referido à capela do santo.

<sup>269</sup> Físgas: tridente para pescar

<sup>270</sup> Fatado: fato, rebanho, grupo abundante.

dos pelehos<sup>271</sup> nao se cerrem,  
cara aos Samordás já íam  
cos seus carretos pra armarem  
onde muito não ferisse  
o Nordés, que, afeitar pode,  
junto ao *Funcras* da capela.  
Diante eles, por um carreiro  
Que de um rego vai pra riba,  
E ao renlanço leva ao adro,  
Quatro em conversa subiam.  
Eram quatro dos que o agosto  
Fam naquela romaria.  
Eram: um cego... que alupa<sup>272</sup>  
Quanto alupe o de mais vista;  
Uma... que a ele faz de borne<sup>273</sup>  
E é das que o diabo não pilha;  
O sacristão, que aos romeiros  
Põe o santo e toma as micas<sup>274</sup>;  
E o que depois de olhar  
Saca à poja as oferendas,  
Com que os devotos regalam  
Ao crego por dizer missa.  
E digo o crego, porque eu  
Figuro-me que nem pisca  
De farangulha lhes toca  
Nem ao santo, nem à ermida,  
Que se falassem, quiçá,  
Algo mais que eu diriam.  
Desde que chegam, abriram

<sup>271</sup> Pelehos: castelanismo, de *pellejos*, para levar o vinho em peles. No original: pelexos.

<sup>272</sup> Alupa: vê com lupa, vê de longe e sem ser visto. Vê muito bem.

<sup>273</sup> Borne: de caiado, de bastão, de lazarilho de cego.

<sup>274</sup> Micas: moedas. Pôr o santo é dar benção com uma imagem pequena do santo e cobrar as moedas.

E entraram na sacristia;  
Por certo, sem tão sequer  
Ir tomar a água benta,  
Nem botar as mãos às puchas<sup>275</sup>,  
Nem esconderem as chitas<sup>276</sup>  
Que na boca, então, levavam  
Todos os quatro acendidas.  
Assim que ali se meteram,  
E o santeiro uma miguinha  
Descansou, colheu um jarro,  
E foi por água pra a pia  
Que encheu até reverquer,  
Como é mester pra que rinhas  
Não tenham os que buscá-la  
Vão cada hora pra mezinhas<sup>277</sup>.  
Baixou depois do alçadeiro  
Do altar, o Santo, que tinha  
Duas polegadas de ronha<sup>278</sup>;  
Limpou-no de baixo a riba,  
E pô-lo nas suas andas,  
Onde a tribuna, com fitas;  
À palma que tem na mão,  
Amarrou-lhe uma seringa  
De cera, que uma romeira  
Levara a véspera ainda,  
Porque não sei que curara  
Com sua água em lavativas<sup>279</sup>,

---

<sup>275</sup> Puchas: dialet. Por chapéus ou mais bem gorras ou bonés.

<sup>276</sup> Chitas: parte final do cigarro de tabaco liado.

<sup>277</sup> Mezinhas: preparados caseiros para a saúde, remédios. Diferente de medicinas. No original: *man-ciñas*.

<sup>278</sup> Ronha: costra suja, lixo.

<sup>279</sup> Lavativas: usadas para purgar o organismo por via retal. Portanto, em sentido irónico, escatológico..

Junto às nádegas, que ardendo  
Tivera desde que fora  
Correndo uma vez da casa,  
Quente de enfiar, pra a missa;  
E diante, ao uso<sup>280</sup>, plantou-lhe,  
De candeias de oito em libra,  
Umhos<sup>281</sup> dez ou doze cabos  
Que, por entre o ano, havia,  
No caixão onde os ornatos,  
aguardente e hóstias tinham.  
Quando o Santo habilitou,  
de um garavelo de brimbas<sup>282</sup>,  
qu'ele levou, foi sacando  
romeu, lesta e rainha Luísa;  
e deles pondo raminhos  
foi pelo pé e a cornija<sup>283</sup>  
do retábulo, em buratos  
que feitos tinha a polilha<sup>284</sup>.  
Estrou o demais por baixo  
Desde o altar até a pia;  
Logo que estrou, bem estrado,  
Pôs-lhe azeite à torcida  
da lâmpada que há mais moura  
que a caldeira menos limpa,  
e, fregando as mãos, voltou-se  
junto aos demais da quadrilha,  
renegando da limpeza  
que lhe dera sempre birra.  
- Pois não devera, assim medre!

<sup>280</sup> Ao uso: não achamos significado para a palavra "alusos" que aparece no original.

<sup>281</sup> Umhos: dialet. Mind. Por uns. Exigências métricas.

<sup>282</sup> Garavelo de brimbas: cesto ou paxe feito de vimes

<sup>283</sup> Cornija: pare superior da parede. Aqui ornato do retábulo do altar da ermida.

<sup>284</sup> Polilla: cast. Polela, traça, caruncho

Tendo o crego desta chirla<sup>285</sup>.  
 Saltou o cego sacando  
 Da gaveta onde ele a vira  
 A garrafa da água-ardente.  
 - E leve o demo, se uli-la  
 Não soubeste?  
     - Não que logo...  
 E mais sem prova devias  
 Ficar, já que a guardavas  
 Sem dar sequer uma chisca<sup>286</sup>...  
 - Abofelhas<sup>287</sup>!  
     - Abofelhas!  
 - Bom irás tu, se é que há pinga!  
 E o garrafão lhe agarrou;  
 E viu, ledó, que ainda tinha;  
 E botou por ele um grolo,  
 E espirrou, e junto à pícara\*  
 Com certo *aquel* foi sentar-se;  
 E entre gotos<sup>288</sup>, e entre risos,  
 E falando do que a festa  
 Por não chover, prometia,  
 Passaram o tempo mentres  
 Os cregos chegando no íam.

## II

Quando as primeiras raiolas  
 Por trás o Fiouco<sup>289</sup> alumavam,

<sup>285</sup> Chirla: líquido insípido, aqui eufemisticamente referido ao bagaço ou cachaça.

<sup>286</sup> Chisca: um chisco, um pouco de algo.

<sup>287</sup> Abofelhas: dialetal. Por abofé, a fe minha, seguramente.

<sup>288</sup> Gotos: literalmente pingos, grolos, tragos.

<sup>289</sup> Fiouco: monte que se vê desde o Alto da Gesta pelo nascente. O Cristo do Fiouco está na estrada entre Lindim e Riotorto.



Ao pé de um muro que cerra  
Ainda a ermida, e mais tem pandas<sup>290</sup>  
Desde há anos, já as tendas  
As taberneiras armaram,  
Com carros e com ladrairos<sup>291</sup>,  
Com casqueiros<sup>292</sup> e palancas,  
E no adro, n'um recuncho<sup>293</sup>,  
Numa mesa, que a toalha  
Compridamente cubria,  
De roscas, garnacha e canha<sup>294</sup>,  
Duas raparigas xarelas<sup>295</sup>  
Puseram tal abundância,  
Que arrumavam pouco menos  
Que uma meda das da Chaira.  
Aquilo sim que era cheia!  
Quase já turvação dava!  
E digo: que pra comer,  
Não sendo de erva ou de palha  
Pras bestas, o que é pra gente,  
Nunca tal vi nem sonhara.  
Reparastes nas pedreiras,  
como a pedra, de arrancada,  
Põem em montões, pra que logo,  
Seja doado carregá-la?  
Pois igualinho se viam  
De bom pantrigo as fogaças,  
Onde não por entre os pés,

---

<sup>290</sup> Pandas: faltas nas pedras, enfundadas, afundidas.

<sup>291</sup> Ladrairos: tábuas laterais dos carros tirados por animais.

<sup>292</sup> Casqueiros: anacos de madeira com cortiça, o que sobra de serrar a madeira em tábuas.

<sup>293</sup> Recuncho: recanto, lugar apartado e pequeno.

<sup>294</sup> Garnacha e canha: vinho de baixa qualidade e rom feito de cana de açúcar, bebidas correntes então.

<sup>295</sup> Xarelas: brutas, foscas, mal arrançadas.

Pode-se dizer que estradas.  
De lacões, como alguns santos,  
Respeitosos pelas barbas;  
De chouriços, que bandulhos  
Pelo gordos semelhavam;  
De empanadas<sup>296</sup>, peixe e trutas  
E queijos desses que chamam  
Pelo tinto..., era um milagre  
De cestas o que levaram.  
E de vinho, ou, melhor dito,  
Da mistura cacholana<sup>297</sup>,  
Que por tal todas vendiam...?  
Sei que aventuro que de água,  
Todos os bois da paróquia,  
num par de meses de grada<sup>298</sup>,  
não beberam os peelhos\*  
que ali o tráfego esperavam.  
Tinham o menos dez dúzias  
Arrimadinhos às tábuas.

### III

Pouco depois de amanharem  
Seu tratinho as taberneiras,  
numa égua de seis palmos  
e seis pol'gadas e meia,  
na capa envoltos entrambos,  
chegaram junto das tendas  
o crego e mais a sobrinha,

---

<sup>296</sup> Empanadas: empadas, pastéis de massa com recheio de carne ou peixe.

<sup>297</sup> Mistura cacholana: vinho ruim e misturado, que se sobe à cachola ou cabeça. É nome despetivo.

<sup>298</sup> Grada: trabalho duro de lavrança que se faz com a grade, ranhando a terra.

que era bonita e quinzena<sup>299</sup>.  
Apeou-se ele, e ajudou  
A baixar-se à companheira;  
Deu-lhe um berro ao sacristão  
Pra que arrecadasse a besta;  
Botou-lhes quatro fungadas  
Às que no adro puseram,  
por lhe cangarem o sítio  
onde pojam oferendas;  
e colheu pra a sacristia,  
olhando de passo a igreja,  
Na que só viu que faltava  
Diante do santo a bandeja.  
Dentro já, quitou a espora,  
Sacou cigarro e mais mecha  
Deu ao isqueiro, fez do lume,  
E acendeu; disse a maneira,  
E o recanto onde queria  
Lhe ponham o que caísse;  
E ali esteve dando voltas,  
E uma vez e outra a cabeça  
Por trás a porta assomando,  
Quando chincar as cadelas<sup>300</sup>  
Junto ao Santo não sentia,  
Até que a ermida viu cheia,  
Que saiu pra diante o altar  
A dispor bem a colheita,  
Pra missa, que ele diz sempre  
Pela intenção dos que ofírendam.  
Que boa foi; pois no acabou

---

<sup>299</sup> Quinzena: de quinze meses aplicado a animais. Aqui de quinze anos, adolescente. Note-se a ironia.

<sup>300</sup> Cadelas: referido a moedas de pouco valor, por influencia dos cast. "*perras chicas*".

Bem as palavras primeiras,  
E aquilo já nó' era ermida  
Senão um campo de feira,  
Onde havia lutas, e pulos,  
E juramentos, e apertas,  
Pra de mão em mão passarem  
Por em riba das cabeças  
Sacos com favas e grã,  
Cuncos com mel e manteiga,  
Cestos com frangos e ovos,  
E lá em guedelhas e cerda ;  
E até pra não faltar nada,  
Leitões, castrões e ovelhas,  
Puseram na sacristia,  
Tal como o crego dissera,  
Antes que ele e a companha  
Que entrar por detrás tiveram,  
Se amanhassem, pra saírem  
Dizer a missa da festa.

#### IV

Feita a função, que saiu  
Como outra não recordamos,  
Pois não faltou nem requinto  
Com tambor pra quando alçaram;  
E houve sermão de dous pesos<sup>301</sup>;  
E queimou-se incenso largo  
Que, por certo, consolou-nos,  
Com estar meio apagado,  
Esvaindo outro que havia,

---

<sup>301</sup> Peso: unidade monetária espanhola equivalente a cinco pesetas.



e trás dela cinco bácaros\*;  
e depois todo o demais,  
Que deu o demo de notas.  
Assim que as guardaram, mesmo,  
Fora a procissão sacaram.  
Saiu primeiro um rapaz,  
De foguetes, cum braçado;  
Quase em par dele, o mordomo,  
Com mecha pra os ir tirando,  
E o do tambor e o gaiteiro,  
Que ía tocando um fandango;  
Enseguida, co' o pendão,  
Um filho do fabricário;  
Logo o da cruz, e uma moça  
Muito bela com o ramo,  
Que tinha roscas tamanhas  
Como uma roda dum carro,  
E isso que eram das de Meira<sup>307</sup>,  
Feitas co açúcar mais branco;  
E detrás das oferendas,  
Com suas candeias ardendo,  
Meu São Cosminho glorioso,  
Cheio de fitas e ramos,  
E os bazunchos<sup>308</sup> dos três cregos,  
Cantando muito entoados  
Seus cantos, que tanto encantam...  
Mentres os sinos picando,  
E os foguetes que atroavam  
Qual cem batões<sup>309</sup> ou cem maços.

---

<sup>307</sup> Roscas de Meira: famosos doces desta vila da Montanha lucense, que colgavam do ramo.

<sup>308</sup> Bazuncho: gordo, barrigudo, referido aos curas por comelhões. Note-se sempre a ironia irrespeitosa.

<sup>309</sup> Batões: máquinas de moinho com maços para bater a roupa, que produzem muito ruído.

## V

Alô pela meia tarde,  
 Dê-s-que um bocado e uns grolos  
 Tomara a gente, aos abrigos  
 Dos cerrumes e dos tojos;  
 Quando, tecleando os cegos  
 Nas sanfonas, trás dos codos<sup>310</sup>  
 Andavam pelas merendas  
 Em que husmavam cesto e boto<sup>311</sup>,  
 Pouquinho a pouco os rapazes  
 Deram em colher pra o corro,  
 Onde bailavam, que estava  
 Qual não se vira há muito;  
 Pois, em-que todas as boas  
 Se houvessem posto de acordo,  
 Não foram mais nem melhores  
 Nem na Paula, nem do Corno,  
 Nem de Lindim, nem de Masma,  
 Nem das Goás, nem de Montouto.  
 Vaia umas moças aquelas,  
 maiormente as de Argomoso<sup>312</sup>!  
 Andava uma na baila  
 Dançando c'um peilamoco<sup>313</sup>,  
 Com pano de lã marelo,  
 Por riba com arte posto  
 Pra que pudesse luzir-se  
 Na testa o cabelo um pouco,

<sup>310</sup> Codos: côdeas de pão com que cobravam esmola e os obsequiava a gente.

<sup>311</sup> Boto: bota de vinho feita de pele. O cesto, com comida abundante.

<sup>312</sup> Argomoso: Lugar próximo a Mondonhede, no caminho da festa do São Cosme. O poeta amostrou esta preferência em vários poemas. Os outros lugares ou são da Montanha ( Goás, Montouto) ou próximos a Mondonhede ( O Corno, Lindim, Masma)

<sup>313</sup> Peilamoco: pop. Pailaroco, moço rústico e bruto.

Com o seu dengue de grana  
Bem caído e bem redondo,  
Com saia capada e curta,  
Com mandil de chilões<sup>314</sup> roxos,  
E umas meias ajustadas  
E uns sapatinhos de couro...  
Que, sem mentir, parecia,  
Sobretudo pelos olhos,  
Nem assustados nem musgos,  
Muito rasgados e mouros  
E a boca doce e fresquinha,  
E o colo que nem ao torno,  
Com outras cousas bem feitas,  
Que por criança não digo,  
Uma galega, galega,  
Das que pinta Alfredo Souto<sup>315</sup>,  
Que são galegas que falam  
Muito à alma e muito ao corpo.  
Estava baril<sup>316</sup> ao d´reito!  
De arriba abaixo, recoiro<sup>317</sup>!...  
No ´era milagre que ao rabo  
Levasse um fato de moços,  
Nem tambem não que entre luzes  
Toleassem<sup>318</sup> até os mais cordos;  
E que, por dar ou não dar  
Com ela voltas no corro,  
Depois de rosnarem baixo,

---

<sup>314</sup> Chilões: Chilom é segundo o Dicionário Electrónico Estraviz (Pglingua.org), aquela faixa com que se adornam os refaixos de cor diferente.

<sup>315</sup> Souto: Alfredo Souto, pintor de costumes galegos e belas moças do país. O anterior corresponde à descrição pormenorizada do cânone de beleza da mulher, manifestada também noutros textos do poeta.

<sup>316</sup> Baril: muito boa, fantástica, ótima. *Baril ao direito* é expressão feita, aqui sincopada.

<sup>317</sup> Recoiro: eufem. Possivelmente para evitar outra exclamação mais forte.

<sup>318</sup> Toleassem: enlouquecessem, tornassem loucos de amor ou desejo.



Se fitassem, e cos mocos  
Dessem as razões, e houvesse  
Croques às cheias pra muitos;  
Até que quatro ou seis deles,  
Mais mancados<sup>319</sup> ou mais frouxos,  
Se queixaram, e os “civiles”<sup>320</sup>  
Se percataram do conto,  
Que mataram<sup>321</sup> de contado  
Prendendo a uns... pelos outros,  
Que, mais cucos<sup>322</sup>, já pra a casa,  
Voltavam sãos e inchados,  
At´rujando, os sem parelha,  
E os demais como o raposo,  
Quando por trás dos palheiros,  
Anda fazendo o seu choio<sup>323</sup>.

---

<sup>319</sup> Mancados: lastimados nas mãos, em geral : feridos.

<sup>320</sup> Civiles: nome popular da Guarda civil. Aqui seriam os guardas civis, então única polícia rural.

<sup>321</sup> Mataram: puseram fim, remataram.

<sup>322</sup> Cucos: vivos, espertos, listos, como o cuco, pássaro que não se deixa ver, só ouvir cantar.

<sup>323</sup> Choio: popular: ( assunto feio, pouco honorável, trabalho fácil, no caso do raposo, roubar).

63  
JÁ COMEÇA

N´um ledão recantinho floreado,  
Batido pelas ondas de um mar fero  
O povo de virtudes mais colmado,  
O meu, que tanto eu quero!  
Geme triste, faminto e esfarrapado!  
E geme, porque nunca pra ele olharam,  
Nem sequer os que ergueu, dê-que subiram,  
Não sendo quando os filhos lhe pediram,  
Ou ouro precisaram;  
Ou se algum estrangeiro,  
Dos que arredor de nós sempre observaram  
Quis, louco!, pôr-nos cabeceiro...<sup>324</sup>  
E então, para ele, voltaram as olhadas,  
Conhecendo o que val´ pras arrufadas;  
Porque já dê-que a Aníbal, alô em Trévia,  
Lhe deram a vitória  
Os moços da que logo foi Suévia,  
E dê-que Wellington, alô em Lesaca,  
Cubriu de eterna glória,  
A nossa divisão, despida e fraca,  
Sabido é que, se em bem parece calma,  
prà guerra teve sempre sobra de alma...  
Mas, não muitas serão as fadas más,  
Que te façam laiar, minha terrinha;  
Pois começa a sentir-se a refoladas<sup>325</sup>  
Uma doce brisinha  
Que consola as alminhas magoadas,  
De aquilo que na testa lhe bulia

<sup>324</sup> Pôr cabeceiro: pôr as rendas que se lhes põem aos cavalos na cabeça, para levá-los mansos.

<sup>325</sup> Refoladas: ráfegas ou lufadas de vento

Ao nobre marechal Pardo de Cela,  
Da liberdade mártir, quando via  
Triunfantes os da força e da cuitela,  
Ficou muita semente  
Que vai pouquinho a pouco ressurgindo;  
E em-que o povo geme ainda tristemente,  
Já quase vem abrindo  
O dia da Justiça, em que hão livrá-lo  
Dos que o alouminham só para sangrá-lo!

## OS PICARINHOS DE UM POBRE

Co seu carrinho de nabo,  
 Diante da triste cabana,  
 Os picarinhos<sup>326</sup> de um pobre  
 Correm, saltam e algareiam.  
 Não sei que me dá ao vê-los,  
 Pensando no que os espera  
 Logo que, algo mais medrados,  
 Meio entendimento tenham!  
 Não sei que me dá que naide<sup>327</sup>  
 As suas alminhas singelas  
 Com amor o Bem adote,  
 Pra que o Bem, bem nelas prenda!

.....  
 Deus lhes valha, ou os recolha,  
 Se hão ver ao lobo as orelhas!

<sup>326</sup> Picarinhos: dialet. : meninos, meninos, crianças.

<sup>327</sup> Naide: castelanismo e dialetalismo.: ninguém.

## A MENINA LOUCA

Quise-a levar da mão,  
Pra que passasse a congosta  
Dos quinze anos sem tropeço,  
nem em lameiras nem voltas;  
e ela ficou...calada,  
sem deixar, nem botar fora.  
Porfiei eu, reparando  
Que estava como uma toupa,  
E assim sem ver, onde queira,  
Torce mal um ou se entoca  
E então...já fugiu a brincos,  
Rindo-se feita uma louca,  
Corre aqui, corre acolá,  
Levada de apanhar rosas,  
Que entre as silvas das beiras  
Roubavam-lhe a atenção toda...  
Não havia um ano, ainda,  
Quando a topei, minha joia!  
Só lhe ficavam os olhos,  
Pra botar olhadas mortas,  
Que chegavam até a alma  
Entulhando-a de congoxas!...  
Tal falavam das dores e amarguras  
Daquele anjo de Deus, coas asas rotas!!!

66  
JUDEU!

Marmelando coas gengivas<sup>328</sup>  
Da bola n'um grande anaco;  
Com a jaqueta nos ombros,  
E com a xostra sob braço;  
Pela portada da bouça  
Saiu da casa Santiago,  
O que a Gimil, pra casar  
Foi pela filha do Branco.  
Escorrentou as galinhas,  
Que veu estar escalando  
De cebolinho nos sucos,  
Que, qual deviam, tapados  
Não estavam; foi onde eles;  
Tapou-nos; saltou uns bargos<sup>329</sup>,  
E tomou por contra o rego  
Que baixa linda, lindando  
C'um leiruco onde ele chufa  
Que colhe sempre bons nabos.  
Dês-que passou um cancelo  
Que quadra junto a uns canhos<sup>330</sup>,  
Seguiu pela carrilheira  
Que arredor vai de uns prados,  
E torceu pra um casario,  
Que um cabanão sem lousado  
E um forno sem beiril tem  
No Pomarinho de abaixo.  
Ao pé da porta, sentada,

<sup>328</sup> Gengivas: pop. : engivas, por gengivas. Marmelando é mastigando, ainda que marmelo é um fruto.

<sup>329</sup> Bargs: lousas ou lajes de pedra que fazem de parede quando são postas em vertical.

<sup>330</sup> Canhos: restos de palha depois de malhada.

Pondo um remendo num pano,  
 Topou com a comadrinha  
 Que ele ia então buscando,  
 E a conversar entre os dous  
 Deste modo começaram:  
 -Bom dia, ai! tia Lourença.  
 - Santo e bom, tio Santiago.  
 -E como rege esta gente?  
 - Graças a Deus, vai andando.  
 Pela casa...e a comadre?  
 - Nem por isso; que esse flato,  
 Que lhe arrimou aos quadris,  
 Tem-na, que nem um arame,  
 - Valha-lhe Deus! Que também  
 A pobre tem bons trabalhos  
 Agora sobre os seus dias!...  
 E el os tormentos são manhos<sup>331</sup>?  
 - Se são manhos!...houve vez  
 Que, não podendo abafá-los,  
 Me pediu chorando, a berros,  
 Que, pela Virgem do Carmo<sup>332</sup>,  
 Lhe escachiçasse a cabeça  
 Pra n'ó-estar mais aguantando;  
 E quando a tal chegou ela...  
 Vaia que, juro a deus Baco!...-  
 - Devia ter bons afrontos<sup>333</sup>!...  
 - Nem os cadelos, caráfio<sup>334</sup>!  
 O que ela passa sofreram  
 Sem adoecerem<sup>335</sup>. E é pasmo,

<sup>331</sup> Manhos: tamanhos, muito grandes. Manhos, de magnos. O pronome el, impessoal, é dialetalismo.

<sup>332</sup> Virgen do Carmo: rel. Crença popular. No original está *Virxe do Carmio*, pouco frequente.

<sup>333</sup> Afrontos: mal-estar físico, fadiga. No original escreve : *afritos*, palavra hoje desconhecida.

<sup>334</sup> Caráfio: eufem. Por caralho!, como expressão. Também se usa "caracho".

<sup>335</sup> Adoecer: voltar doente, e aplicado ao cães, ter a doença da raiva.

Que tendo já tanto tempo  
Como ela tem, não tomando  
Mais que bem pouca farinha,  
E de vinho algum papado<sup>336</sup>,  
Se aguante forte do trovo<sup>337</sup>,  
Qual se tivesse vinte anos.  
- Pois deviam de of´recê-la  
Com uma missa ao São Câmpio.  
- Puparralha <sup>338</sup>!...Já lhe foi  
Ao São Cristovo este ano...  
- E não lhe deu bom alívio?  
- Que alívio, nem que raio!  
Se ao cirurgião ela fora  
Qual eu cada hora lhe mando...  
- Não diga isso, compadre,  
- Bom logo; pois se o jato,  
Ou os rapazes lhe enfermam  
Descuide-se em mezinhá-los  
Fiada nessas farfalhas,  
E já verá o resultado.  
- Já o vimos entre os vizinhos;  
Pois, deles há três ou quatro  
Que nunca bem se limpam  
De tumores<sup>339</sup> se ao São Câmpio  
Não se of´recessen, e foram  
De caminho que pra os banhos  
Iam a Foz<sup>340</sup>...

---

<sup>336</sup> Papado: encher os papos ou façulas com um groló de líquido.

<sup>337</sup> Trovo: significa colmeia de abelhas, mas aqui está referido à caixa do peito ou ao coração e pulmões.

<sup>338</sup> Puparralha!: expressão ainda hoje utilizada pela gente de certa idade, que significa: parvadas, paparruchadas, bobagens, palavras que não servem para nada, cousas de sandeu...

<sup>339</sup> Tumores: furúnculos supurantes. No original vem: *pánxemas*.

<sup>340</sup> Foz: vila de pescadores com a famosa praia da Rapadoira, onde iam aos banhos as gentes de Mondonhedo e da Montanha pelo mês de setembro como terapéutica. Eram as "carolos".



- Ai!, canté!<sup>341</sup>

Pois não os curou o santo!

- E logo quem foi, judeu?

- Foi-lhe um sangrador de gado

Que lhes mandou ir ao mar,

Quando dele aconselharam,

Um dia que a comprar linho

Foram à feira de Castro.

- Por que, então, se ofereceram?

Por que a Fazouro<sup>342</sup> descalços

Foram, logo?

- Por ser burros

E pensar que pode um santo

Governar quanto lhe peçam;

E que, qual fão os godalhos<sup>343</sup>,

Ao direito serve só,

E mais aginha aos que cartos<sup>344</sup>

Lhe deem...

- Ai! compadrinho,

Não diga que é batizado!

- Pois eu fui-lho; mas eu fui

Fabriqueiro mais de um ano,

E daquela, os mesmos cregos

Pensar assim me ensinaram

Co' o que eles dizem ao ver

As oferendas do santo,

---

<sup>341</sup> Canté!: expressão de desejo, o mesmo que "quanto há que esperava isso", já o dizia eu, aí está!...

<sup>342</sup> Fazouro: (Foz do rio Douro), paróquia do concelho de Foz, na costa, onde se celebra o São Câmpio.

<sup>343</sup> Godalhos: bode, macho cabrio em cio, homem desonesto, mas também aguazil ou empregado da justiça que cobra os tributos, que é o que significa aqui. Noutra ocasião dizia: Veio o godalho e levou-me/ quanta grã tinha na casa. ( Cantiga nº 57 )

<sup>344</sup> Cartos: notas, dinheiro. Não tem adaptação a quartos e conserva-se por ser palavra viva e pela rima.

Que, rindo-se entre eles, chamam  
Oferendinhas do papo;  
Não são poucas, com certeza,  
As que entrar fam no seu saco  
Com séculas<sup>345</sup> que já cheiram ,  
E com continhos que calo...  
- E porquê os cala?

- Por que?

Porque não quero abatalos<sup>346</sup>  
Com você que é besta velha,  
E das que n' o-entram em passo.  
Com que, deixemos o conto.

- E que parece que saltando  
Me estão as moas ouvindo  
Desconfiar de São Câmpio,  
Como se qual os mais fosse;  
Quando sabe que um baldado<sup>347</sup>  
Houve que ali em angarilhas<sup>348</sup>  
Uns farautes<sup>349</sup> o levaram;  
E que, por só ouvir a missa  
Colhido a candeia santa,  
pelos seus pés, para casa,  
pode voltar já bem são!...

- Olhe, comadre, não vim  
Correr o caminho andado  
Pra andar com santos às voltas;  
Porque nem pisca lhos trato,  
E porque me importa mais,  
Se é que a um ajuste chegamos...

<sup>345</sup> Séculas: palavras em latim que não se entendem bem, de *sécula seculorum*. Original: *sécolas*.

<sup>346</sup> Abatalos: termo obscuro, referido a batalha, luta, e talvez desgosto, abatimento, ou discussão

<sup>347</sup> Baldado: um que se tornou inútil, tolheito, impedido fisicamente.

<sup>348</sup> Angarillas: para transportar pessoas doentes, não para resguardar louça.

<sup>349</sup> Uns farautes: uns medianeiros, uns guias intérpretes.

- Que ajuste nem que demónio  
Hei fazer c'um condenado  
( Deus mo perdoe) que fala  
Como você

- O de uns leitões  
Dos dez que lhe trouxe a porca.  
- Já os tenho meio ajustados.  
- Meio ajuste é chico preito,  
Que a nada deixa obrigado.  
- Bom, bom, mas...

- Não venha agora  
Qual em tudo com reparos;  
Se de vendê-los tem gana,  
vamos, pra vê-los, ceivá-los.  
- Vamos, logo...; mas, de dous...  
- De dous, que?

- Não me desfaço,  
Que os tem o filho escolhidos,  
E ainda penso que assinados...<sup>350</sup>

- Vaia você, tia Lourença!  
- Pois, vamos logo...

- Pois vamos.

Deixemos ir: nada sei  
Do que depois baralharam;  
Mas como ele em dous verbos  
Quere fazer sempre os tratos,  
E ao revés, ela não sabe  
Senão andar regateando,  
Creio de mim que sairiam  
Qual se tratassem de santos.

---

<sup>350</sup> Assinados: assignados, marcados, sinalados.

## BEM A ALMA MO DAVA !

Andando de ruada<sup>351</sup>,  
 Certa noite, que me há ser recordada,  
 Tal de lamas estavam os caminhos,  
 E tão pouco se via  
 Num carreiro que às tentas eu seguia,  
 Que, sem me percatar, dei numa moça,  
 Resvalou-me um dos pés, e ambos juntinhos  
 E agarrados caímos numa poça.  
 Em-que eu bem conhecesse  
 Que em nada se aquelara<sup>352</sup>,  
 Pois não se ressentira, nem sequer  
 Pelo aquel<sup>353</sup> de que sempre ser cumprido  
 Com as moças é bem, ainda caído,  
 Perguntei-lhe maininho se doera;  
 E, qual se por vergonha não falasse  
 Do que ela lhe doía,  
 Começou-se a torcer... qual torceria  
 Se um torção<sup>354</sup> de barriga lhe pegasse.  
 E então, por saber eu bem onde chegava,  
 Como quem que, parvinho,<sup>355</sup>  
 Semelhantes panjolas<sup>356</sup> não sabia,  
 Passando-lhe uma mão pelo biquinho,  
 Saltei: Vaia, Catuja<sup>357</sup>!  
 Também sei que te viu alguma bruxa,

<sup>351</sup> De ruada: às moças e de pândega pelas ruas e caminhos.

<sup>352</sup> Aquelara: atinara, arranjar. Mas aqui significa doera, lastimara ou fizera mal em "aquilo".

<sup>353</sup> Aquel: neste caso é diferente do pronome pessoal aquele, e significa motivo, razão, aquele dever.

<sup>354</sup> Torção: torcedura. Aqui significa cólica de ventre que lhes dá aos animais, aos cavalos.

<sup>355</sup> Parvinho: fazendo-se o parvo, o sandeu

<sup>356</sup> Panxolas: contos e cantos infantis, acenos falsos.

<sup>357</sup> Catuxa: nome familiar hipocorístico de Catarina.

Pra magoar-te em zoupada<sup>358</sup> tão cativa,  
Caindo sobre a charca,  
E havendo-te sustido eu pela ilharga.  
- E que mesmo ao caíres tu de riba,  
(Resposta logo ela),  
Com esse diabo de moca<sup>359</sup> aqui me deste,  
E sei que em lardo vivo me puseste.  
E se não... traz e cata...; e da mantela  
Desviando uma ponta,  
Uma mão me levou sobre uma junta...;  
E tentei-lha...; e tinha-a tão maçada,  
que estava como as papas magalhada <sup>360</sup>!  
E nunca tal fizera!  
Nem qual soube cair antes caíra;  
Que à chola<sup>361</sup> tais cousas me vieram  
Ao topar com aquilo de aquel' jeito,  
Tal latejo senti dentro do peito,  
E pavorias tais, ai! sim me deram,  
Que todas mas custou pôr-me direito;  
E juro que, se me então ali furassem,  
Nem de sangue uma pinga me sacassem.

Bem a alma mo dava! Desde aquela,  
Com o que a mim me apenou tal maçadura  
Quase pondo-me vou como uma astela,  
E da morte semelho já a figura.

---

<sup>358</sup> Zoupada: pequena pancada ou queda, sem importância, ainda que aparatosa.

<sup>359</sup> Moca: pau, vara. Aqui com segundas intenções eróticas.

<sup>360</sup> Magalhada: magullada, inchada, viscosa como as papas de centeio ou trigo. Devia ser: magoada.

<sup>361</sup> Chola: cachola, cabeça, à mente.

- Vaia, mulher, que faz falta  
 Não ter vergonha, abofelhas!<sup>362</sup>  
 Pra andar de riba pra baixo  
 Com o franchute de mécara!<sup>363</sup>  
 - Mas, minha irmã, se não posso  
 Torcer-lhe a cara, em-que queira!...  
 Olhaste bem como pinta  
 Com essa roupa que leva?  
 Tu sabes o que ele me diz  
 Com aquela meia língua?  
 - Com tudo o que tu lhe aches  
 E muito mais que tivesse,  
 Não sai de ser um demónio  
 Um ladrão, um sem consciência,  
 Dos que no lugar entraram  
 Queimando casas e medas,  
 E devias com a fouce  
 Ter-lhe segada a cabeça!...  
  
 - É-che o patrão da vapura  
 Que colhe tanta sardinha  
 - Ditoso ele se a comê-la  
 Não se afoga coas espinhas  
 - Ai, mulher, e fez-te algo  
 Pra amostrares assim birra?<sup>364</sup>

<sup>362</sup> Abofelhas!: expressão de afirmação, a fé minha, abofé, com certeza

<sup>363</sup> Franchute de mécara: eufem. Por afrancesado de merda.

<sup>364</sup> Birra: ódio, repulsa, teima.

69  
MUITOS!

Que che\* passa, pequerrecho?  
Lhe perguntei a um menino,  
Galano<sup>365</sup> como uma estrela  
Que esfameado e quase espido  
Diante duma ruim cabana  
Encontrei só e gemendo.  
E, minha joia <sup>366</sup> !Nem verbo  
Soubo dizer, mais ouviu-no  
Uma velha que husmando  
Por um mainelo<sup>367</sup> os focinhos  
Assomara mais abaixo,  
E entrometendo-se disse:  
- Que há de ter a minha alma<sup>368</sup>  
Senão fome e muito frio,  
E como ele quatro irmãos  
Sendo igual que esse cativos  
E estando sua mãe doente,  
Não tendo um sacre<sup>369</sup> os pobrinhos!  
- E seu pai?...perguntei eu.  
- Finou-se-lhes n um caminho  
De um solação que pilhara  
Vindo da sega de Pinto<sup>370</sup>.  
- Não há outra gente na casa?  
- Não senhor: havia um filho

---

<sup>365</sup> Galano: formoso, bonito. Outras vezes significa presente, regalo, joguete

<sup>366</sup> Minha joia: coitadinho, pobrinho. Expressão de lástima. Um minha-joia é um infeliz, um pobre homem.

<sup>367</sup> Mainelo: pequena janela da porta e parede ou lumieira do telhado.

<sup>368</sup> Minha alma: o menino da minha alma.

<sup>369</sup> Sacre: acre, medida de superfície e talvez monetária. Não têm nada, são muito pobres.

<sup>370</sup> Pinto: Vila próxima a Madrid. "Entre Pinto e Valdemoro", frase feita. Vinha da sega de Castela.

Que trabalhava...mas esse  
Vai na Crunha no serviço<sup>371</sup>,  
Porcerto bem contra lei  
Mas...avante!; mentres pilhos  
Governem nosso concelho  
Pagará o pobre as do rico.  
- E lavram algo?

- Lavravam,  
Que entre os amos e o ministro<sup>372</sup>  
Deixaram-nos sem lavrança,  
Sem gado e sem agarimo,  
Des´que a pagar, por não ter,  
Os pobres não acudiram.  
E ali estão nessa cabana  
Como os viu, meu senhorinho.

.....  
.....  
Quantos igual não se veem  
Desde o Eu até o Minho,  
E que poucos nisso pensam!

Por algo a velhinha disse  
Ainda assomada ao mainelo:

**- Permita Deus, qual lhe pido,  
Que não mais descanso tenham  
Reis, amos e mais ministros,  
Que o que na boca dos cães  
Acham os óssos lambidos!**

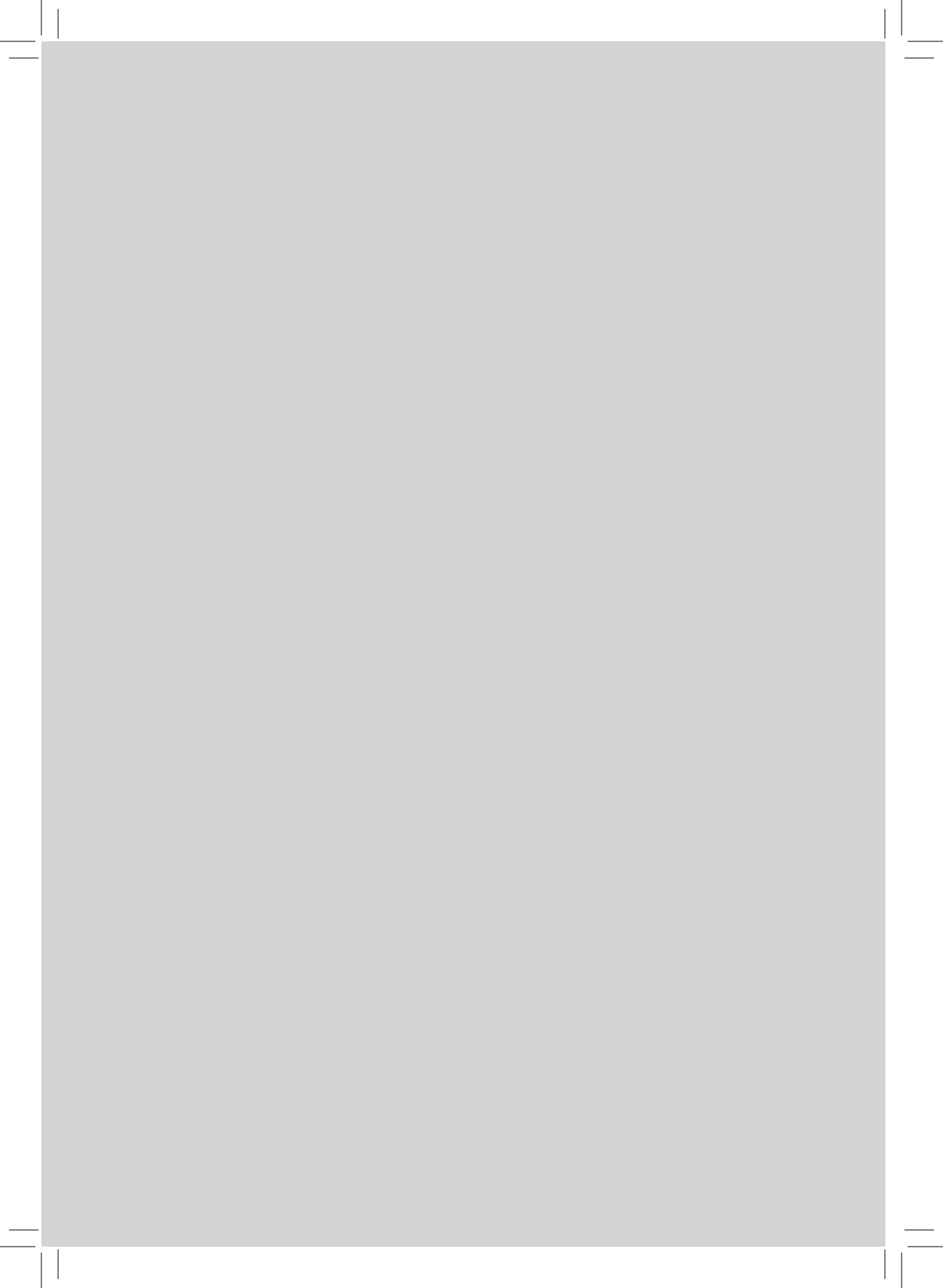


<sup>371</sup> Na Crunha no serviço: vai ao serviço militar ao rei, na Corunha.

<sup>372</sup> Ministro: não do governo do Estado, senão da cúria, eclesiástica ou judicial. O verbo pido mantém-se pela rima, devendo ser "peço".







## BIBLIOGRAFIA

### *Bibliografía de Leiras:*

LEIRAS PULPEIRO, Manuel: *Cantares Gallegos*, Imp. H. Mancebo, Mondoñedo, 1911

\_\_\_\_\_ : *Obras Completas*, Tomo I, (Poesías)., Nós, A Cruña, 1930.

\_\_\_\_\_ : *Obra Completa*, (Estudio crítico de X.L. Franco Grande), Ed. Galaxia, Vigo. 1970.

\_\_\_\_\_ : *Poesía Completa*, (Texto establecido por X. Alonso Montero), Ed Sálvora, Santiago, 1983.

\_\_\_\_\_ : *Poesía Galega Completa*, (Edición de Ramón Reimunde), ed. Sotelo Blanco, Barcelona, 1984.

\_\_\_\_\_ : "Refranes gallegos no comprendidos en la colección del señor Saco y Arce, ni en la publicada en la revista *Galicia* por el señor Valladares", *Galicia*, num. 9, 10, 12, (1893).

\_\_\_\_\_ : «Cántigas», *Almanaque gallego para 1903*, Buenos Aires.

\_\_\_\_\_ : «Cántigas». *Almanaque Gallego para 1910*. Buenos Aires.

\_\_\_\_\_ : «De Folk-lore. Cantares populares.», BRAG, N°68, 1913.

\_\_\_\_\_ : De folk-lore. Adágios populares.», BRAG, N°68, 70, 71, 72.

\_\_\_\_\_ : e TALADRID PEREIRA, Pastor. «*Apuntes para la geografía médica del distrito municipal de Mondoñedo*» Tip. H. Mancebo, Mondoñedo, 1910.

LEIRAS PULPEIRO, MANUEL: "Costumes antigos en Galiza", ed. REIMUNDE SAT, El Progreso, Lugo, 1998.

### *Bibliografía seleta sobre Leiras:*

FRANCO GRANDE, X.L.: "Estudo crítico. Língua e poesía de Leiras P." in *Obra Completa*, ed. Galaxia, Vigo, 1970.

ALONSO MONTERO, X.: "Manuel Leiras Pulpeiro : o cidadán e o poeta" in *Poesía Completa*, ed. Sálvora, Santiago, 1983

TRAPERO PARDO, X. :M. L. P. (Vida e obra. Escolma de textos) RAG.1983.

V.V.A.A.(Departamento de Filoloxia Galega): "Escolma de Leiras Pulpeiro". 1983.

REIMUNDE NORENHA, R.: "Estudo Preliminar", in *Poesía Galega Completa*, Ed. Sotelo Blanco, Barcelona, 1984.

REIMUNDE, RAMOM: "Ben pode Mondoñedo desde agora" ( A esencia popular na obra e na lingua de M. Leiras Pulpeiro), XII Premio Literario Anxel Fole, Fundación Caixa Galicia, Lugo, 1998.

### *Bibliografía consultada interesante para Leiras*

- ALONSO ESTRAVIS, Isaac: *Dicionário da Língua galega*, Ed. Sotelo Blanco, 1995.
- ALONSO MONTERO, Xesús: *Os cen mellores poemas da lingua galega*, Ed. Celta, Lugo, 1969.
- ALONSO MONTERO, Xesús: *Cantigas sociais*, Ed Castrelos, Vigo, 1968.
- BOUZA-BREY, Fermín: *Etnografía y folklore de Galicia*, ed. X. de Galicia. Vigo, 1982.
- BRAGA, Theóphilo: *Cancionero popular gallego*, tomo IX. ed. fac-sím. 1885.
- CABANILLAS, Ramón: "Antífona da cantiga", «Cancioneiro popular galego». ed. Galaxia, 3a. ed, 1976.
- CAL PARDO, Enrique ( e FERNANDEZ, J.M.): *Don Manuel Fdez de Castro*, «el Obispo Santo», in *Estudios Mindonienses*, nº6, Mondoñedo, 1990.
- CARVALLO CALERO, Ricardo: *Sobre lingua e literatura galega*, ed. Galaxia, Vigo, 1971.
- CARVALLO CALERO, Ricardo: *Historia da literatura galega contemporánea*, ed. Galaxia, 2a. ed. Vigo, 1975.
- CARVALLO CALERO, Ricardo: "Prólogo", in *Poesía Galega Completa*, op.cit. ed.Sotelo Blanco, Barcelona, 1984.
- CARRE ALDAO, Eugenio: *La literatura gallega en el siglo XIX*, ed.autor, 1903.
- COUCEIRO FREIJOMIL, Antón: *Diccionario biobibliográfico de escritores gallegos*, ed. Bibliófolos Gall, Santiago, 1952.
- DE LA FUENTE, Vicente: *História eclesiástica de España*, L.R., Barcelona. (Tomo cuarto), 1859.
- FERNANDEZ DEL RIEGO, Francisco: *Historia da literatura galega*, ed. Galaxia, Vigo, 1971.
- FREIXEIRO MATO, X.Ramón: *Da Montaña o corazón*. Lugo.(Prémio Fole 1993)
- FREIXEIRO MATO, X.Ramón: *Antonio Noriega Varela. Estudio e edición da Obra Completa* (Tese doutoral), Tomos I e II, Dep Lugo, 1994.
- V.V.A.A. : *Gran Enciclopedia Gallega*, voz "Leiras" (X.A.M.), Tomo 19, 1974.
- GUERRA DA CAL, Ernesto: *Dicionário de literatura*, Porto, 1978.
- IGLESIA ALVARIÑO, Aquilino: *A lingua dos poetas do norte de Lugo*, RAG (A Coruña), 1974.
- LENCE-SANTAR, Eduardo: *Del Obispado de Mondoñedo*, Imp..C. Seco, 1915.
- LENCE-SANTAR, Eduardo: "Biografía (inédita) de Leiras" in *Poesía Galega Completa*, ed. Sotelo Blanco, 1984. ( + Arquivo de Lence, Mondoñedo ).

LORENZO FDEZ., Xoaquin : *Cantigueiro popular da Limia Baixa*, Fund. Penzol, ed. Galaxia, Vigo, 1973.

NORIEGA VARELA, Antonio: *Como falan os brañegos*, Ed.Nós, a Coruña, 1928.

NOVO Y GARCIA, V.: *Romancero de Galicia*, Andres Martínez ed.,a Coruña, 1887.

MARTIN HERNANDEZ, Francisco: *España cristiana*, BAC , 1982.

MARTIN, Paco: *O libro das adiviñas*, Akal, Madrid, 1975.

MORAN FRAGA, Cesar C.: *O mundo narrativo de Alvaro Cunqueiro*, AGAL,a Coruña,1990.

OTERO PEDRAYO, Ramón: "Prólogo" in *Obra Completa*, M.L.P., Nós, 1930

PEREZ BALLESTEROS, José: *Cancionero popular gallego*, fac-símil.,1885.

POLIN, Ricardo, e DURAN, Luz Maria : *José Crecente Vega. A Poesía de Codeseira* (Edición crítica e estudio),11º Premio Anxel Fole.

Fund. Caixa Galicia-El Progreso A.G.,Lugo, 1997.

PORTAS, Manuel: *Língua e sociedade na Galiza*, Ed Bahía, 3ª ed.,a Coruña, 1991.

RABADE, Xoán Carlos: *Normas ortográficas do idioma galego*, Ed..La Voz de Galicia, a Coruña, 1980.

RICO Y AMAT, Juan: *Diccionario de los políticos*, I.F.A., Madrid, 1885.

RIELO CARBALLO, Isaac: *Cancioneiro da Terra Cha (Pol)*, Ed do Castro, 1980.

RISCO, Vicente : "Ensaio de un programa para o estudo da literatura popular galega",in revista Nós, nº56, 1933.

VALLADARES NUÑEZ, Marcial: *Cantigueiro popular*, RAG, A Cruña,1970.

VARELA JACOME, Benito: *Historia de la literatura gallega.*, Porto ed., 1951.

VESTEIRO TORRES,Teodosio: *Galería de Gallegos Ilustres*, Madrid, 1874.

VILLARES MOUTEIRA, Félix: *Os poetas do Seminario de Mondoñedo*, Diputación Prov., Lugo, 1997.

## Nota

Foram consultados os jornais da época de Leiras que figuram nas bibliografias do autor antes citadas.

Os jornais de Mondonhedo, Lugo, a Corunha e Buenos Aires, foram tidos em conta ( salvo *El Farol* e *El Hermandino*, que não pudemos achar)

Analisaram-se as revistas *O Tio Marcos da Portela* e *Galicia* e o semanário «A NOSA TERRA» da primeira época, *A Monteiro* e *O Gaiteiro*.

Assim mesmo, têm-se em conta as publicações em jornais das Letras Galegas de 1983.





# v. 7

VOLUME 1 CANTARES GALEGOS

VOLUME 2 QUEIXUMES DOS PINOS  
E OUTROS POEMAS

VOLUME 3 CANTOS LUSÓFONOS

VOLUME 4 FOLHAS NOVAS

VOLUME 5 PROEL E O GALO  
E POESIA E PROSA GALEGA COMPLETA

VOLUME 6 OBRA SELETA



